

Evanildo da Silveira

ALMANAQUE COMPLETO DA **COPA DO MUNDO**

A HISTÓRIA DE TODOS OS CAMPEÕES MUNDIAIS



★ URUGUAI - 1930



★ ITÁLIA - 1934



★★ ITÁLIA - 1938



★★ URUGUAI - 1950



★ ALEMANHA - 1954



★ BRASIL - 1958



★★ BRASIL - 1962



★ INGLATERRA - 1966



★★★ BRASIL - 1970



★★ ALEMANHA - 1974



★ ARGENTINA - 1978



★★★ ITÁLIA - 1982



★★ ARGENTINA - 1986



★★★ ALEMANHA - 1990



★★★★ BRASIL - 1994



★ FRANÇA - 1998



★★★★★ BRASIL - 2002



★★★★ ITÁLIA - 2006



★ ESPANHA - 2010

• CURIOSIDADES
• FORMAÇÕES
• CRAQUES E MUITO MAIS...



DISCOVERY
PUBLICAÇÕES



BIBLIOGRAFIA

- ▶ *Almanaque dos mundiais – Os mais curiosos casos e histórias de 1930 a 2006* – Max Gehringer.
- ▶ *Todas as copas – De 1930 a 2002* – Lance! Editorial. Edição de Roberto Assaf.
- ▶ *O jogo bruto das copas do mundo* – Teixeira Heizer.
- ▶ *Uol Copa do Mundo* - <http://copadomundo.uol.com.br/>
- ▶ *Sua Pesquisa* - <http://www.suapesquisa.com>
- ▶ *Campeões do Futebol* - <http://www.campeoesdofutebol.com.br>
- ▶ *Mochileiro Descobrimdo o Brasil* - <http://mochileiro.tur.br/>
- ▶ *Site da Fifa* - <http://pt.fifa.com/>

COPA DO MUNDO



Rua Padre Agostinho Poncet, 135 – Mandaqui
CEP: 02408-040 – São Paulo – SP
www.discoverypublicacoes.com.br

Diretores

Fábio Kataoka
Nilson Festa

Administração Geral

Andreza de Oliveira Pereira
andreza@discoverypublicacoes.com.br

Produção Editorial

Robson Oliveira

Coodenação Editorial

Carlos Kataoka

Pesquisa, redação e edição

Evanildo da Silveira

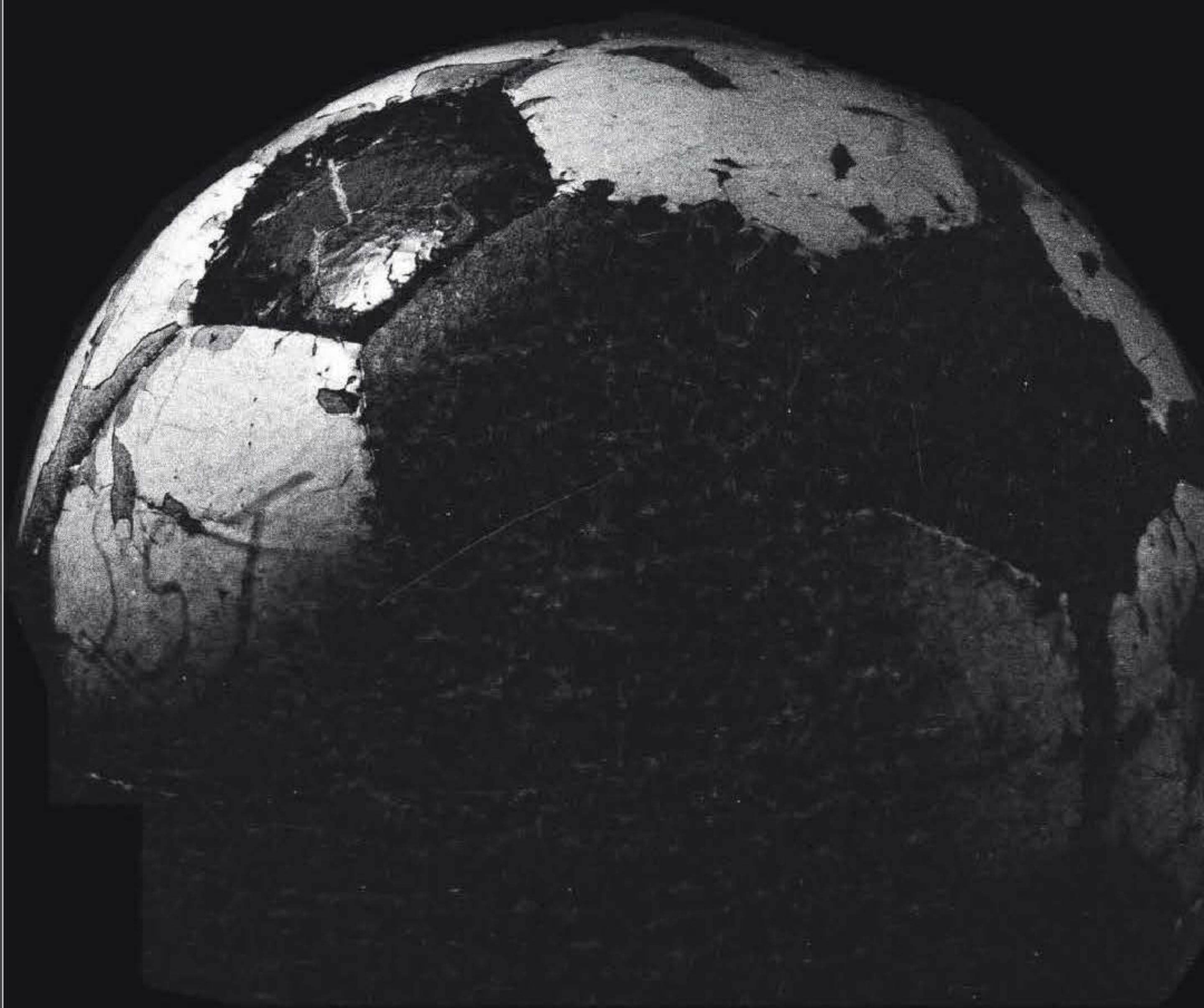
Direção de Arte

Marcelo Almeida

Atendimento ao Cliente

atendimento@discoverypublicacoes.com.br
(11) 2977-5878

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste trabalho, seja por meio eletrônico ou impresso, inclusive fotocópias sem prévia autorização e consentimento da editora.



JUNTOS NUM SÓ
RITMO

APRESENTAÇÃO	06
CAPÍTULO 1	
1930 - URUGUAI	12
CAPÍTULO 2	
1934 - ITÁLIA	18
CAPÍTULO 3	
1938 - FRANÇA	24
CAPÍTULO 4	
1950 - BRASIL	30
CAPÍTULO 5	
1954 - SUÍÇA	36
CAPÍTULO 6	
1958 - SUÉCIA	42
CAPÍTULO 7	
1962 - CHILE	48
CAPÍTULO 8	
1966 - INGLATERRA	54
CAPÍTULO 9	
1970 - MÉXICO	60
CAPÍTULO 10	
1974 - ALEMANHA	66
CAPÍTULO 11	
1978 - ARGENTINA	72
CAPÍTULO 12	
1982 - ESPANHA	78
CAPÍTULO 13	
1986 - MÉXICO	84
CAPÍTULO 14	
1990 - ITÁLIA	90
CAPÍTULO 15	
1994 - ESTADOS UNIDOS	96
CAPÍTULO 16	
1998 - FRANÇA	102
CAPÍTULO 17	
2002 - CORÉIA/JAPÃO	108
CAPÍTULO 18	
2006 - ALEMANHA	114
CAPÍTULO 19	
2010 - ÁFRICA DO SUL	120
BIBLIOGRAFIA	127



*Jules Rimet, ex-presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA)
e criador da primeira Copa do Mundo em 1930,*

COMO **TUDO COMEÇOU**

Nunca houve uma Copa do Mundo como a de 1930. Realizada no Uruguai, entre os dias 13 e 30 de julho, ela foi a primeira das 19 organizadas até hoje – a do Brasil em 2014 será a de número 20. Mas não é por isso que ela é única. As diferenças com as outras que se seguiram vão muito além disso. Para começar é a única da história que não teve eliminatórias. Também é única na qual todos os jogos foram disputados numa cidade só, Montevidéu, e a final num dia de semana. Nela, houve ainda treinador de uma seleção que apitou jogo disputado por outras duas e time de um país que jogou com as camisas emprestadas de outro e quatro equipes chegando num mesmo navio. Para não falar em coisas que estavam de acordo com os costumes da época, como juiz apitando de paletó, gravata e sapato e time entrando de casaca por cima das camisas de jogo.



A história dessa copa *sui generis* começou bem antes, no entanto. A primeira vez que apareceu a ideia de realizar um campeonato mundial de futebol entre países foi em 1905, um ano depois da fundação da Federação Internacional de Futebol Associado, a FIFA, como é mais conhecida. A proposta foi do seu primeiro presidente, o jornalista francês Robert Guerin. Mas tudo ficou na intenção, pois nenhum país demonstrou interesse em participar do torneio. A ideia voltou em 1914, defendida por outro francês, Jules Rimet, então presidente da federação de futebol de seu país. A eclosão da Primeira Guerra Mundial naquele ano adiou, no entanto, mais uma vez a realização de uma copa do mundo.

Mas Rimet era um homem persistente e não iria desistir tão facilmente. Um ensaio do que poderia ser uma copa do mundo organizada pela FIFA ocorreu na Olimpíada de Antuérpia, na Bélgica, em 1920, quando a entidade substituiu o Comitê Olímpico na organização do torneio de futebol. Nesse mesmo ano, Rimet foi eleito para a diretoria da FIFA e no ano seguinte, chegou à presidência da entidade, cargo que ocuparia até 1954. Mas esta é outra história.

Voltando à organização da Copa. Nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928 a FIFA continuou como responsável pela organização do torneio de futebol. A experiência ajudou a firmar ainda mais a convicção de Rimet de que sua entidade deveria organizar um campeonato aberto também a profissionais e não só a amadores, como era o das Olimpíadas. Isso contribuiu para criar divergências entre a FIFA e o Comitê Olímpico, o que ajudou a eliminar o futebol dos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles, nos Estados Unidos. Mas essa também é outra história.

A Copa do Mundo de futebol começou a tomar forma de fato logo após as Olimpíadas de 1924, que foram realizadas em Paris. Por determinação de Rimet, a FIFA criou um comitê, liderado por seu compatriota e então secretário da Federação Francesa de Futebol, Henri Delaunay, para estudar a viabilidade de a entidade realizar um torneio internacional de seleções nacionais de futebol. No início de 1927, Delaunay apresentou a seu chefe, suas conclusões e sugestões iniciais, que incluíam a periodicidade que deveria ser realizada a Copa, de quatro em quatro anos, intercalada com as Olimpíadas.

Em meados do mesmo ano, Rimet apresentou a proposta no Congresso da FIFA, realizado em Helsinque, na Finlândia. Mais uma vez a ideia não vingou, pois os representantes dos países filiados à entidade não quiseram se comprometer a organizar a primeira Copa do Mundo. Mas o presidente da FIFA não se deu por vencido, e, junto com Delaunay, iniciou um intenso trabalho de bastidores, para convencer as federações nacionais filiadas à FIFA a apoiar a realização da Copa. Seu esforço foi recompensado.

Em 26 de maio de 1928, Delaunay apresentou as conclusões do comitê que liderava, durante 17º Congresso da FIFA, realizado em Amsterdã, durante os





Jogos Olímpicos, que também aconteciam na cidade. Era o dia da abertura do torneio olímpico de futebol. A proposta era a realização de um campeonato internacional de futebol, aberto às seleções de todos os países filiados à entidade, que seria realizado no território de um único país, de quatro em quatro anos. Colocada em votação, ela foi aprovada por 23 votos a favor e cinco abstenções (Dinamarca, Estônia, Finlândia, Noruega e Suécia).

Faltava agora escolher o país que sediaría o mundial. Um dos primeiros a se candidatar a organizar a Copa do Mundo foi o Uruguai, que havia expressado o seu interesse ao próprio Rimet já em 1925, por intermédio de seu embaixador na Holanda, Enrique Buero. Para isso, o país sul-americano se comprometia a construir um moderno estádio com capacidade para 80 mil pessoas, que seria o maior do mundo na época, e a pagar as despesas de viagem, alimentação e hospedagem dos países que participassem do evento. Pesava também a favor do Uruguai o fato de o país ser bicampeão olímpico de futebol (foi vencedor dos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928) – e ter, portanto, o melhor futebol do mundo da época – e comemorar o centenário de sua independência em 1930.

Mas o Uruguai não era o único país a querer abrigar o torneio. Espanha, Holanda, Itália e Suécia também se candidataram. A preferência da FIFA recaía, no entanto, sobre o país sul-americano faltava agora convencer os orgulhosos europeus filiados a ela a abrirem mão de sediar a primeira Copa do Mundo da história. De novo, foi importante o trabalho político de bastidores de Rimet. Depois de muita diplomacia, ele convenceu os outros candidatos a abrirem mão de suas intenções. Assim, no Congresso da FIFA, realizado em Barcelona, nos dias 17 e 18 de maio de 1929, o Uruguai foi escolhido por aclamação, pelos 23 delegados da entidade, para sediar a primeira Copa do Mundo.

Vencida esta primeira batalha, Rimet teve que enfrentar uma outra, talvez mais difícil: convencer os europeus a participar do torneio. Não era tarefa fácil. Naquele ano, 1929, o mundo, principalmente a Europa, vivia uma séria crise econômica, causada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Além disso, o custo e a distância da viagem até a América do Sul – eram necessários 16 dias para atravessar o Oceano Atlântico de navio – eram outros obstáculos. Além disso, muitos países alegaram que seus jogadores não poderiam ficar dois meses longe de casa e de seus trabalhos – vários deles eram amadores. Por isso, até o final daquele ano nenhuma seleção europeia havia confirmado presença no Uruguai.

O presidente da FIFA viajou, então, a vários países tentando convencê-los pessoalmente a participar do campeonato no Uruguai. Nesse périplo, ele se encontrou, inclusive, com o rei Carol, da Romênia, adepto dos esportes e que demonstrou entusiasmo com a Copa. Apesar dos esforços de Rimet, apenas quatro países europeus (Bélgica, França, Iugoslávia e Romênia) aceitaram fazer a travessia oceânica para jogar na América do Sul. Eles se juntaram, assim,



a sete países sul-americanos (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Peru, além do Uruguai) e dois norte-americanos (Estados Unidos e México), totalizando 13 competidores. Como eram poucos, não houve eliminatórias.

❖ O TROFÉU

No mesmo congresso de Barcelona, em que foi criada a Copa do Mundo, ficou decidido que o campeão de cada uma delas receberia um troféu.

O próprio presidente da FIFA, Jules Rimet, fez o esboço – uma mulher com asas e braços erguidos - do primeiro e o entregou ao seu compatriota e escultor, Abel Lafleur (1875-1953), para que fosse feita as formas definitivas e criasse a taça. Chamado inicialmente de *Victoire aux ailes d'or* ou *Vitória com asas de ouro*, o troféu é uma estatueta de uma mulher alada, sustentando um cálice octogonal acima dela, com 30 centímetros de altura e quatro quilos, dos quais 1,8 quilos de ouro maciço, sobre uma base da pedra preciosa lápis-lazúli. Ela representa Niké ou Nike (ou ainda Nice), deusa da vitória na mitologia grega.

Ela foi encomendada a Lafleur um ano antes do mundial e ele levou sete meses para concluí-la, entregando-a à FIFA em abril de 1930. Conta-se que não foi fácil para o escultor, pois ele não era especialista em trabalhar com ouro. Para concluir a tarefa, Lafleur passou várias noites em claro, tentando por prática aquilo que Jules Rimet queria. O custo total da taça foi orçado em cinquenta mil francos, considerado uma grande soma na época.

Durante a Segunda Guerra Mundial, para que os nazistas não se apoderassem dele, o valioso troféu ficou escondido em uma caixa de sapatos, embaixo da cama do vice-presidente da FIFA, o italiano Ottorino Barassi. Em 1º de julho de 1946, durante o congresso da entidade, realizado em Luxemburgo, o troféu passou a se chamar Taça Jules Rimet, em homenagem a seu idealizador. Desde que foi criada por Lafleur, ela se tornou objeto de cobiça de todas as seleções de futebol do planeta. Isso durou até 1970, quando, com o terceiro título conquistado no México, o Brasil a trouxe definitivamente para casa.

Mas não eram apenas os times nacionais que ficavam de olho na Taça Jules Rimet. Os amigos do alheio também. Ela deve ser o único troféu importante do futebol a ser roubado duas vezes. A primeira foi em 20 de março de 1966, antes da Copa que seria realizada naquele ano na Inglaterra. Ela estava exposta no Center Hall de Westminster, em Londres, junto a uma coleção de selos, de onde desapareceu, apesar do forte esquema de segurança. A Scotland Yard foi imediatamente acionada e, embora tenha prendido um suspeito do roubo, não conseguiu localizar o troféu. Quem fez isso foi um pequeno cão, chamado Pickles, que passeava com seu dono, David Corbette, no dia 27 de março, numa praça do Sul da capital in-



glesa, e, ao farejar um arbusto, achou a Taça Jules Rimet embrulhada em jornais.

A segunda vez em que o troféu foi roubado aconteceu no Brasil, depois que o país já estava com sua posse definitiva. No dia 20 de dezembro de 1983, a Jules Rimet foi surrupiada da sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Por uma dessas coisas que seus detratores dizem que só acontece no Brasil, a taça original estava exposta para o público, enquanto uma réplica repousava trancada a sete chaves num cofre. Dias depois, descobriu-se, para assombro e tristeza dos amantes do futebol e dos atletas e pessoas envolvidas na sua conquista, que o troféu havia sido derretido, para a venda de seu ouro. Por uma série de acasos, o crime foi desvendado, mas ninguém foi punido por ele. Apesar disso, a FIFA ofereceu à CBF uma réplica, feita por Eastman Kodak, com uso de 1,875 quilogramas de ouro. Concluída em 1986, hoje se encontra na sala de troféus da entidade.

❖ A VIAGEM

"Pitorescos personagens esses futebolistas. Quem não os conhece poderia confundi-los com alguns de nossos robustos foguistas ou com estivadores. Homens fortes, e nem poderia ser diferente, porque é preciso estar em grande forma para ter coragem de meter a cabeça nessa bola de couro que parece pedra e ainda tem uma costura em relevo."

Essa anotação, no diário de bordo capitão-de-longo-curso Amedeo Pincetti, revela um pouco do que se passou a bordo do navio italiano *SS Conte Verde*, numa viagem histórica realizada em 1930. Foi nessa embarcação que viajaram três das quatro seleções europeias, que participaram na primeira Copa do Mundo, realizada naquele ano no Uruguai.

Com 173 metros de comprimento e 22 de largura, 18 mil toneladas e capacidade para transportar cerca de dois mil passageiros, o vapor *SS Conte Verde* era um dos mais modernos, luxuosos e velozes navios da época. Por isso, foi escolhido por Jules Rimet para transportar três equipes europeias, além dos árbitros e dirigentes da FIFA, que iriam participar do torneio no Uruguai. Para isso, parte de seu espaço foi adaptado e praticamente transformado num complexo esportivo flutuante, que incluía ginásio, piscina e mesas de pingue-pongue. Mas os jogadores preferiam era mesmo bater bola no convés da embarcação – muitas bolas se perderam no mar –, momentos em que impressionaram o comandante.

O primeiro time a embarcar foi o da Romênia, no porto de Gênova, na Itália, ao som de uma banda de música, no dia 20 de junho de 1930, uma sexta-feira quente e ensolarada. No dia seguinte, o *SS Conte Verde* aportou em Villefrance-sur-Mer, na França, onde a seleção do país subiu a bordo, junto com o pessoal



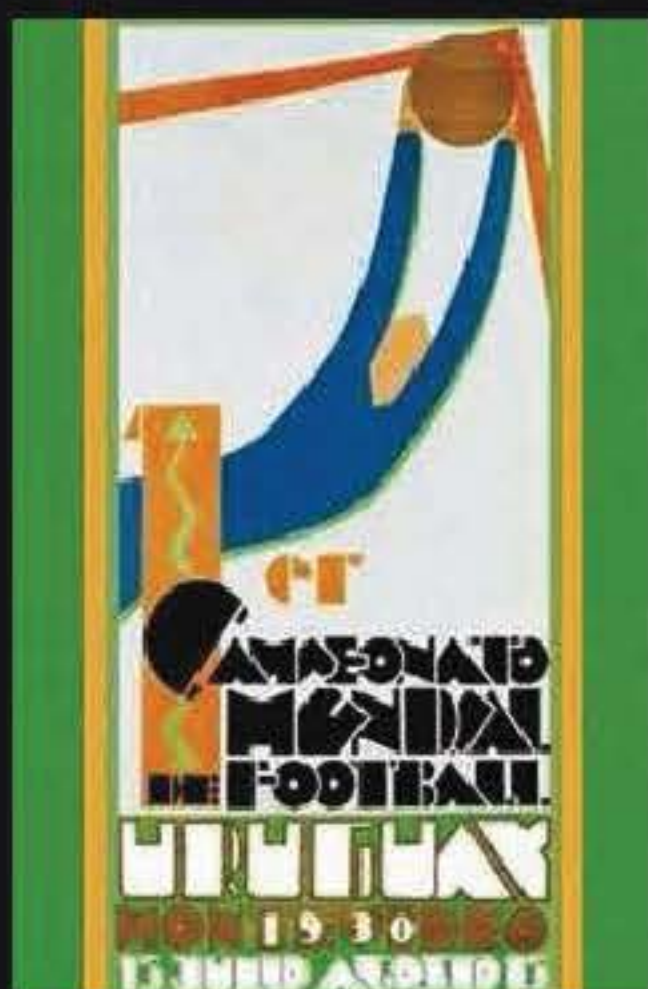
da FIFA e três juízes - os belgas Jean Langenus e Henri Christophe, e o francês Thomas Balvay. Rimet levava junto uma filha e uma valise, da qual nunca se separava, com a taça *Victoire aux ailes d'or*. Um dia depois, em 22 de junho, a embarcação chegou a Barcelona, na Espanha, onde apanhou a delegação da Bélgica, zarpando no mesmo dia para Montevidéu. Antes de chegar à capital uruguaia, o vapor fez escalas em Lisboa, Ilha da Madeira, Ilhas Canárias e Rio de Janeiro, onde atracou em 29 de junho.

Na então capital do Brasil, a embarcação vinda da Europa deu uma carona para a seleção brasileira e zarpou rumo ao Uruguai. Antes de chegar lá, no entanto, parou em Santos, onde os jogadores de todos os times a bordo compraram bananas, laranjas e abacaxis. Para os atletas brasileiros, quase todos cariocas, acostumados ao calor tropical, a viagem de cinco dias no *SS Conte Verde* não foi nada agradável. Castigados pelo frio intenso e a ventania gelada, eles praticamente não saíram de seus camarotes, ficando sem fazer exercícios, o que deixou sua forma física prejudicada para a estréia no torneio. A seleção brasileira e as outras a bordo do navio italiano foram recebidas no porto de Montevidéu por cerca de 10 mil pessoas, numa grande festa, que incluiu salvas de tiros de canhão.





▶ URUGUAI CAMPEÃO



1930

ONDE TUDO COMEÇOU

DIFERENTEMENTE DO QUE OCORRE NAS COPAS ATUAIS, EM QUE O SORTEIO DOS GRUPOS É FEITO NO ANO ANTERIOR, NO TORNEIO DO URUGUAI ELE FOI FEITO APENAS A UMA SEMANA DO INÍCIO DO EVENTO.

A FIFA se reuniu no dia 7 de julho para esse fim e definiu que o campeonato teria quatro grupos, três com três times cada e um com quatro. Como cabeças de chave dos grupos 1, 2 e 3 foram definidos, respectivamente Uruguai, Argentina e Brasil. Quanto a Grupo 4, foi decidido que ele teria dois cabeças de chaves, Paraguai e Estados Unidos. Decidido isso, foi feito o sorteio para distribuir as outras equipes nos grupos. No final ficou assim:

- ▶ **Grupo 1:** Argentina, Chile, França e México;
- ▶ **Grupo 2:** Brasil, Bolívia e Iugoslávia;
- ▶ **Grupo 3:** Uruguai, Peru e Romênia;
- ▶ **Grupo 4:** Estados Unidos, Paraguai e Bélgica.

Também diferentemente das copas posteriores, a de 1930 foi aberta com dois jogos, realizados no dia 13 de julho, no mesmo horário, às 15h. No estádio Pocitos, do Peñarol, hoje demolido, jogaram França e México e no Gran Parque Central, Estados Unidos e Bélgica. O ponta-pé inicial da história das copas foi dado pelo atacante francês André Maschinot, que também foi o primeiro jogador do seu país a marcar dois gols numa copa, nessa mesma partida, que seu time venceu por 4 a 1. Foi nesse mesmo confronto, que foi marcado o primeiro gol da história do torneio da Fifa. Seu autor foi outro francês, Lucien Laurent, aos 15 minutos do primeiro tempo.

Mas mais tarde, Lucien Laurent comentaria aquele tento: “Estávamos enfrentando o México e estava nevando, uma vez que era inverno no hemisfério sul. Um dos meus colegas de time cruzou a bola e eu segui seu caminho cuidadosamente, dando um voleio com meu pé direito. Todos ficamos felizes mas não ficamos rolando pelo chão - ninguém percebeu que estávamos fazendo história. Um rápido aperto de mãos e voltamos pro jogo. E não houve nenhum bônus; éramos todos amadores àquela época.” No estádio Gran Parque Central, do Nacional, os norte-americanos venceram os belgas por 3 a 0. Apesar de o jogo entre França e México ter ficando na História, foi o que teve menos público, apenas cerca de mil torcedores. O outro teve dez vezes mais expectadores, 10 mil.

Feito às pressas para a Copa, o Estádio Centenário não ficou pronto a tempo para o início do torneio. Por isso, a estreia do Uruguai só ocorreu cinco dias depois, num jogo contra Peru. Foi uma partida dura, vencida pelos donos da casa e favoritos ao título por 1 a 0, gol marcado por Héctor Castro, *El Manco*, aos 20 minutos do segundo tempo. O uruguaio tinha esse apelido, porque havia perdido a mão direita num acidente e, em espanhol, manco é quem tem deficiência nas mãos e não nos pés, como em português. O jogo foi precedido por uma grande festa e uma cerimônia em comemoração ao centenário de independência do Uruguai.

Nessa primeira fase da competição aconteceram incidentes pouco comuns,



alguns deles com a presença de brasileiros. Um exemplo se deu no jogo Brasil e Bolívia, disputado no dia 20 de julho, no Estádio Centenário, como preliminar de Paraguai e Bélgica. Na época, o Brasil jogava com camisas brancas – uniforme que foi utilizado até 1953 –, assim como a Bolívia. Os calções – azuis, os dos brasileiros, e pretos, os bolivianos – também ajudavam a confundir o árbitro e o pequeno público (1.200 pessoas), presente no estádio naquele momento.

Por isso, logo depois do início da partida, o juiz francês Thomas Balway resolveu interrompê-la para que um dos times trocasse de camisa. O problema é que nenhuma das duas equipes tinha levado um uniforme reserva para o estádio. A solução veio dos dirigentes uruguaiois, que ofereceram as camisas de treino de sua seleção. A Bolívia aceitou e, assim, pela primeira e única vez em sua história, jogou de azul celeste. Em tempo: o Brasil venceu por 4 a 0, com dois gols de Moderato e dois de Preguinho. Foi a primeira vitória da seleção brasileira numa Copa do Mundo.

Em outro jogo incomum, o protagonista foi um juiz brasileiro, Gilberto de Almeida Rego, o primeiro a atuar em uma copa. Ele apitou três partidas: Argentina 1 x França 0, Uruguai 4 x Romênia 0 e Uruguai 6 x Iugoslávia 1. Mas foi na primeira delas que ele se destacou. Não pela qualidade de sua atuação, mas por um erro, que revoltou a torcida uruguaia, que torcia pela França. Rego deve ter se confundido com o cronômetro e encerrou o jogo seis minutos antes do tempo regulamentar, quando a Argentina vencia por 1 a 0. Após os protestos, que uniu uruguaiois e franceses, ele resolveu reiniciar a partida. Para isso, alguns jogadores tiveram de retornar do vestiário, para onde já haviam se recolhido.

❖ **O BRASIL**

No jogo propriamente dito, a seleção brasileira não fez melhor que o árbitro Gilberto de Almeida Rego.

Disputou apenas dois jogos, perdendo um e vencendo outro, o que lhe valeu o sexto lugar na sua primeira Copa – levariam ainda 28 anos até que conseguisse ganhar seu primeiro título, em 1958 na Suécia. Mas essa é outra história. Na sua estreia no torneio de 1930, no dia 14 de julho, no Estádio Gran Parque Central, o Brasil perdeu para a Iugoslávia por 2 a 1. Parte desse primeiro insucesso foi atribuído pelos atletas brasileiros ao campo encharcado e ao frio, que teriam favorecido o time europeu. Eles até podem ter uma certa razão, porque o tempo naquele dia não era dos mais favoráveis para os nascidos nos trópicos.

Os registros meteorológicos da época e o testemunho de quem estava em Montevideu naquele dia dão conta que o frio era de rachar, com uma ventania gelada e cortante, que levou a sensação térmica a ser muito menor do que os 2°C registrados nos termômetros. Tanto que os jogadores tiveram de entrar em



campo com duas camisas de algodão por baixo da camisa oficial da seleção. Além disso, no intervalo eles se enrolaram em cobertores e tomaram chá quente no vestiário. “O único adversário que encontramos em Montevideu não foram o 11 iugoslavos: foi o frio, um frio atroz e ininterrupto”, declararia mais tarde Teófilo, atacante do São Cristóvão, ao jornal carioca *A Crítica*, tentando explicar o motivo da desclassificação da seleção brasileira.

Nã era de espantar o efeito do frio sobre os brasileiros. Todos eles, com exceção de um, jogavam em times do Rio de Janeiro e a maioria era nascida naquela cidade mesmo. Essa composição do time nacional era consequência de uma rixa entre cariocas e paulistas e, mais especificamente entre a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), como sede na então capital da República e responsável na época por todos os esportes no país, e a recém criada Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea).

O estopim da desavença foi o fato de a CBD não ter convidado nenhum membro da Apea para fazer parte da comissão técnica que iria ao Uruguai. Em represália, a entidade paulista proibiu os clubes do estado de liberar seus jogadores para a seleção. Apenas um atleta de São Paulo foi convocado, Araken Patusca, que havia brigado com seu último clube, o Santos, e não tinha vínculo com nenhum outro na época. Mas ficaram de fora craques como Friedenreich, Feitico e Del Debbio, que fizeram muita falta ao time.

A rixa se estendeu à imprensa dos dois estados. A carioca criticava e atacava a “falta de patriotismo e o “regionalismo” dos paulistas e apostava no triunfo da equipe brasileira no Uruguai, prevendo que ela traria o troféu. Esse otimismo contagiou, inclusive, alguns atletas convocados, como o zagueiro Hermógenes, do América. “Fiquem certos: voltaremos campeões”, declarou, peremptório, às vésperas da estreia contra a Iugoslávia, ao jornal carioca *A Crítica*. Em contrapartida, os jornais paulistas apontavam a fraqueza do time e apostavam no seu fracasso. Essa “guerra” pela imprensa acabou dividindo também a torcida dos dois estados. No dia da derrota do Brasil para os iugoslavos, os paulistas fizeram uma enorme festa em frente à sede do jornal *A Gazeta* e um enterro simbólico da CBD. Começava mal a história da seleção nas copas.

❖ AS SEMIFINAIS

Ao final da primeira fase do torneio, classificaram-se em primeiro lugar, nos seus grupos, Argentina, Iugoslávia, Uruguai e Estados Unidos.

Esses times fariam, portanto, as duas semifinais. Faltava definir quem enfrentaria quem. Como estava previsto no regulamento da FIFA, os adversários das duas partidas foram definidos por sorteio. O problema é que assim



havia a possibilidade de que os dois favoritos ao título, Uruguai e Argentina, tivessem de se enfrentar logo de cara, antecipando uma possível final para as semifinais. Mas, para a alegria dos organizadores do torneio e para as duas torcidas, isso não ocorreu. O sorteio, realizado na noite de 22 de julho, indicou os Estados Unidos como adversário da Argentina. O outro jogo seria, portanto, Uruguai e Iugoslávia.

O sorteio também indicou a ordem dos jogos, Argentina e Estados Unidos no sábado, dia 26 de julho, e Uruguai e Iugoslávia, no domingo, dia 27. Os dois jogos foram realizados no mesmo Estádio, o Centenário, o primeiro com um público de 72 mil pessoas e o segundo, com 93 mil. As duas partidas também tiveram o mesmo resultado, 6 a 1 para Argentina e Uruguai. Os gols da primeiro jogo foram de Monti, Scopelli, e dois de Stabile e dois de Peucelle. Brown marcou para os Estados Unidos. No outro jogo, a Iugoslávia chegou a dar um susto nos donos da casa, abrindo o placar com Sekulic. Depois os uruguaios tomaram conta do jogo, no entanto, marcara com que Cea (três vezes), Anselmo (duas) e Iriarte.

❖ **A FINAL**

Com as vitórias de Argentina e Uruguai nas semifinais, ficou definida a final que todos esperavam.

Era o repeteco da decisão da Olimpíada de 1928, vencida pelo Uruguai, que queria manter sua hegemonia no futebol mundial. A Argentina, como não poderia deixar de ser, desejava a revanche. A final da Copa seria disputada no dia 30 de julho, uma quarta-feira, um dia de semana, portanto, fato que nunca mais se repetiu na história do torneio. Desde então, as finais são disputadas sempre num domingo – a única exceção foi em 1966, que, por motivos religiosos, foi realizada num sábado.

Os portões do Centenário foram abertos às 8h, seis horas antes do início da partida. Ao meio-dia, o estádio já estava lotado, com 68.346 pagantes. Mas havia mais gente no campo, pois muitos não pagaram ingresso. A estimativa é que o público total tenha sido de 80 a 90 mil pessoas, dos quais pelo menos 10 mil argentinos. Algo em torno de 30 mil deles haviam cruzado os 200 quilômetros do Rio da Prata, que separam Buenos Aires de Montevideu. Por isso, as autoridades uruguaias escalaram 10 mil policiais para garantir a segurança do jogo.

Foi a partida que teve o maior público da Copa, mas, devido ao grande número de penetras, não foi a que teve a maior renda. Este posto coube à seminal entre Uruguai e Iugoslávia.



▶ GARDEL

Um pouco antes do horário marcado para o início do confronto, o juiz belga Jean Langenus, o melhor da Copa e um dos melhores, senão o melhor do mundo na época, entrou em campo com seu uniforme, que hoje pareceria no mínimo estranho: paletó, gravata, sapato e meia-calça.

Essa meia-calça, diga-se, não é parecida com a que as mulheres usam hoje em dia. Trata-se de uma calça colante até pouco acima dos joelhos e daí para cima folgada, como uma bombacha usada pelos gaúchos. A seleção da Argentina também chamaria atenção hoje pelo seu traje. O time entrou em campo e posou para fotografia vestindo casacas por cima das camisas de jogo.

Na hora de começar o jogo, houve um impasse entre os dois times sobre a bola que deveria ser usada na partida. Na época não havia uma bola oficial da Copa. Elas diferiam de país para país. Os campeonatos do Uruguai, por exemplo, eram disputados com uma bola importada da Inglaterra. A Argentina, por sua vez, fabricava sua própria bola. Por isso, cada time queria disputar a final com a bola que estava acostumado a jogar. Para resolver a discordância, a FIFA teve de intervir e decidiu que cada tempo do jogo seria disputado com uma das bolas. Por sorteio, ficou definido que a do primeiro tempo seria da Argentina. Isso atrasou o início da final em 15 minutos.

Ao que parece, a bola pode ter tido mesmo certa influência no resultado do jogo. Com a sua, a Argentina venceu o primeiro tempo por 2 a 1. Foi o Uruguai, no entanto, que abriu o placar, aos 12 minutos. Dorado recebeu de Hector Castro, na ponta direita, e, mesmo sem ângulo, chutou entre as pernas do goleiro Botasso. Os argentinos partiram em busca do empate, o que conseguiram aos 20 minutos. Peucelle recebeu de Ferreira livre na área, driblou o zagueiro uruguaio Gestido e chutou forte, sem defesa para goleiro Ballestros. Os argentinos continuavam melhor em campo e, aos 37 minutos, viraram o jogo, com Stábile, o artilheiro da Copa. Ele recebeu de Monti na entrada da área, venceu os zagueiros na corrida e, na saída do goleiro, tocou para as redes.

No segundo tempo, jogando com sua bola, os donos da casa foram os vencedores. O time começou pressionando e chegou ao empate aos 12 minutos, por meio de Cea. Ele recebeu de Scarone e, de carrinho, mandou para o fundo da rede. Os uruguaio continuaram atacando e, aos 23 minutos, Iriarte recebeu a bola e desferiu um petardo, sem chance para Botasso, virando o jogo. Daí em diante, por cerca de 20 minutos, a Argentina dominou, pressionando em busca do empate. Mas quando parecia que faria um gol a qualquer momento, o Uruguai foi ao ataque e aos 44 minutos fez mais um, com Hector Castro acabando com as esperanças argentinas. O Uruguai era o primeiro campeão mundial de futebol.



▶ **ITÁLIA** CAMPEÃ



1934

EM NOME DA POLÍTICA

A SEGUNDA COPA
DO MUNDO DA HISTÓRIA
FOI MARCADA PELO
USO POLÍTICO QUE
SE FEZ DELA.

A segunda Copa do Mundo da história foi marcada pelo uso político que se fez dela. Realizada em seu país, a Itália, o ditador Benito Mussolini, o *Duce* (líder, em italiano), aproveitou a popularidade crescente do futebol e o sucesso do mundial anterior no Uruguai, para usar o torneio na promoção do seu governo fascista e mostrar “a nova face do país”. Por isso, se esforçou para transformar o evento em propaganda do seu regime. No campo de jogo, a novidade foi que pela primeira vez houve eliminatórias, para definir as 16 seleções que disputariam a competição propriamente dita. Também pela primeira vez e, no caso, única, o campeão anterior não participou. Magoado com a ausência de muitos países europeus na copa que organizou, o Uruguai se recusou a disputar a da Itália.

A preparação do país sede para receber a Copa de 1934 começou bem antes, na verdade, mais precisamente em 1929, depois que ele foi preterido em favor do Uruguai para realizar o evento de 1930. Mussolini tornou-se primeiro ministro em 1922 e a partir de 1925 passou a usar o título *Il Duce*. Astuto com era, o ditador via no futebol um meio de ampliar e consolidar o Partido Nacional Fascista (PNF) e sua política de governo. No caminho para conquistar o direito de organizar a competição só havia outro concorrente, a Suécia, que tinha manifestado a mesma intenção. Mas devido a problemas financeiros, causados em parte pela quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, e a crise econômica mundial que se seguiu, os suecos desistiram de seu intento em 1931.

Com isso, o caminho ficou livre para os italianos. No 21º Congresso da FIFA, realizado justamente em Estocolmo, capital da Suécia, nos dias 13 e 14 de maio de 1932, foi apresentada a candidatura única da Itália. Sem oposição, a proposta foi aprovada por unanimidade pelos 29 representantes de países filiados à FIFA presentes na reunião. Mas isso só não bastou. A entidade máxima do futebol queria garantias concretas do governo italiano de que teria condições de organizar o mundial, o que obteve uma semana depois. Sem opositores e com garantias governamentais, a escolha da Itália como sede da segunda copa do mundo foi oficializada pelo Comitê Executivo da FIFA, no dia 9 de outubro de 1932.





Antes disso, no entanto, o governo italiano já vinha fazendo investimentos em infraestrutura – o que incluía estádios – com vistas ao mundial. Três novos foram construídos, nas cidades de Turim, Nápoles e Trieste. O primeiro a ser erguido, em 1932, foi o Stadio del Littorio, em Trieste. Em 1934, foram inaugurados os estádios Mussolini, em Turim, e Giorgio Ascarelli, em Nápoles. Outros três foram reformados e ampliados: o Artemio Franchi, em Florença; o Luigi Ferraris (apelidado de Marassi), em Gênova; e o Estádio Nacional do Partido Nacional Fascista, conhecido popularmente como o “Velho Stadio Flaminio”, em Roma. Foram usados no torneio ainda o estádio Giuseppe Meazza, também conhecido como San Siro, em Milão, e o Littoriale, hoje chamado Renato Dall’Ara, em Bologna.

❖ **ARBITRAGEM SUSPEITA**

Garantida a infraestrutura, agora o objetivo de Mussolini era fazer de tudo para assegurar que a Itália fosse a campeã em seus próprios domínios.

Para isso, dizem as más línguas, ele atuou em outra frente: usou seu poder político para influir na escolha de juízes de seu agrado para atuar nos jogos da Itália. Coincidência ou não, alguns árbitros tomaram decisões polêmicas, sempre em favor dos donos da casa. Tanto que ao final da primeira fase havia um descontentamento mais ou menos generalizado com a qualidade da arbitragem. Isso pode ser visto na reunião do Comitê Organizador da FIFA, realizada em Florença para definir os juízes das partidas das quartas de final. Alguns países queriam que eles fossem escolhidos por sorteio; outros, de comum acordo entre os times que iriam se enfrentar; e outros ainda sugeriam simplesmente excluir alguns árbitros da copa.

❖ **NO CAMPO DE JOGO**

No total, 30 seleções se inscreveram para disputar a Copa de 1934.

Além do Uruguai, outra ausência digna de nota foi a da Inglaterra, que tinha sua própria liga e não era filiada à FIFA na época. As 30 equipes foram divididas, por critérios geográficos, em grupos de três e duas para disputar as eliminatórias. Duas delas desistiram sem jogar: Peru e Chile, beneficiando, respectivamente, Brasil e Argentina, que se classificaram para o torneio sem entrar em campo.

Pela primeira e única vez na história das copas, o país sede também teve que disputar as eliminatórias. A Itália se classificou, eliminando a Grécia, num único jogo que venceu por 4 a 0. No final, se classificaram para o mundial Ale-



manha, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Espanha, Egito, Estados Unidos, França, Holanda, Hungria, Itália, Romênia, Suécia, Suíça e Tchecoslováquia.

Outra peculiaridade da Copa de 1934 foi a ausência da fase de grupos. As 16 equipes foram divididas em dois grupos de oito. Num deles ficaram os times considerados mais fortes (Alemanha, Argentina, Áustria, Brasil, Holanda, Hungria, Itália e Tchecoslováquia) e no outro, os mais fracos (Bélgica, Espanha, Egito, Estados Unidos, França, Romênia, Suécia, e Suíça). A disputa para as quartas de final era num jogo só, no esquema mata-mata. Quem perdia estava fora. Foi o que aconteceu com o Brasil, que, apesar de ter ficado no grupo dos “fortes”, perdeu seu único jogo disputado na Itália, por 3 a 1 para a Espanha, do grupo dos supostamente “fracos”.

Desorganizada em campo, apesar de alguns talentos individuais, a seleção brasileira foi presa fácil para o forte time da Espanha. Aos 29 minutos do primeiro tempo já estava 3 a 0 para os espanhóis, com gols de Iraragorri, de pênalti, aos 17 minutos, e Isidro Lángara, aos 26 e 29. No segundo tempo, o Brasil até que tentou uma reação. Aos 11 minutos, Leônidas aproveitou um rebote do goleiro Zamora, considerado o melhor do mundo na época, de um chute de Patesko, e fez 3 a 1. Quatro minutos depois a seleção teve um gol de Luizinho anulado. Aos 17, Waldemar de Brito, perdeu um pênalti, o que afetou sua atuação, e a do próprio time, a partir dali. O resto é história.

Nos outros jogos das oitavas de final, os resultados foram: Itália 7 x Estados Unidos 1, Tchecoslováquia 2 x Romênia 1, Alemanha 5 x Bélgica 2, Áustria 3 x França 2, Suíça 3 x Holanda 2, Suécia 3 x Argentina 2 e Hungria 4 x Egito 2. Com esses resultados se classificaram para as quartas de final Alemanha, Áustria, Espanha, Hungria, Itália, Suécia, Suíça e Tchecoslováquia. Definidos os jogos por sorteio, os resultados foram Alemanha 2 x Suécia 1, Áustria, 2 x Hungria 1, Itália 1 x 1 Espanha e Tchecoslováquia 3 x 2 Suíça.

Na época não havia disputa por pênaltis em caso de empate. Se isso ocorresse, era disputada uma prorrogação. Caso persistisse o empate, haveria um novo jogo, de desempate, como o que ocorreu com Itália e Espanha. No segundo jogo, o time da casa venceu por 1 a 0, classificando-se para uma das semifinais, contra a Áustria, jogo que os italianos venceram por 1 a 0. A outra semifinal, entre Tchecoslováquia e Alemanha, foi vencida pelos tchecos por 3 a 1.

❖ A FINAL

Assim, a grande final seria entre o time da casa, como planejava o “Duce”, e a Tchecoslováquia.

O jogo foi realizado no domingo, 10 de junho de 1934, no estádio do PNF, em Roma. Mais de 70 mil italianos compareceram, atendendo convocação de



Mussolini para “exaltar a supremacia fascista italiana”. A maioria era militante do PNF, que teve preferência na aquisição dos disputados ingressos. Por isso, não é de surpreender que o ditador – que compareceu ao estádio com todo seu ministério – tenha sido ovacionado aos brados de “Duce, Duce, Duce”.

Mais preocupante para os adversários, no entanto, foi a atitude do juiz sueco Ivan Eklind, que havia apitado a semifinal entre Áustria e Itália, com atuação considerada favorável aos donos da casa: ao entrar em campo para apitar a final ele simplesmente fez a saudação fascista, como se fosse um italiano militante do PNF. Mais tarde surgiu uma possível explicação para o gesto, que, como diz um conhecido provérbio italiano, *Se non è vero, è ben trovato* (Se não é verdade, é bem contado). Nas vésperas do jogo, Mussolini ofereceu um jantar para a cúpula da FIFA, do qual também teria participado Eklind. Mais do que isso, ele teria sido convidado para uma longa conversa a sós com o ditador.

Se é verdade não se sabe, mas o fato é que a atuação dele na final foi francamente favorável aos italianos, sendo complacente no combate ao jogo violento deles, deixando de expulsar atletas do time e não marcando faltas e até um pênalti a favor da Tchecoslováquia. Mas mesmo assim, num jogo duro e disputado, que teve como destaques no primeiro tempo os dois goleiros, quase que os tchecos estragam a festa preparada pelo Duce. No segundo tempo, a Tchecoslováquia reclamou de pelo menos dois pênaltis a seu favor não marcado por Eklind. No primeiro, o atacante Puc foi derrubado por trás, quando entrava livre na área. No segundo, o zagueiro italiano Allemandi cortou a bola com a mão.

Apesar disso, foram os tchecos que abriram o placar, aos 31 minutos do segundo tempo, com Puc, que três minutos antes havia saído de campo carregado, depois de sofrer uma entrada violenta do zagueiro Ferrari. Pouco depois de voltar a campo, ele recebeu de Sobotka, no bico esquerdo de grande área e chutou de primeira, no canto direito do goleiro Combi. Sofrer um gol a 14 minutos do final do jogo era tudo que os italianos não queriam. Perder o título na frente do poderoso Mussolini não estava nos planos. Por certo, veio à mente dos atletas a recorrente mensagem do Duce, enviada a eles: vencer ou morrer.

Comandados pelo mais vitorioso treinador da história do futebol italiano, Vittorio Pozzo, os italianos foram para cima, em desespero. Mas o esforço deu resultado. Cinco minutos depois, aos 36 minutos, a Itália chegou ao empate. Virado de costas para ao gol, Orsi recebeu de Ferrari na marca do pênalti, dominou a bola e girou em cima do zagueiro Kostalek e chutou a bola no canto direito do goleiro Planicka. O jogo terminou em 1 a 1, o que forçou a realização de uma prorrogação. Com melhor preparo físico, a Itália marcou logo aos 5 minutos do primeiro tempo da prorrogação, por meio de Schiavio. Ele recebeu de Guaita e chutou para o gol, a bola desviou no zagueiro e encobriu o goleiro Planicka. Foi o gol do título, para alívio do time, alegria da torcida e consagração do regime fascista.



❖ O BRASIL NA COPA

Assim como em 1930, a Copa de 1934 foi mais um fracasso na história da seleção brasileira.

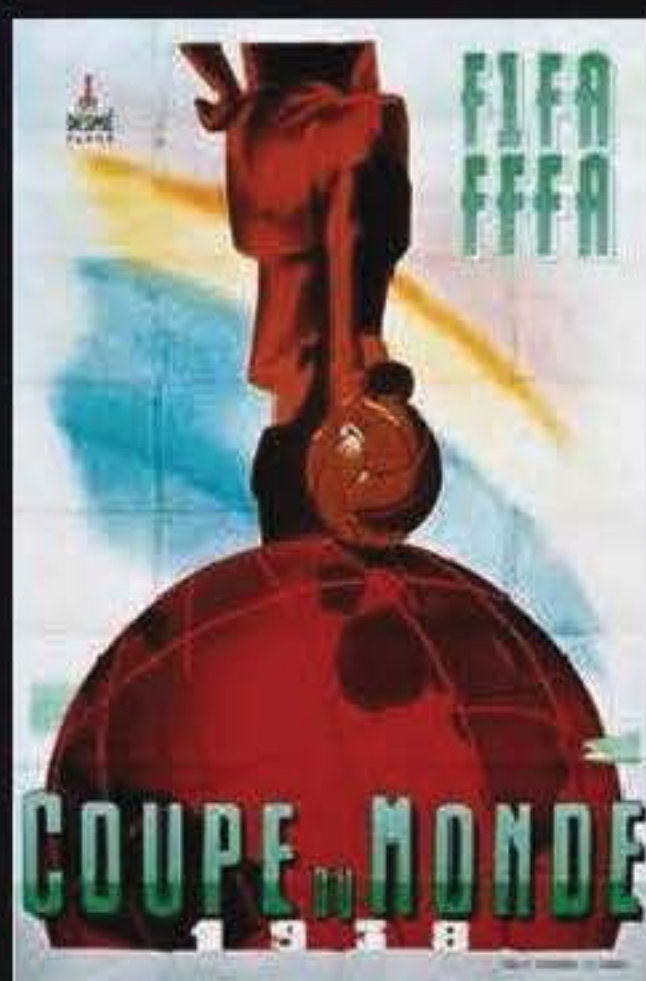
O Brasil ficou em 14º lugar na classificação geral, a pior colocação até hoje. De certa forma, era um resultado previsível. E uma prova de que a equipe não aprendera nada com o fiasco no Uruguai. De novo, a seleção se dividiu antes do torneio. Dessa vez, não entre cariocas e paulistas, mas entre amadores e profissionais. Isso porque o profissionalismo no futebol havia sido introduzido no país em 1933 e desde então passou a haver duas entidades para organizá-lo e tratar dele. Uma delas era a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que cuidava do amador e da seleção brasileira, e a outra a Federação Brasileira de Futebol (FBF), responsável pelo futebol profissional e a qual eram filiados os grandes clubes de São Paulo, além de Flamengo, Fluminense e Vasco, do Rio.

Não era possível montar uma seleção competitiva para a Copa apenas com os jogadores dos clubes amadores. Era necessário contar com os profissionais. O problema era que a FBF, por causa da rixa com a CBD, não liberava os atletas dos seus clubes. Para contornar a situação, a CBD passou a oferecer, extraoficialmente, pequenas fortunas por contratos de seis meses para os jogadores profissionais, para convencê-los a integrar a seleção. Instaurou-se no país então a polêmica se estes jogadores iriam servir a seleção por patriotismo ou porque eram mercenários. Seja como for, a oferta atraiu alguns jogadores e graças a isso o Brasil pode contar com Leônidas da Silva, o maior craque e a grande estrela da época. O outro grande nome daquele tempo, Domingos da Guia não foi liberado por seu clube, o Nacional, do Uruguai, que pediu uma grande soma à CBD, que não aceitou pagar.

Mas mesmo os reforços pagos não conseguiram salvar a seleção do vexame, embora Leônidas da Silva tenha atraído a atenção e começado a se destacar no cenário mundial a partir daquela copa. Vários outros fatores contribuíram para o fracasso, entre os quais um dos principais foi a própria viagem para a Europa. A delegação brasileira embarcou para a Itália, no dia 12 de maio, no navio *Conte Biancamano*, para uma viagem que duraria 11 dias. Durante todo esse tempo, os jogadores ficaram praticamente inativos na embarcação, fazendo apenas poucos exercícios de ginástica à beira da piscina do convés. Outra atividade dos atletas era o jogo de cartas, tanto que teve de ser proibido pela CBD. Como consequência da inatividade, muitos atletas perderam a forma e engordaram. Quando desembarcaram na Itália, no dia 23 de maio, tiveram tempo de fazer apenas um treino antes de enfrentar a Espanha, no dia 27. Deu no que deu.



▶ **ITÁLIA** BICAMPEÃ



1938

O BI DA **POLÍTICA**

REALIZADA UM ANO ANTES DA ECLOSÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, A COPA DO MUNDO DE 1938 FOI TENSA. O PAÍS SEDE, A FRANÇA, ESTAVA CERCADO POR NAÇÕES BELICOSAS.

A nordeste, na Alemanha, Adolf Hitler aumentava seu poder e ameaçava os vizinhos. A leste, na Itália, campeã da copa anterior, o regime fascista de Benito Mussolini estava mais forte do que nunca e também era uma ameaça. Ao sul, na Espanha, o generalíssimo Franco, não menos fascista, havia mergulhado o país numa guerra civil, na qual trucidava a oposição democrática. Apesar de tudo, o campeonato foi realizado com poucos incidentes. No campo de jogo, a seleção do Brasil, pela primeira vez unida, era uma das favoritas ao título e, embora não o tenha conseguido, não fez feio.

A princípio, a França nem era a principal candidata a sediar o mundial. Essa posição era dividida justamente pela Alemanha de Hitler e pela Argentina, que defendia sua candidatura, porque achava que deveria haver rodízio entre a Europa e América do Sul. Como a copa anterior fora num país europeu, a Itália, agora deveria ser sediada num sulamericano. Mas os franceses tinham um defensor de peso: nada menos que seu compatriota Jules Rimet, fundador da FIFA e idealizador da Copa do Mundo. No torneio anterior, em 1934 na Itália, ele havia manifestado a opinião de que seu país natal seria uma boa opção.

A escolha definitiva foi feita em 13 de agosto de 1936, no 23º Congresso da FIFA, realizado em Berlim, durante as Olimpíadas que estavam ocorrendo na cidade. Embora a entidade já contasse com 54 filiados, apenas 24 poderiam votar. Diante de Rimet, parece que os delegados ficaram constrangidos de não escolher a França, que recebeu 19 votos. A Argentina teve quatro e a Alemanha, um. Em protesto, os argentinos resolveram não participar da competição.





❖ **ELIMINATÓRIAS**

Pela primeira vez na história das copas, o campeão da anterior (Itália, no caso) e o país sede (França) estavam dispensados de disputar as eliminatórias.

Inicialmente, outros 36 países se inscreveram para disputar o torneio. As ausências mais notáveis foram a da Inglaterra, que insistia em desprezar a Copa do Mundo, e o Uruguai, que se recusou a tentar uma vaga, em apoio à Argentina. No final, apenas 25 seleções disputaram o direito de participar do campeonato. Elas foram divididas em 12 grupos. Os grupos de 1 a 9, no qual estavam os países da Europa, ofereciam duas vagas. Os demais ofereciam apenas uma.

O Brasil, mais uma vez se classificou sem jogar, agora pela desistência da Bolívia. Entre os classificados, estava pelos menos duas surpresas, as estreantes Cuba e as Índias Holandesas, hoje Indonésia, que disputaram a primeira e única copa de sua história. Entre as equipes que iriam jogar pela primeira vez o torneio também estavam a Alemanha e a Polônia. A Áustria, uma poderosa equipe na época, igualmente se classificou, mas não disputou a Copa.

No dia 11 de março de 1938, o país foi anexada pela Alemanha nazista e deixou de existir como nação. Por isso, a Federação Alemã de Futebol comunicou à FIFA que aquele país não participaria do torneio e seus jogadores integrariam a seleção alemã. Como consequência, aquela foi à única copa até hoje a ser disputada por 15 equipes: Alemanha, Bélgica, Brasil, Cuba, França, Holanda, Hungria, Índias Holandesas, Itália, Noruega, Polônia, Romênia, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia. A medida de Hitler ao anexar a Áustria teve ainda uma consequência trágica. Um dos craques do time austríaco, o judeu Mathias Sindelar, se negou a jogar pela Alemanha e, um ano mais tarde, deprimido pela situação de sua pátria e a morte da mulher, se suicidou.

❖ **O BRASIL NA COPA**

Depois da Copa do Mundo de 1934, a seleção brasileira disputou pouquíssimas partidas até a seguinte.

Ao menos problemas como o bairrismo de cariocas e paulistas, que imperou no mundial de 1930, e a divisão de profissionais e amadores, que atrapalhou na convocação da seleção de 1934, foram superados – o que facilitava as coisas. No dia 18 de abril, o técnico Ademar Pimenta anunciou os 22 jogadores que iriam para a França. No dia 30 de abril, eles partiram.

Depois de 15 dias de viagem a bordo do navio inglês *Arlanza*, a delegação brasileira desembarcou na França, 20 dias antes do início da competição, um fato inédito, uma vez que, no mundial anterior, a delegação havia



desembarcado na Itália apenas quatro dias antes de enfrentar a Espanha. A organização rendeu ao Brasil um melhor desempenho, já que pela primeira vez na história das Copas, a seleção brasileira conseguiu passar das rodadas iniciais no campeonato.

❖ A COPA

Pela primeira vez houve uma cerimônia de abertura do evento, que contou com a participação de todas as seleções, devidamente uniformizadas.

O discurso de abertura ficou a cargo do presidente do país anfitrião, Albert Lebrun, que depois foi convidado por Rimet para dar o pontapé inicial da partida inaugural da Copa, entre Alemanha e Suíça, realizada no dia 4 de junho, no estádio Parc des Princes, em Paris. E fez feio: ele errou o chute para delírio da torcida. No confronto em campo, os suíços eliminaram os alemães, mesmo reforçados com jogadores austríacos, em mais um revés da suposta superioridade alemã propagada por Hitler.

Mas não foi naquele dia, que a Alemanha caiu. O primeiro jogo da copa terminou empatado no tempo regulamentar em 1 a 1, o mesmo ocorrendo na prorrogação, só que em 0 a 0. Como previa o regulamento, um novo jogo teve de ser realizado, o que ocorreu em 9 de junho, quando a Suíça venceu a Alemanha por 4 a 2. O equilíbrio desse jogo foi a marca das oitavas de final da Copa de 1938. Dos sete jogos disputados – deveriam ser oito, mas a Suécia venceu a Áustria por WO – nada menos do que cinco foram para a prorrogação e, desses, dois permaneceram empatados sendo necessários um jogo extra.

Entre os que foram para a prorrogação estava Brasil e Polônia, que no tempo normal terminou em 4 a 4. Na prorrogação, os brasileiros venceram por 2 a 1, terminando o jogo, portanto, em 6 a 5. Foi uma das partidas mais acirradas da copa. Foi a primeira vez que a seleção jogou com camisas azuis, que na época era o uniforme de treino e nem distintivo tinha. O uniforme oficial do Brasil então era com camisas brancas, mesma cor do da Polônia. Por isso, houve um sorteio para decidir quem trocava de uniforme e os poloneses venceram. No campo foi diferente.

Mesmo com o gramado do Estádio Meinau, em Estrasburgo, encharcado onde o jogo foi disputado no dia 5 de junho, o Brasil terminou vencendo o primeiro tempo por 3 a 1, com gols de Leônidas, Romeu e Perácio. Para os poloneses marcou Scherfke, de pênalti, cometido por Domingos da Guia. No segundo tempo, o Brasil se acomodou e a Polônia chegou ao empate em 3 a 3, com dois gols de Willimowski. De novo acordados, os brasileiros passaram à frente, com Perácio aos 26 minutos, mas os poloneses empataram aos 44, de



novo por intermédio Willimowski. Na prorrogação, Leônidas marcou duas vezes e Willimowski fez seu quarto gol na partida.

A surpresa nessa fase do torneio ficou por conta de Cuba, que no mesmo dia 5 de junho, em Toulouse, empatou coma Romênia em 2 a 2 nos 90 minutos e em 1 a 1 na prorrogação. Um jogo extra teve de ser realizado no mesmo campo, no dia 9 de junho, que foi vencido pelos cubanos de virada, por 2 a 1. Os resultados dos outros jogos das oitavas de final foram França 3 x Bélgica 1; Tchecoslováquia 3 x Holanda 0 (0 a 0 no tempo normal e 3 x 0 na prorrogação); Hungria 6 x Índias Holandesas 0; Itália 2 Noruega 1 (1 a 1 nos 90 minutos e 1 a 0 na prorrogação).

❖ **QUARTA DE FINAL**

Esses resultados determinaram os jogos das quartas de final: Suécia x Cuba, Hungria x Suíça, Itália x França e Brasil x Tchecoslováquia.

A seleção brasileira nunca tinha ido tão longe numa copa, mas avançaria ainda mais. Brasileiros e tchecos empataram em 1 a 1, no tempo normal, num jogo extremamente violento, realizado em 12 de junho, que ficou conhecido com “A batalha de Bordeaux”. O que não faltou foi jogo violento, brigas e expulsões. Zezé Procópio e Machado, do Brasil, e Riha, da Tchecoslováquia foram expulsos, e dois tchecos, o goleiro Plánicka e atacante Nejedlý, saíram de campo com fraturas, o primeiro na clavícula e o segundo no pé direito. Pelo lado do Brasil, Perácio também ficou muito machucado.

Como a prorrogação também acabou empatada, nesse caso, em 0 a 0, foi necessário um jogo extra, que foi realizado no dia 14 de junho. Dessa vez, os dois times estavam mais calmos e o jogo foi tranquilo. A diferença, é que o técnico brasileiro, Ademar Pimenta, resolveu jogar com nove reservas – os únicos titulares a atuar foram o goleiro Walter e o atacante Leônidas. A Tchecoslováquia saiu na frente, com Kopecký, aos 30 minutos do primeiro tempo. O Brasil virou no segundo tempo, com gols de Leônidas, aos 12 minutos e Roberto aos 17. Nos outros jogos da quarta de final, a Itália eliminou a França por 3 a 1; a Hungria venceu a Suíça por 2 a 0 e a Suécia goleou Cuba por 8 a 0. Assim, as semifinais seriam entre Brasil e Itália e Hungria e Suécia.

A Copa de 1938 foi a primeira que teve transmissão ao vivo por rádio. Por isso, no Brasil aparelhos foram instalados nas repartições públicas das principais capitais do país para que os funcionários pudessem acompanhar a semifinal na França. Mas ainda não seria dessa vez que a seleção chegaria a uma final de copa do mundo. Sem seu artilheiro e craque, Leônidas, e sem seu reserva imediato, Niginho, sem condições de jogo por problemas legais, o



Brasil entrou em campo, no dia 16 de junho, no Estádio Velodrome, em Marseilha, como zebra. A favorita era a Itália, a então campeã do mundo. No primeiro tempo, ajudado um pouco pelo vento, o Brasil até que não fez feio e conseguiu um empate de 0 a 0.

No segundo tempo, com o vento a favor, a Itália foi para cima e abriu o placar longo aos 6 minutos. Na primeira vez em que conseguiu vencer o zagueiro Domingos da Guia, Piola tocou para Colaussi, que chutou rasteiro, no canto. Aos 15 minutos aconteceu o lance mais controvertido do jogo e da copa. Numa lance longe de onde estava a bola, Domingos da Guia deu um chute em Piola dentro da área, o juiz viu e marcou pênalti. Os brasileiros reclamam até hoje, porque a jogada foi sem bola, mas pela regra o juiz estava certo. O capitão Meazza cobrou e fez 2 a 0. O Brasil ainda conseguiu diminuir o placar, com o atacante Romeu, mas era tarde e a Itália estava na final. Na outra semifinal, a Hungria goleou a Suécia por 5 a 1 e também foi para a final.

Embora já com o quarto lugar garantido – sua melhor colocação em uma copa até então– o Brasil entrou em campo, em Bordeaux, para disputar o terceiro lugar contra a Suécia querendo a vitória. E conseguiu, mas não de maneira fácil. Mesmo com o retorno de seu melhor jogador, Leônidas, a seleção saiu perdendo de 2 a 0 e só aos 44 minutos do primeiro tempo conseguiu diminuir com um gol de Romeu. No segundo tempo foi outra história. Leônidas mostrou a que veio marcou duas vezes, aos 18 e 29 minutos, virando o jogo. Perácio aos 35 ainda fez mais um, fechando o placar. O Brasil conquistou o terceiro lugar e Leônidas consagrou-se como o artilheiro do torneio, com sete gols.

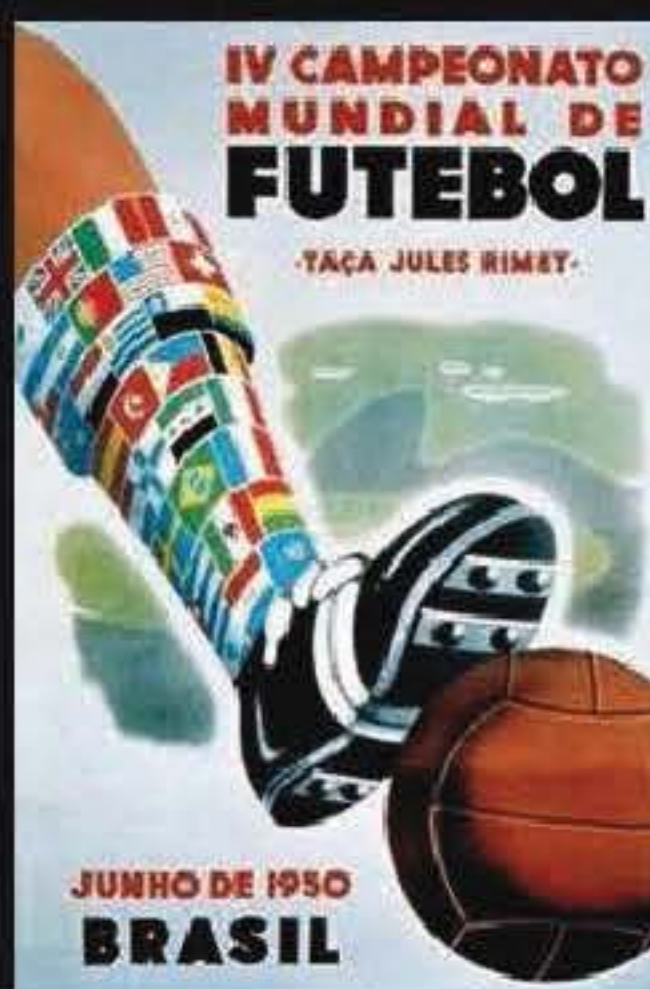
❖ A FINAL

Como tinha feito 1934, o ditador italiano Benito Mussolini enviou um telegrama à equipe de seu país, que iria disputar no dia 19 de junho, a final com a Hungria, no estádio Olympique Colombes, em Paris, com uma mensagem curta e grossa: "vencer ou morrer".

Isso parece ter influenciado no ânimo dos jogadores da Itália. O time entrou com tudo em campo e já aos 6 minutos abriu o placar, com gol de Colaussi. Mas a alegria não durou muito. Dois minutos depois a Hungria empatou, com Tikos. A Itália não se abateu, no entanto, e aos 16 minutos fez 2 a 1, por intermédio de Piola, e aos 35 ampliou com Colaussi novamente. No segundo tempo, a Hungria até que tentou reagir. Aos 25 minutos, Sárosi fez 3 a 2. Mas não adiantou. Aos 37 os italianos marcaram mais um, de novo com Piola, fechando o placar em 4 a 2. A Itália era bi-campeã do mundo.



▶ URUGUAI BICAMPEÃO



1950

TRAGÉDIA NO MARACANÃ

NUNCA UMA COPA DO MUNDO TEVE UM FAVORITO TÃO FAVORITO AO TÍTULO COMO A DE 1950. PELO MENOS NO PAÍS SEDE, O BRASIL, NINGUÉM TINHA DÚVIDA DE QUE O TROFÉU FICARIA EM CASA.

Só faltou combinar com os uruguaiois, que derrotaram a seleção brasileira – que vinha goleando adversários e dando show – em pleno Maracanã, lotado com 200 mil torcedores. Não é de admirar, portanto, a surpresa, a tristeza e o trauma que aquela derrota causou no país do futebol. Por isso, o dia 16 de julho de 1950 ficou marcado para sempre como o mais trágico do futebol brasileiro, o dia que o grito de campeão ficou entalado na garganta de 200 mil pessoas no estádio e de milhões pelo Brasil afora.

A escolha do país como sede da quarta edição da copa do mundo não teve percalços. O Brasil era candidato único. Isso tem a ver com a Segunda Guerra Mundial, que entre 1939 e 1945 destruiu os países da Europa e impediu que fossem realizadas as copas de 1942 e 1946. Depois que o conflito acabou, nenhuma nação europeia tinha condições de organizar o torneio. Na verdade, o Brasil já havia se candidatado para organizar o campeonato de 1942, junto com a Alemanha e a Argentina. As três candidaturas foram apresentadas no 24º Congresso da FIFA, realizado em Paris, em 4 de junho de 1938, dia da abertura da Copa da França. A decisão ficou para o Congresso seguinte, que seria realizado em Luxemburgo, dois anos depois. O início da guerra em setembro de 1939 mudou tudo.

O Congresso seguinte da FIFA só foi realizado em 24 e 28 de julho de 1946, em Luxemburgo. Dos 59 países então filiados à entidade máxima do futebol mundial, 34 participaram da reunião, mas apenas um era candidato a sediar a copa seguinte, o Brasil. Além disso, para reforçar sua candidatura, o país se comprometeu a construir o maior e mais moderno estádio da época, o Maracanã – o que era, diga-se, uma aspiração antiga entre os amantes do futebol no Brasil. Assim, sem oponentes, com vários estádios já prontos e a promessa de um novo – na época, não havia preocupação com outras infraestrutura, como estradas e aeroportos, por exemplo – o país foi confirmado como a sede do mundial de 1950, no 26º Congresso da FIFA, realizado em Londres, no dia 27 de julho de 1948.



❖ **ELIMINATÓRIAS**

No total, 34 países se inscreveram para disputar as eliminatórias da Copa do Mundo de 1950, mas muitos desistiram, alguns antes, outros durante ou depois.

Entre os que se classificaram e desistiram estava a Turquia, que havia se classificado por causa da desistência da Áustria. A vaga dos turcos foi oferecida a Portugal, mas o país declinou do convite. O campeonato britânico de 1949, disputado por Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales, serviu como o Grupo 1 da zona europeia das eliminatórias. Inglaterra e Escócia se classificaram, mas os escoceses desistiram de participar do torneio no Brasil. A FIFA convidou a França, que havia sido a segunda colocada no Grupo 3 para substituí-los. A princípio os franceses aceitaram o convite, mas depois também desistiram.

Na Ásia, no Grupo 10, Burma, Filipinas e Indonésia desistiram, o que classificou automaticamente a Índia. Os indianos abriram mão de vir ao Brasil sob a alegação de que a FIFA não deixava seus atletas jogarem descalços. Na América do Sul, Argentina, Peru e Equador não quiseram de jogar as eliminatórias. Com isso, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai se classificaram automaticamente, sem entrar em campo. Com Brasil (país sede) e Itália (campeã anterior, da Copa de 1938) classificados, descontando as desistências de Escócia, Índia e Turquia, o torneio de 1950, a exemplo de 1930, teve a participação de mais 11 seleções: Bolívia, Chile, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Iugoslávia, México, Suécia, Suíça, Paraguai, Uruguai.

❖ **PRIMEIRA FASE**

Uma outra peculiaridade da copa de 1950 é que foi a única que não teve quartas de final, nem semifinal, nem final propriamente dita.

Por insistência do Brasil, não houve mata-mata. Na primeira fase, as 13 seleções foram divididas em quatro grupos, dois de quatro equipes, um de três e um de dois. O Brasil ficou num dos grupos com quatro equipes, junto com México, Iugoslávia e Suíça. O outro grupo com quatro tinha Chile, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra. Na chave com três seleções estavam Itália, Paraguai e Suécia. Uruguai e Bolívia formaram o grupo com duas. O regulamento da copa previa que, em cada grupo, todos se enfrentassem. O primeiro colocado de cada um iria para um quadrangular final, que apontaria o campeão.

Apesar de ter um grande time, jogar em casa, e por isso, ser o favorito para o título, o Brasil se classificou com dificuldades em seu grupo. Na primeira partida, goleou o México com facilidade, por 4 a 0, mas na segunda não conseguiu vencer



a Suíça, terminando o jogo em 2 a 2, jogo realizado no Pacaembu, em São Paulo, e onde o time foi vaiado. A Iugoslávia, por sua vez, venceu suas duas primeiras partidas, 3 a 0 contra a Suíça e 4 a 1 sobre o México. A decisão de quem seria o primeiro colocado do grupo ficou, portanto, para o jogo entre Brasil e Iugoslávia, que foi realizado no dia 1º de julho, no Maracanã, quase lotado com 140 mil torcedores.

Aí o imprevisto ajudou um pouco o time da casa. Ao subir as escadarias do vestiário para o gramado, o jogador iugoslavo Rajko Mitic bateu a cabeça numa barra metálica e sofreu um corte profundo. Ele teve que receber pontos na cabeça e uma bandagem, por isso não conseguiu entrar em campo junto com os companheiros. Apesar disso, o juiz galês Mervyn Griffiths iniciou o jogo no horário marcado, às 14h45. O Brasil se aproveitou de a Iugoslávia estar apenas com 10 jogadores – Mitic só entrou em campo aos 10 minutos – e abriu o placar aos 3 minutos, com Ademir de Menezes. Os brasileiros ainda fariam mais um, aos 24 minutos do segundo tempo, por intermédio de Zizinho. Como esse resultado, o Brasil garantiu sua participação no quadrangular final.

❖ FASE FINAL

No Grupo 2, quem se classificou foi a Espanha, depois de vencer seus três adversários: os Estados Unidos por 3 a 1; o Chile por 2 a 0 e a Inglaterra, por 1 a 0.

Foi nesse grupo que aconteceu uma das maiores zebras de todos os tempos na história das copas. Depois de esnobar todos os torneios anteriores – por se achar superior a todas as seleções do mundo – a Inglaterra resolveu participar da Copa de 1950. E chegou com prestígio e rodeada de expectativas positivas, o que confirmou contra o Chile, com uma vitória por 2 a 0.

Mas aí veio a partida contra os Estados Unidos, uma seleção composta praticamente de amadores, basicamente filhos de imigrantes, muitos dos quais tinham outros trabalhos, além do futebol. No jogo, realizado no Estádio Independência, em Belo Horizonte, para um público de 12 pessoas, os norte-americanos surpreenderam os ingleses – e todo o mundo. Aos 38 minutos do primeiro tempo, o haitiano Joe Gaetjens, que nem cidadão americano era e morava nos Estados Unidos com um visto provisório, fez 1 a 0 de cabeça. O resto do jogo, a Inglaterra tentou o empate, mas não conseguiu. No jogo, seguinte ela ainda perderia para a Espanha por 1 a 0, tendo que voltar para casa humilhada, com a 8ª colocação no torneio.

No Grupo 3, composto apenas por três equipes, a seleção que se classificou para o quadrangular final foi a Suécia, que venceu a Itália por 3 a 2, e empatou com o Paraguai em 2 a 2. No outro jogo, a Itália derrotou o Paraguai por 2 a 0. O time que teve mais facilidade para chegar à fase final foi o Uruguai, que estava no grupo junto apenas com a Bolívia. No único jogo da chave, os uruguaios



golearam os bolivianos por 8 a 0. Assim, o título da Copa do Mundo de 1950 seria decidido entre quatro finalistas: Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai. Todos jogariam contra todos e a seleção que fizesse mais pontos seria a campeã.

A ordem dos jogos não foi decidida por sorteio, mas de comum acordo entre as equipes. Por sugestão do Brasil, o último jogo seria entre brasileiros e uruguaios, no Maracanã – aliás, também conseguiu convencer as outras equipes de que deveria fazer todos os seus jogos no maior estádio do mundo. E o time começou a fase final arrasador e encantando a plateia e até os adversários. No primeiro jogo, goleou a Suécia por 7 a 1, com quatro gols de Ademir, dois de Chico e um de Maneca. Andersson descontou para os suecos de pênalti. Na segunda partida, outra goleada: 6 a 1 contra a Espanha, com dois gols de Chico, um de Jair, um de Ademir, um de Zizinho e um contra de Parra. Para os espanhóis, marcou Igoa.

O Uruguai, por sua vez, ia avançando com dificuldades. No seus dois jogos chegou a estar perdendo. Contra a Espanha, saiu na frente, mas sofreu uma virada para 2 a 1, mas no final conseguiu empatar. Contra a Suécia saiu perdendo, empatou, tomou segundo e depois virou para a 3 a 2. Com isso, ficou em segundo lugar no quadrangular, com três pontos. O Brasil era o primeiro, com quatro pontos. Por isso, no último jogo da copa, justamente entre os dois times, os brasileiros jogavam por um empate para serem campeões.

❖ **"MARACANAÇO"**

No dia 16 de julho de 1950, milhões de brasileiros – e até de pessoas outras nacionalidades – acordaram com a certeza de que naquela tarde o futebol nacional se consagraria com o seu primeiro título em uma copa do mundo.

Pelo menos 200 mil deles foram até o Maracanã para ver a consagração pessoalmente. Voltaram para casa em silêncio, aos prantos, sem querer acreditar nem entender o que tinha acontecido. Diante da campanha dos dois times no torneio e da evidente superioridade do Brasil, ninguém acreditava que pudesse dar outro resultado que não a vitória da nossa seleção.

Tanto, que no dia do jogo, um jornal carioca estampou a foto do time com o título "Estes são os campeões do mundo". Até o prefeito do Rio de Janeiro, Ângelo Mendes de Moraes, embarcou no clima do já ganhou. Falando pelos alto-falantes do estádio, poucos minutos antes do início do jogo, com as duas equipes já no gramado, ele declarou: "Vós, brasileiros, que em poucas horas sereis aclamados por milhões de compatriotas. Vós, a quem já saúdo como vencedores" De novo, faltou combinar com os uruguaios. Dizem que eles colaram a foto do jornal na porta do seu vestiário e juraram dar a resposta em campo. E foi o que fizeram.



O jogo começou tenso, com o Brasil não jogando tão bem como vinha fazendo até então. O time estava meio apático e aos 37 minutos levou o susto, que calou por um instante o estádio: o uruguaio Miguez acertou a trave de Barbosa. Foi o lance mais perigoso do primeiro tempo. No segundo, logo aos 2 minutos, Friaça, aproveitando um passe de Ademir, abriu o placar. Parecia que as previsões iriam se confirmar. Mas aos 21 minutos, Schiaffino emudeceu de fato o estádio, empatando o jogo ao receber um cruzamento de Ghiggia e mandando para o fundo da rede.

O silêncio da torcida contagiou os jogadores brasileiros, que ficaram apáticos sem saber como reagir. E tudo piorou aos 34 minutos, quando Ghiggia correu em diagonal para a área. Barbosa, achando que ele iria cruzar de novo, como fizeram no primeiro, deu um passo à frente, mas o uruguaio, esperto, chutou entre o goleiro e trave, virando o jogo para 2 a 1. Os jogadores brasileiros acordaram e foram para cima, mas era tarde. A maior tragédia do futebol brasileiro se consumou. Enquanto os jogadores iam para o vestiário chorando, a torcida, também chorando, ficou mais meia hora no estádio tentando entender o que acontecera.

Mais tarde, o capitão uruguaio e grande responsável pela virada no jogo, Obdulio Varela, disse o que sentiu depois do jogo: "Não gostei de ver aqueles 200 mil torcedores tristes; não gostei de ver o Rio às escuras e sem carnaval. É a vida. Era campeão e não sentia uma total alegria pelo feito." No dia seguinte, em sua crônica *Jornal dos Sports*, José Lins do Rego escreveu: "Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o estádio como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu."

Pois é, é a vida. O Uruguai era bi-campeão e precisava receber a taça. Jules Rimet, presidente da FIFA, que a entregaria, lembra como foi, em seu livro *La historie merveilleuse de la Coupe du Monde*: "Ao término do jogo, eu deveria entregar a copa ao capitão do time vencedor. Uma vistosa guarda de honra se formaria desde a entrada do campo até o centro do gramado, onde estaria me esperando, alinhada, a equipe vencedora (naturalmente, a do Brasil). Depois que o público houvesse cantado o hino nacional, eu teria procedido a solene entrega do troféu. Faltando poucos minutos para terminar a partida (estava 1 a 1 e ao Brasil bastava apenas o empate), deixei meu lugar na tribuna de honra e, já preparando os microfones, me dirigi aos vestiários, ensurdecido com a gritaria da multidão".

Acompanhado por delegados da FIFA, dirigentes brasileiros e guardas armados para proteger a taça de ouro, ele dirigia-se ao gramado: "Eu seguia pelo túnel, em direção ao campo", conta. "Na saída do túnel, um silêncio desolador havia tomado o lugar de todo aquele júbilo. Não havia guarda de honra, nem hino nacional, nem entrega solene. Achei-me sozinho, no meio da multidão, empurrado para todos os lados, com a copa debaixo do braço". Ele decidiu sair, mas logo voltou para entregar o troféu e Obdulio Varela recebeu a taça. "Estou feliz pela vitória que vocês acabam de conquistar", disse Rimet disse. "Cheia de mérito, sobretudo por ter sido inesperada. Com minhas felicitações". No resto do Brasil era o silêncio e o choro.





ALEMANHA CAMPEÃ



1954

O MILAGRE DE BERNA

OITO ANOS DEPOIS DO FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, A SUÍÇA, GRAÇAS A SUA NEUTRALIDADE NO CONFLITO, ERA UM DOS POUCOS PAÍSES DA EUROPA QUE NÃO HAVIA SOFRIDO BOMBARDEIOS.

Por isso, estava com sua infraestrutura, que incluía os estádios de futebol, intacta e vivia um bom momento econômico. Além disso, desde antes do começo da guerra, abrigava sede da FIFA, em Zurique, entidade que completaria 50 anos de fundação justamente em 1954. Por essas razões, foi escolhida para sediar a Copa do Mundo daquele ano, decisão que a entidade máxima do futebol mundial oficializou em seu 26º Congresso, realizado em Londres, em 1948.

No campo propriamente dito, nunca houve uma copa com um favorito tão destacado – nem mesmo o Brasil na copa anterior era tão favorito. Campeã Olímpica de 1952, invicta há quatro anos e 28 jogos, a Hungria era tida por todos como a campeã quase certa. Só um milagre evitaria que ela levasse o título. Pois o milagre aconteceu e quem levou a taça foi a Alemanha Ocidental, estreante na competição. A primeira copa do mundo a ser transmitida ao vivo pela televisão, também foi a que teve um futebol ofensivo, com a maior média de gols por partida 5,38, com 140 em 26 jogos. Também foi o torneio em que pela primeira vez os jogadores tiveram números fixos na camisa. Por falar em camisa, foi nesse campeonato que o Brasil estreou o uniforme, que depois consagraria: camisas amarelas e calções azuis.

❖ ELIMINATÓRIAS

A cada edição, a copa do mundo se firmava como o principal torneio de futebol do planeta e, por isso, atraía cada vez mais seleções querendo participar.

Para as eliminatórias do evento de 1954 houve um número recorde de países inscritos: 38. Outras seis inscrições foram rejeitadas pela FIFA. Mas também houve aqueles que optaram por não participar, como a Argentina. Outras seleções importantes também ficaram de fora, como Holanda, União Soviética e





Polônia, por exemplo. A novidade foi a participação dos asiáticos Japão, Coreia do Sul e China.

Os inscritos foram divididos em 13 grupos, de acordo com suas proximidades geográficas em busca das 14 vagas em disputa – duas já estavam definidas, o país sede, Suíça, e o campeão anterior, Uruguai. O grupo que tinha Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales foi o único que dava duas vagas. Todos os outros tinham apenas uma. No final das eliminatórias estavam classificadas 12 seleções europeias (Alemanha Ocidental, Áustria, Bélgica, Escócia, França, Hungria, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, Suíça, Tchecoslováquia, Turquia), três das Américas (Brasil, México e Uruguai) e uma da Ásia (Coreia do Sul). Dessas, além da Alemanha, estreariam na copa Coreia do Sul, Escócia e Turquia.

Com o objetivo de classificar as equipes mais fortes para as quarta de final, a FIFA elaborou um regulamento esquisito para oitavas. Os finalistas foram divididos em quatro grupos de quatro, com dois cabeças-de-chave em vez de um, que não se enfrentariam nas oitavas-de-final. Os outros dois do grupo, teoricamente os mais fracos, também não se enfrentariam entre si. Assim, cada equipe só disputaria dois jogos. Dois países se classificariam em cada grupo. Depois de jogos com muitos gols, como as goleadas da Hungria sobre a Coreia do Sul e Alemanha Ocidental, por 9 a 0 e 8 a 3, respectivamente, os classificados para as quarta de final foram Alemanha, Áustria, Brasil, Hungria, Inglaterra, Iugoslávia, Suíça e Uruguai.

❖ **O BRASIL NA COPA**

A seleção brasileira ainda amargava a perda do título para o Uruguai na Copa de 1950, disputada no estádio do Maracanã.

Por isso, houve mudanças como a da comissão técnica. O técnico Flávio Costa foi substituído por Zezé Moreira. Em 1952, Zezé conseguiu o primeiro título conquistado fora do território brasileiro o Campeonato Pan-Americano, no Chile. Nas eliminatórias, o time passou sem dificuldades pelos dois adversários do seu grupo Paraguai e Chile, e se classificou para o torneio de 1954.

Na Copa, o Brasil estava no Grupo 1, ao lado de Iugoslávia, França e México. A estreia, assim como no torneio anterior, foi contra os mexicanos e, mais uma vez, a seleção brasileira goleou. Jogando no estádio Servette, em Genebra, a seleção canarinho não teve dificuldades para bater o adversário por 5 a 0. Embalado com o placar elástico, a seleção comandada por Zezé Moreira entrou para partida contra a Iugoslávia com amplo favoritismo. No entanto, os brasileiros não jogaram o que se esperava e ficaram no magro empate por 1 a 1.



Nesse jogo, aconteceu algo curioso, que revela um pouco da desorganização do Brasil no torneio. Com o empate, as duas equipes se classificariam para a fase seguinte. Mas a delegação e os jogadores brasileiros não sabiam disso. E durante o jogo, continuavam tentando a vitória, para desespero dos iugoslavos, que tentavam de todo jeito alertar os brasileiros de que o empate servia para os dois times. Mas não foram entendidos. No final da partida, alguns atletas brasileiros chegaram a chorar por acharem que o time estava eliminado. Só no vestiário foram informados que haviam se classificado.

❖ QUARTAS DE FINAL

Pelo regulamento da Copa, estava definido que haveria cruzamento dos grupo A x B e C x D, mas quem jogaria contra quem seria definido por sorteio, o que foi feito no dia 19 de junho.

Não foi uma boa ideia, porque times candidatos ao título, como Brasil e Hungria e Uruguai e Inglaterra, tiveram que se enfrentar antes de uma eventual final. O Uruguai continuou no páreo, ao derrotar a Inglaterra, no dia 26 de junho, no Estádio St. Jakob, em Basileia, por 4 a 2. No outro jogo, o Brasil perdeu para a Hungria por 4 a 2, numa partida violenta com nada menos do que 42 faltas – o normal era menos da metade disso na época -, o que a levou a ficar conhecida na história das copas como “A batalha de Berna.”

A seleção da Hungria tinha uma diferença em relação às outras: era a única que entrava em campo antes dos adversários para se aquecer. Assim, pegava os outros times ainda frios e abria o placar nos primeiros minutos do jogo. Não foi diferente contra o Brasil. Aos 7 minutos já estava vencendo por 2 a 0, com um gol de Hidegkuti aos 4 minutos e outro de Kocsis três minutos depois. O Brasil descontou aos 17, com Djalma Santos, de pênalti. Foi a partir daí que o jogo começou a se transformar numa batalha. Tóth da Hungria saiu machucado do primeiro tempo e voltou mancando para o segundo.

O segundo tempo começou quente e aos 15 minutos Lantos fez 3 a 1 para os húngaros, de pênalti. Seis minutos depois, no entanto, o Brasil diminuiu para 3 a 2, com um belo chute de Julinho do bico da grande área. O jogo estava tão violento que até Nilton Santos, um zagueiro técnico e que sabia tudo de bola, tanto que ficou conhecido como a “Enciclopédia do Futebol”, perdeu as estribeiras. Ele trocou socos e pontapés com Bozsik e ambos foram expulsos. Ao 40 minutos, sem necessidade, Humberto deu uma voadora em Lórant e também foi expulso. Com nove jogadores em campo, o Brasil ainda levou mais um gol, aos 44 minutos, marcado por Kocsis.

Um outro jogo das quartas de final também ficou na história, mas por outro



motivo. No dia 26 de junho, no estádio La Pontaise, em Lausanne, Áustria e Suíça se enfrentaram no jogo com o maior número de gols de todas as copas até hoje, 12. A Suíça saiu na frente, fazendo 3 a 0 em sete minutos, dos 16 ao 23. A Áustria virou ainda no primeiro tempo, marcando 5 gols em 9 minutos, dos 25 aos 34. No final do primeiro tempo, a Suíça fez seu quarto gol e a Áustria ainda perdeu um pênalti. No segundo, os suíços marcaram mais um e os austríacos, dois, terminando em 7 a 5. No outro jogo desta fase, a Alemanha derrotou a Iugoslávia por 2 a 0 com gols de Horvat e Rahn, avançando para as semifinais.

❖ **AS SEMIFINAIS**

Os adversários das semifinais também foram decididos por sorteio, mas com a condição de que não poderia haver um confronto entre equipes que já houvessem se enfrentado nas oitavas de final.

Assim, Alemanha e Hungria, só se defrontariam de novo na final, pois já haviam se enfrentado nas oitavas, numa partida em que os húngaros golearam por 8 a 3. Então, as duas semifinais foram Uruguai e Hungria, os dois melhores times e que por muitos era considerada uma final antecipada, e Alemanha e Áustria. Neste jogo, os alemães não tiveram dificuldade para vencer os austríacos, meteram 6 a 1. Na outra semifinal, a Hungria ainda sem Puskas – que também não havia jogado contra o Brasil – venceu o Uruguai, que atuou desfalcado de seu capitão e carrasco do Brasil em 1950, Obdulio Varela – por 4 a 2. Foi a primeira derrota dos uruguaios numa copa do mundo.

❖ **A FINAL**

Para muitos, o jogo entre Alemanha e Hungria na final da Copa do Mundo de 1954 era apenas para cumprir tabela.

Os húngaros eram considerados imbatíveis e durante o torneio haviam aumentado sua invencibilidade para 32 jogo e nos quatro que tinham disputados fizeram 25 gols e sofrido apenas sete. Até hoje aquele time é lembrado e os nomes de craques como Puskas, o melhor jogador daquele campeonato, Kocsis, o artilheiro com 11 gols nos quatro jogos, e Hidegkuti estão na memórias de torcedores do mundo todo, enquanto poucos se lembram de algum nome de atletas daquela seleção da Alemanha. Mas a vitória da Alemanha foi resultado de uma estratégia inteligente de seu treinador Sepp Herberger.

Nas oitavas de final, com a certeza de que poderia passar à fase seguinte mesmo perdendo para a Hungria, desde que ganhasse da Turquia e Iugoslá-



via – como de fato ocorreu – ele escalou o time contra os húngaros sem cinco titulares. Perdeu por 8 a 3, a maior goleada que a Alemanha sofreu até hoje em uma copa, mas ficou conhecendo como a Hungria jogava e não mostrou o estilo e todas as armas de seu time. Mesmo assim, no início do jogo, realizado no dia 4 de julho, no estádio Wankdorf, em Berna, parecia que não teria jeito de derrotar os húngaros. Como sempre, eles começaram arrasadores e aos 8 minutos já venciam por 2 a 0, com gols de Puskas aos 6 e Czibor dois minutos depois.

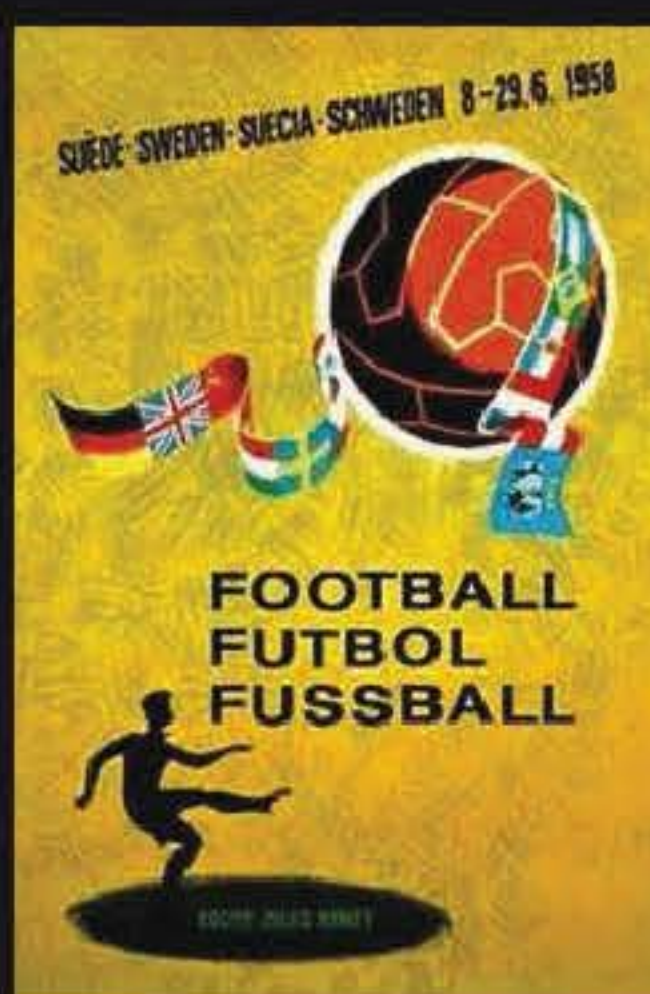
A Alemanha não se entregou, no entanto, e em 10 minutos empatou o jogo. Aos 10 minutos Morlock fez o primeiro para os alemães e aos 18, Rahn empatou. A partir daí foi um jogo de paciência. No segundo tempo, Herberger recuou seu time, com a ideia de explorar os contra-ataques. Nos 30 primeiros minutos só deu Hungria, que foi para cima com tudo e acertou três vezes as traves do goleiro Turek. Quando todos acreditavam que a Alemanha não resistiria a pressão, o impensável aconteceu.

Num lance no meio campo, o alemão Schäfer venceu Bozsik e armou o contra-ataque correndo para a esquerda e cruzando para área. O zagueiro Zakariás cortou de cabeça para fora da área, mas a bola caiu para Rahn, que dominou, driblou Lantos e chutou de esquerda, no canto, fazendo 3 a 2 para a Alemanha, deixando atônitos os 60 mil torcedores presentes no estádio. Era o “Milagre de Berna”, como a partida ficou conhecida, tornando a Alemanha a primeira campeã mundial que não era cabeça de chave.





▶ BRASIL CAMPEÃO



1958

BRASIL, ENFIM CAMPEÃO

REALIZADA NA SUÉCIA,
ENTRE OS DIAS DE
8 DE JUNHO ATÉ 29
DE JUNHO DE 1958,
A SEXTA EDIÇÃO DA
COPA DO MUNDO FOI
A PRIMEIRA VENCIDA
PELO BRASIL.

A seleção canarinho encantou o mundo com craques como Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zito, Didi, Vavá, Zagalo e os dois que viriam a se tornar os maiores, Garrincha e Pelé. Com apenas 17 anos, Pelé se destacou e começou ali nos campos suecos a escrever sua história, que viria a consagrá-lo como Rei do Futebol, o melhor jogador do mundo de todos os tempos. Garrincha, por sua vez, deslumbrou as plateias com seus dribles desconcertantes. Não é por acaso, portanto, que tenha quem considere o time brasileiro de 1958 o melhor da história, mais até que o de 1970, que conquistou o tricampeonato mundial.

Depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a maior parte dos países da Europa estava destruída, com sua infraestrutura e economia destruída. Só estavam a salvo dessa situação nações que optaram pela neutralidade no conflito, como a Suíça e a Suécia. Por isso, esses países foram escolhidos para sediar as copas de 1954 e 1958, respectivamente. No caso da Suécia, o país foi indicado para organizar o torneio de 1958 dez anos antes, no Congresso da FIFA de 1948, em Londres. A escolha foi confirmada no Congresso da entidade, realizado no Rio de Janeiro, no dia 23 de junho de 1950, véspera da abertura da copa do Brasil.

A Suécia foi a que teve o maior número de seleções inscritas nas eliminatórias de todas realizadas até então. Foram 55 equipes disputando 14 vagas – a Suécia, como país sede, e Alemanha Ocidental, campeã anterior, estavam classificadas automaticamente. Como havia tido muitas confusões e times se classificando sem jogar nas eliminatórias das quatro competições anteriores – na de 1930 não houve disputa, mas convites – a FIFA resolveu organizá-las melhor, dividir os inscritos por zonas continentais, cada uma com um número de vagas pré-determinado. A organização dos torneios qualificatórios ficaria a cargo das respectivas confederações.

Como isso as eliminatórias ficaram assim organizadas: Europa (UEFA): nove vagas, mais as da Suécia e da Alemanha Ocidental, disputadas por 27 equipes; América do Sul (CONMEBOL): três vagas para nove times; América do Norte, América Central e Caribe (CONCACAF): uma vaga disputada por seis países; e África (CAF) e Ásia (AFC): uma vaga para 11 seleções (incluindo Israel, Chipre e Turquia). Entre as novidades, estava a volta da Argentina, que havia boicotado os mundiais de 1938, 1950 e 1954. Como curiosidade, destaca-se o fato de que pela primeira e única vez na história das copas, todos os países do Reino Unido – Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte – se classificaram para disputar o torneio.



No caso do Brasil, se fosse pelo seu desempenho nas eliminatórias, ninguém poderia supor que daria show na Copa. O país estava no grupo 1, da América do Sul, junto com Venezuela e Peru. Como a Venezuela desistiu, a vaga foi decidida em duas partidas com os peruanos. A classificação veio com dificuldades, depois de um empate em 1 a 1, em Lima, e uma vitória de 1 a 0, no Maracanã. Depois das disputas os 14 classificados foram Argentina, Áustria, Brasil, Escócia, França, Gales, Hungria, Inglaterra, Irlanda do Norte, Iugoslávia, México, Paraguai, Tchecoslováquia e União Soviética.

❖ OITAVAS DE FINAL

Nas oitavas de final, foram criados quatro grupos com quatro seleções cada, todas jogando contra todas.

As duas melhores classificadas passariam para as quartas de final. Também para evitar as confusões de copas anteriores, a FIFA resolveu criar quatro blocos: o americano (Argentina, Brasil, México e Paraguai), o socialista (Hungria, Iugoslávia, Tchecoslováquia e União Soviética), o britânico Escócia, Gales, Inglaterra e Irlanda do Norte) e europeu democrático (Alemanha Ocidental, Áustria, França e Suécia). Depois foram sorteado um time de cada bloco para formar os grupos. Assim, o Brasil ficou no 4, junto com a Áustria (bloco europeu democrático) Inglaterra (britânico) e União Soviética (socialista). Era o que se chamaria hoje de “grupo da morte”.

O primeiro jogo do Brasil foi contra a Áustria e a vitória de 3 a 0 não diz o que foi a partida. Ainda sem Pelé e Garrincha como titulares, a seleção enfrentou forte resistência do bom time austríaco. O primeiro gol só foi marcado ao 37 minutos do primeiro tempo, por Mazzola. No segundo tempo, o lateral esquerdo Niltons Santos ampliou – num dos 11 gols que ele fez em toda sua carreira para – aos 6 minutos. Aos 44 Mazolla, novamente, fez 3 a 0. No jogo seguinte, contra a Inglaterra, o empate em 0 x 0 – o primeiro registrado na história dos jogos de todas as copas até então – também não revela o que foi a partida. Dessa vez, o Brasil jogou bem e atacou o tempo inteiro. Mas parou ou nas traves ou nas mãos do goleiro inglês McDonald.

O terceiro jogo do grupo, contra a União Soviética, marcou a estreia de Pelé e Garrincha em copa do mundo. Diz a lenda que os jogadores mais experientes da equipe, liderados por Didi, Nilton Santos e Bellini exigiram que o técnico Vicente Feola escalasse os dois jovens craques. Uma versão mais realista da história conta que foi o chefe da delegação brasileira na Suécia, Paulo Machado de Carvalho, que consultou os três líderes sobre a entrada de Pelé e Garrincha. Seja como for, o fato é que Pelé viajou machucado para a copa e estava se recuperando da lesão.



De qualquer forma eles foram escalados, nos lugares de Dida e Joel. Além disso, Vavá ganhou a vaga de Mazzola e Zito o de Dino Sani e o time se acertou. O Brasil venceu a União Soviética com uma atuação de Garrincha que assombrou o mundo. Pelé não ficou muito atrás. Aos 45 segundos Garrincha já tinha acertado a trave do lendário goleiro Lev Yashin, o “Aranha Negra”. Um minuto depois foi a vez de Pelé carimbar a trave. No lance seguinte, aos 3 minutos, Vavá abriu o placar. Os soviéticos estavam meio tontos. O Brasil continuou dominando o jogo e atacando, mas só fez mais um gol, aos 31 do segundo tempo, de novo com Vavá. “Garrincha é um verdadeiro assombro”, diria depois do jogo o técnico da União Soviética, Gavril Katchalin. “É um jogador como jamais vi igual.”

Os outros resultados do Grupo 4 foram URSS 2 x Inglaterra 2; URSS 2 x Áustria 2 e Inglaterra 2 x 0. Com isso, o Brasil se classificou em primeiro e URSS e Inglaterra ficaram empatados no segundo lugar. Por isso, houve um jogo extra, vencido pela União Soviética por 1 a 0. No Grupo 1, classificaram-se Alemanha Ocidental e Irlanda do Norte, esta depois de vencer um jogo extra contra a Tchecoslováquia. A surpresa do grupo ficou por conta da eliminação humilhante dos argentinos, depois de serem derrotados pelos tchecos por 6 a 1 – a maior goleada sofrida pela Argentina numa copa até hoje.

Com craques como Fontaine – o artilheiro da competição com 13 gols, o maior número marcado por um jogador numa só copa até hoje – e Kopa, a França foi o destaque do Grupo 2. O time goleou o Paraguai 7 a 3, perdeu para Iugoslávia por 3 a 2 e venceu a Escócia por 2 a 1. No Grupo 3, os donos da casa não tiveram dificuldades para ficarem em primeiro, vencendo o México por 3 a 0 e a Hungria por 2 a 1 e empatando com o País de Gales em 0 a 0. Aliás, surpreendentemente os galeses fizeram bonito na copa, conseguindo a classificação neste grupo com uma vitória de 2 a 1, num jogo extra contra a Hungria.

❖ QUARTAS DE FINAL

Com os resultados das oitavas, se classificaram para as quartas de final Alemanha Ocidental, Brasil, França, Irlanda do Norte, Iugoslávia, País de Gales, Suécia e União Soviética.

Num dos jogos desta fase, os alemães venceram os iugoslavos por 1 a 0 e se classificaram para uma das semifinais. Seu adversário seria a Suécia, que havia eliminado a União Soviética por 2 a 0. Em outra partida das quartas, a França goleou a Irlanda do Norte e se qualificou para a outra semifinal. Ela teria que enfrentar o vencedor do jogo entre Brasil e País de Gales.

Esse confronto com os galeses não foi tão fácil para os brasileiros como poderia se esperar. Na verdade foi um jogo duríssimo, com a equipe britânica toda



retrancada, com apenas um jogador na frente, Webster. O goleiro Gilmar praticamente só assistiu a partido, enquanto seu colega do País de Gales, Kesley se desdobrava, fazendo alguns milagres. O primeiro tempo terminou 0 a 0. Mas o Brasil tinha Pelé em campo e aos 26 minutos do segundo, num lance genial, ele marcou seu primeiro gol numa copa e mostrou porque seria considerado o Rei do Futebol. Ele recebeu um passe de Didi, de costas para o gol, ergueu a bola num meio balãozinho, que passou na frente do zagueiro grandalhão Mel Charles, e, já nas costas do adversário, chutou de pé direito no canto direito: 1 a 0, placar final.

❖ SEMIFINAIS

Na semifinal entre Suécia e Alemanha Ocidental, os donos da casa levaram a melhor, vencendo por 3 a 1 a então campeã do mundo, que sonhava com o bicampeonato.

O jogo foi muito nervoso e disputado, com reclamação dos alemães em relação a atuação do juiz. Mas foram eles que saíram na frente, com um gol de Schäffer, aos 24 minutos do primeiro tempo, calando o estádio. O time sueco não se apavorou e empatou oito minutos depois, com Skoglund. Os alemães reclamaram de falta no lance, um toque de mão de Liedholm, que o juiz turco István Zsolt não marcou. Eles reclamaram ainda de dois pênaltis não marcados no primeiro tempo. No segundo, Juskowiak, da Alemanha, foi expulso. A Suécia aproveitou a vantagem e fez mais dois, com Gren, aos 36 minutos, e Hamrin, aos 43. Os donos da casa estavam na final.

O outro finalista foi definido no jogo entre França e Brasil. A exemplo do jogo com a União Soviética na primeira fase, o Brasil começou com tudo a semifinal. A 1 minuto e 15 segundos do primeiro tempo, a seleção abriu o marcador, por intermédio de Vavá. A França, que tinha o artilheiro e melhor ataque da Copa, não se intimidou, no entanto. Aos 8 minutos, Fontaine venceu Bellini na corrida, driblou Gilmar e empatou o jogo. Era o primeiro gol que o time brasileiro sofria na competição. Aos 34 minutos, o francês Jonquet se machucou numa dividida com Vavá e teve de sair de campo. Ele só voltou para o segundo tempo, porque na época não eram permitidas substituições, mas só ficou fazendo número.

Com essa vantagem, ficou mais fácil para o Brasil, que ainda por cima tinha Pelé em campo, que marcou três gols, em 23 minutos, aos 7, aos 18 e aos 30 minutos do segundo tempo. Antes disso, ainda no primeiro tempo, Didi tinha feito 2 a 1, aos 39 minutos com seu famoso chute “folha seca”. Estava 5 a 1, então. A França ainda teve forças para fazer mais um, aos 38 minutos, por intermédio de Piantoni, fechando o placar. O Brasil decidiria o título contra a Suécia, dona da casa. No jogo valendo o terceiro lugar, os



franceses golearam os alemães por 6 a 3, conseguindo sua melhor colocação na história das copas até então.

❖ A FINAL

A segunda final que o Brasil disputava – a primeira havia sido em 1950 – não começou bem para a seleção.

Na véspera do jogo, sábado, dia 28 de junho, a equipe perdeu o sorteio para decidir que camisa cada time teria de usar, pois os dois tinham o amarelo como cor do uniforme número 1. O Brasil teria que jogar com o uniforme reserva, azul. Para tranquilizar os atletas mais supersticiosos, o chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, disse que havia torcido para que o time tivesse que jogar com aquelas camisas, pois eram “da cor do manto de Nossa Senhora Aparecida”, a padroeira do Brasil. O jogo propriamente dito também não começou bem. De amarelo, jogando para sua torcida de 50 mil pessoas, no Estádio Rasunda, em Estocolmo, a Suécia abriu o placar logo aos 4 minutos, por intermédio de Liedholm.

Num gesto que revelava autoconfiança e desejo infundi-la nos mais jovens, Didi foi apanhar a bola no fundo da rede de Gilmar e caminhou com ela embaixo do braço calmamente até a marca central do gramado, para o reinício, dizendo que o time iria virar o jogo. E foi o que aconteceu. Cinco minutos depois, Garrincha, numa de suas incontáveis chegadas à linha de fundo, cruzou rasteiro para área e Vavá aproveitou, de carrinho, para empatar o jogo. Aos 32, num repete-co, Garrincha recebeu um passe de Djalma Santos, que estreava na copa no lugar do lesionado De Sordi, foi ao fundo, cruzou e Vavá madou para as redes, virando o placar.

No segundo tempo, o Brasil também mandou no jogo. Aos 10 minutos Pelé ampliou para 3 a 1, com o gol mais bonito da partida. Depois de dar um chapéu em Bergmark, na meia lua da grande área, chutou de pé direito por baixo do goleiro. Aos 23, Zagallo fez 4 a 1; aos 35, Simonsson fez o segundo da Suécia, e aos 45 Pelé fechou o placar: 5 a 2. É a maior goleada numa final de copa do mundo até hoje, com a qual o Brasil conquistou seu primeiro título mundial.

O time jogou tão bem, que foi aplaudido de pé pelos suecos no final do jogo. Djalma Santos, com esta única partida, foi eleito o melhor lateral direito da competição. E o capitão Bellini criou o gesto de erguer a taça com as duas mãos acima da cabeça, repetido até hoje por todos os capitães de times vencedores. Mais tarde ele contaria que foi por acaso. “Foi natural”, disse. “Havia muita gente e todos pediram para ver a taça, então eu a levantei.” Ele morreu no dia 20 março de 2014, aos 83 anos, sem poder ver, talvez, o quinto capitão brasileiro depois dele a repetir seu gesto. E desta vez em solo brasileiro.



CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTBOL
WORLD FOOTBALL CHAMPIONSHIP
CHAMPIONNAT MONDIAL DE FOOTBALL
COUPE JULES RIMET

CHILE
1962

1962

O BI INVICTO DO BRASIL

ALEMANHA OCIDENTAL,
ARGENTINA, ESPANHA, E
CHILE SE CANDIDATARAM
PARA SEDIAR A SÉTIMA
EDIÇÃO DA COPA DO
MUNDO, A DE 1962.

Depois de dois mundiais consecutivos na Europa, os de 1954 e 1958, a FIFA buscava uma casa na América do Sul para o maior campeonato futebolístico do mundo, o que eliminou de cara Espanha e Alemanha. A Argentina ficou sendo a favorita, pois pleiteava a organização do evento desde 1938 e tinha melhor infraestrutura. Mas o Chile tinha um defensor importante, Carlos Dittborn Pinto, filho de diplomata chileno e eleito presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol em 1956. No mesmo ano, no Congresso da FIFA de Lisboa, ele fez uma veemente defesa da realização da copa em seu país. Resultado: o Chile levou 32 de 56 votos – 11 optaram Argentina e 13 se abstiveram.

Mas a organização do mundial correu perigo. Quatro anos depois, em 1960, o Chile foi atingido pelo maior terremoto registrado na história da humanidade, que alcançou 9,5 na escala Richter, com epicentro a cidade de Valdivia, no sul do país. O abalo deixou 5.700 mortos e cerca de dois milhões de outras vítimas, entre feridos e desabrigados, no país. A FIFA, é claro, se assustou. Quase mudou de ideia, mas deu um voto de confiança a Dittborn, que garantia que tudo daria certo. E os chilenos deram a volta por cima e em 30 de maio de 1962 estava tudo pronto, para aquele que seria o campeonato de Garrincha. Apenas um estádio precisou ser construído. Os outros três utilizados passaram por reformas.





❖ **ELIMINATÓRIAS**

No total, 56 países se inscreveram para disputar as 14 vagas do torneio.

Os únicos que não precisavam se preocupar com as eliminatórias eram o Brasil, campeão da copa anterior, e o Chile, anfitrião. Dos inscritos, 49 participaram das disputas. Outros cinco – Canadá, Egito, Indonésia, Romênia e Sudão – desistiram. Essa fase da competição foi marcada por jogos truncados e por uma marcação rigorosa e violenta. Entre as seleções classificadas, dez eram europeias – Alemanha Ocidental, Bulgária, Espanha, Hungria, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, Suíça, Tchecoslováquia e União Soviética – e seis americanas – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Uruguai.

Em 1962, foi a primeira vez que a FIFA repetiu o regulamento da copa anterior. Assim como em 1958, a disputa foi dividida entre uma fase preliminar, as oitavas de final, com quatro grupos de quatro seleções cada; jogos eliminatórios diretos nas quartas de final e semifinais. O grande favorito era o Brasil, que buscava o bicampeonato. E o mundo – que passava por transformações políticas e culturais, vivia a divisão dos mega-blocos, a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã, além de assistir os países latino-americanos sob a tutela dos regimes militares – parou para ver Garrincha.

❖ **BRASIL NA COPA**

O Brasil seguiu quase que à risca o ditado de que em time que está ganhando não se mexe.

Depois da campanha vitoriosa de 1958, a comissão técnica foi quase a mesma em 1962. Mesmo com a saída do técnico Vicente Feola e a chegada de Amory Moreira, a identidade do grupo não se modificou. Grande parte do fato se deve, é claro, ao time, que também contava com muitos jogadores da campanha anterior. Dos 11 jogadores que atuaram na final anterior, nove estavam na equipe que estreou no dia 30 de maio de 1962, contra o México: Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zito, Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagallo.

Deu certo. Em seis jogos foram cinco vitórias e um empate, com 14 gols marcados. Se a Copa anterior marcou o surgimento de Pelé, a Copa de 1962 consagrou Garrincha. Com a contusão de Pelé no segundo jogo da primeira fase, contra a Tchecoslováquia, o Brasil dependia de outro craque para levantar pela segunda vez o troféu de campeão. E ele estava lá. Se Maradona carregou a Argentina nas costas em 1986, Garrincha fez isso muito antes, em 1962, com o Brasil. Aos 28 anos, ele tomou conta do Mundial. Com dribles desconcertantes, irreverência, cruzamentos precisos e chutes poderosos, o gênio das pernas tortas encantou o mundo e foi considerado o melhor jogador do torneio.



❖ OITAVAS-DE-FINAL

No Grupo 1 – naquela época os grupos ainda não eram nomeados com letras e sim com números –, a surpresa foi a eliminação prematura do Uruguai.

Mas a União Soviética e a Colômbia garantiram uma boa partida para compensar os torcedores que buscavam emoção. O jogo terminou empatado, mas nada de um empate sem graça: foram quatro gols de cada lado. Não bastasse a chuva de tentos, nessa partida aconteceu o primeiro – e até hoje único – gol olímpico da história das Copas. Ele foi marcado pelo colombiano Marcos Coll. Atrás da URSS, ficou a Iugoslávia, com a segunda vaga. No confronto entre os países comunistas aconteceu um dos lances mais violentos da história. Uma entrada lamentável do ponteiro iugoslavo Muhamed Mujić no lateral soviético Eduard Dubynskyi.

No Grupo 2, os anfitriões mostraram que realmente dominavam o território: venceram a Suíça por 3 a 1 e a Itália por 2 a 0. Este jogo ficou conhecido como “Batalha de Santiago”. A partida ocorreu no Estádio Nacional, na capital chilena, em um cenário onde as montanhas cobertas de neve da Cordilheira dos Andes são protagonistas, mas ganhou esse apelido porque foi similar a uma batalha de guerra, uma das partidas mais violentas da história do futebol mundial. O clima ficou quente depois que os italianos Giorgio Ferrini e Mario David foram expulsos.

A expulsão de David aconteceu após uma entrada com o pé alto em Leonel Sanchez, em retaliação a um soco desferido pelo chileno, filho de pugilista, num lance anterior, que havia quebrado o nariz de jogador italiano Umberto Maschio. Na verdade, Maschio era um dos sul-americanos naturalizados italianos, que defendia o país europeu. No último jogo da primeira fase, o Chile acabou perdendo por 2 a 0 para a Alemanha Ocidental, que ficou com a segunda vaga.

No Grupo 3, apesar da legião de craques, a seleção brasileira não fugiu à regra da primeira fase da Copa: o equilíbrio – nenhuma equipe conseguiu obter 100% de aproveitamento. Ainda com Pelé em campo, o Brasil estreou com uma vitória por 2 a 0 sobre o México. Em seguida empatou sem gols com a Tchecoslováquia e perdeu Pelé aos 28 minutos do primeiro tempo. O grande nome da equipe arriscou um chute de fora da área, deu um grito e foi ao chão: um estiramento na coxa esquerda o tirou do restante da competição.

Na terceira partida, a seleção precisava de ao menos um empate para seguir na Copa. No fim das contas, conseguiu a vitória. O estreante Amarildo, que substituiu Pelé, contou com ajuda de Zagallo e Garrincha, não se intimidou e fez os gols da vitória por 2 a 1 em cima da Espanha. Com esse resultados, o Brasil ficou em primeiro lugar no grupo. A Tchecoslováquia, mesmo perdendo



para o México por 3 a 2, ficou com a outra vaga. No Grupo 4, a responsável pela goleada de 6 a 1 em cima da Bulgária, a Hungria, ficou com a primeira vaga. A Argentina, mesmo jogando perto de sua torcida caiu depois de um empate sem gols contra a seleção húngara. A outra vaga ficou com a Inglaterra, que perdeu para a primeiríssima do grupo por 2 a 1, ganhou da Argentina por 3 a 1 e empatou com a Bulgária em 0 a 0.

❖ **QUARTAS-DE-FINAL**

Foi nas quartas-de-final que Brasil alçou asas e voou.

Garrincha, que não havia tido um bom desempenho nas oitavas de final, resolveu chamar para a si a responsabilidade e acabou com o English Team, fazendo dois gols na vitória de 3 a 1. O outro gol foi de Vavá. Para a Inglaterra, descontou Hitchcocks. A Tchecoslováquia, por sua vez, também bateu a forte seleção da Hungria, por um placar mais magro, 1 a 0. Enquanto isso, o Chile despachou a União Soviética por 2 a 1 e a Iugoslávia mandou a Alemanha Ocidental embora mais cedo por 1 a 0.

Há quem suspeite que a mudança de Garrincha em campo nessa fase, tenha ver com o início do romance com a cantora Elza Soares, que estava em Santiago para shows e havia visitado a concentração do Brasil, na véspera do jogo contra a Espanha. O caso seria um escândalo, quando ficou público, porque o craque era casado e pai de sete filhas, a mais nova com seis meses. Seja como for, a partir dessa fase, o gênio das pernas tortas voltou a assombrar o mundo, como havia feito na copa de 1958.

❖ **SEMIFINAIS**

Nas semifinais o Brasil só não mandou ninguém embora porque jogou contra os donos da casa.

Mas a equipe estava receosa antes do jogo. Na manhã da partida, a comissão técnica brasileira saiu para comprar salame, mortadela, queijo e pão. Os jogadores almoçaram apenas sanduíches, com medo de que algo pudesse ser colocado na comida do hotel. No campo, Garrincha continuou a brilhar, não havia como pará-lo. Ele fez dois gols, um de pé esquerdo, que ele quase não usava para jogar bola, aos 9 minutos do primeiro tempo, e outro aos 32, de cabeça.

O Chile ainda conseguiu marcar uma vez nessa fase do jogo, com Toro, cobrando falta. No segundo tempo, Vavá, em jogada iniciada por Garrincha, ampliou logo aos 2 minutos. Aos 17 minutos, o juiz peruano, Arturo Yamazaki, marcou um pênalti duvidoso a favor dos chilenos. Leonel Sánchez cobrou e



marcou. Mas não adiantou muito. Aos 33 minutos Vavá fechou o placar. Este jogo era a final que todos gostariam de ver, mas aconteceu antes da hora, para desolação dos chilenos.

Apesar de ter dado show de bola, Garrincha cometeu uma bobagem e resolveu, segundo disse depois “dar um pontapezinho de amizade” no lateral chileno Eladio Rojas, que havia caído com o drible e estava se levantando. O juiz não viu, mas o bandeirinha sim. O brasileiro foi expulso e era dúvida para a final, pois iria ser julgado antes da partida pelo Comitê Disciplinar da Copa.

Mas aí aconteceu algo estranho, que beneficiou Garrincha e o Brasil. O árbitro havia colocado na súmula, que não tinha visto o lance e que expulsou brasileiro baseado no relato do bandeirinha uruguaio, Esteban Marino. Então, esse auxiliar tinha de ser ouvido no julgamento. Só que ele sumiu, desapareceu de Santiago. Por isso, Garrincha foi inocentado por falta de provas e pôde jogar a final. Dizem as más línguas, que o sumiço do bandeirinha foi patrocinado pela CBD, que teria pago para ele ir embora da cidade.

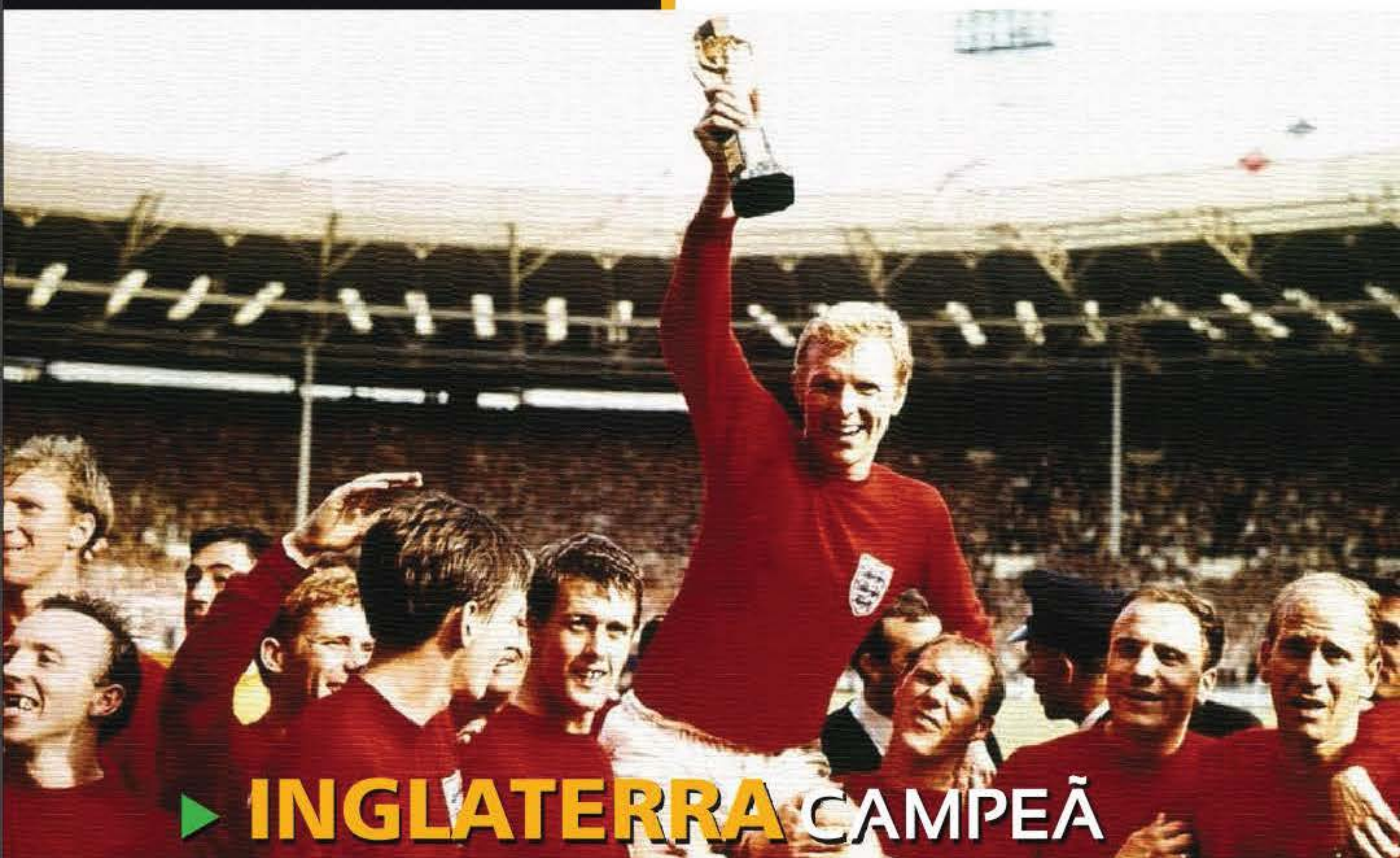
Na outra semifinal, a surpresa foi a Tchecoslováquia, que cresceu durante a competição, e passou por cima da equipe da Iugoslávia, por 3 a 1, garantindo vaga na final.

❖ A FINAL

Na decisão, o Brasil enfrentaria a Tchecoslováquia, única equipe que não havia vencido na Copa.

Apesar disso, e de não contar com Pelé e de Garrincha ter entrado em campo com 38 graus de febre – por isso, ele teve um atuação discreta – era o favorito. Mas, assim como havia acontecido na Copa da Suécia, quatro anos antes, a seleção brasileiro saiu perdendo a final. As mais de 68 mil pessoas presentes no Estádio Nacional viram, surpresas, a Tchecoslováquia abrir o placar aos 15 minutos do primeiro tempo, com um gol Masopust. A alegria dos tchecos durou pouco, no entanto. Dois minutos depois veio o empate, com Amarildo, numa falha do goleiro Schrojf.

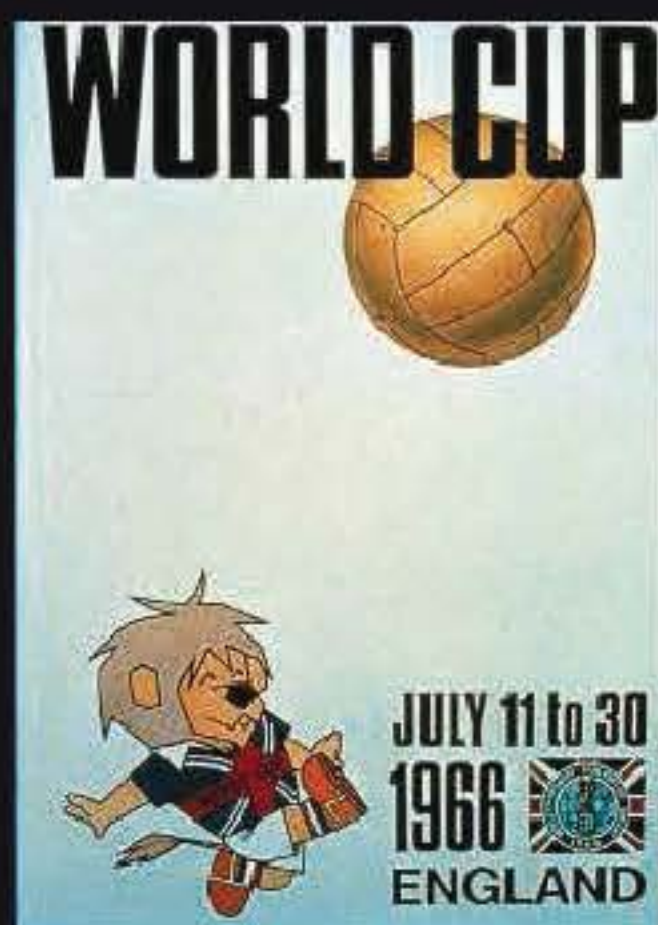
No segundo tempo, Zito virou o placar de cabeça, aos 24 minutos. Aos 33 foi Vavá quem aproveitou outra falha do arqueiro, fez o terceiro e matou o jogo. A taça era do Brasil, que era agora bicampeão, invicto como na copa anterior. E o mundo, mais uma vez, viu o capitão brasileiro, agora o zagueiro Mauro – que ganhou o apelido de Marta Rocha, por jogar de bonito e elegante –, repetir o gesto, criado por Bellini, na Suécia em 1958, de erguer a taça sobre a cabeça. Na disputa pelo terceiro lugar, os chilenos, mesmo eliminados da final, não fizeram feio na competição que organizaram e conquistaram o terceiro lugar, depois de derrotarem a Iugoslávia, 1 a 0. É a melhor colocação do país na história das copas.



▶ INGLATERRA CAMPEÃ

DE VOLTA PARA CASA

NA PRIMEIRA E ÚNICA VEZ EM QUE FOI SEDIADA NO PAÍS QUE INVENTOU O FUTEBOL, A INGLATERRA, A COPA DO MUNDO FICOU MARCADA NA HISTÓRIA PELA VIOLÊNCIA EM CAMPO E PELAS ARBITRAGENS POLÊMICAS, MUITAS DELAS BENEFICIANDO OS DONOS DA CASA, E PELA BAIXA MÉDIA DE GOLS.



1966

Dois dos quatro gols da vitória do time inglês por 4 a 2 na final contra a Alemanha Ocidental, na prorrogação, por exemplo, são contestados até hoje. Do lado positivo, o torneio de 1966 também ficou registrado como aquele em que, igualmente pela primeira e única vez até hoje, um jogador nascido no continente africano, Eusébio, que defendeu Portugal, foi o artilheiro e escolhido como o melhor jogador do campeonato.

A escolha da Inglaterra como sede da Copa do Mundo de 1966 foi decidida seis anos antes, no 32º Congresso da FIFA, realizado em Roma, em 22 de agosto de 1960. A decisão foi tomada como uma homenagem ao centenário da The Football Association, a mais antiga associação de futebol do mundo, que seria celebrado em 1963. Como o então presidente, Arthur Drewry, e vários outros dirigentes da FIFA eram ingleses parecia inicialmente que a escolha seria quase por unanimidade. Mas não foi o que ocorreu. Espanha e Alemanha Ocidental também se candidataram, embora os espanhóis tenham desistido antes da eleição. Na votação, a Inglaterra venceu sua agora única concorrente por um resultado menos folgado do que se esperava: 34 a 27 votos.

Para os ingleses, a Copa em sua própria casa era uma grande oportunidade de se redimir de participações pouco gloriosas nas anteriores. Com a empáfia de inventores do futebol e criadores da primeira liga do esporte, que até hoje locutores mais antigos chamam de “bretão” – justamente por ter surgido na Grã-Bretanha –, eles desdenharam as primeiras copas. Só resolveram participar a partir de 1950, realizada no Brasil, e deram vexame. Disputaram três partidas, das quais perderam duas, para os Estados Unidos, que não era e nem é uma potência no futebol; e Espanha, que ainda estava longe do futebol que joga hoje, e ganharam do México, ficando em oitavo lugar na competição. Nas três copas seguintes não tiveram desempenho melhor. Ficaram em 7º lugar, em 1954; em 12º, em 1958; e novamente em 8º, em 1962.

Mas em 1966, embora não fossem um celeiro de craques como o Brasil e a Argentina, a Inglaterra tinha um bom time, na verdade, o melhor de sua história. Os destaques era o seguro goleiro Gordon Banks, o zagueiro Bobby Moore, de muita classe, o meia e craque da equipe Bobby Charlton e o atacante oportunista e goleador Geoffrey Hurst. No banco, comandando o time, tinha o ex-zagueiro, Alf Ramsey, que havia disputado como jogador a Copa de 1950 no Brasil. O objetivo de sua escolha para dirigir o time era, como não poderia deixar de ser, conquistar o título.

Para isso contou com carta branca dos dirigentes do futebol inglês, sendo o primeiro que pôde escolher os jogadores que queria na seleção. Até então, isso era feito por uma comissão de dirigentes. No campo de jogo, Alf Ramsey tinha algumas ideias inovadoras. Foi ele quem primeiro escalou os pontas para jogarem recuados, inventando assim o famoso esquema 4-4-2 britânico – antes disso, a maior parte das



equipes e seleções jogava no sistema 4-2-4. Some-se ao bom time e a um esquema tático surpreendente o apoio da torcida e a, digamos assim, simpatia dos juízes, e vai se entender porque dificilmente a Inglaterra deixaria de ser campeã em 1966.

❖ **ELIMINATÓRIAS**

As eliminatórias da Copa do Mundo na Inglaterra ficaram marcadas pelo boicote de 16 federações nacionais da África.

Elas desistiram de participar em protesto contra uma resolução da FIFA, de 1964, que dava apenas uma vaga na copa para África, Ásia e Oceania. Os africanos queriam uma vaga exclusiva para seu continente. Das outras 15 vagas, dez seriam da Europa, quatro da América do Sul, e uma da América do Norte, América Central e Caribe. Brasil, campeão anterior, e Inglaterra, país sede, não precisaram disputar as eliminatórias. Mesmo com a ausência dos africanos, houve um número recorde de inscrições para as Eliminatórias, com 70 nações disputando uma vaga. A surpresa entre os classificados, foi a Coreia do Norte, que pela primeira disputaria uma copa.

❖ **OITAVAS-DE-FINAL**

Como no torneio de 1962, as 14 seleções que passaram pelas eliminatórias, mais Brasil e Inglaterra, foram divididos em quatro grupo de quatro.

O sorteio foi feito de tal forma que Brasil e Inglaterra não ficassem no mesmo grupo e que quatro países sul-americanos ficassem em grupo diferentes. Dentre as 16 seleções classificadas, apenas Brasil, Itália e Uruguai poderiam conquistar o título pela terceira vez – só o Brasil de forma consecutiva – e, com isso, garantir a posse definitiva da Taça Jules Rimet. Como se sabe, não foi isso que ocorreu. Brasil e Itália foram eliminados já na primeira fase e o Uruguai, nas quartas de final. Nessa fase, além de Alemanha Ocidental x Uruguai, os outros jogos foram Inglaterra, x Argentina, Portugal x Coreia do Norte, e União Soviética x Hungria.

❖ **O BRASIL NA COPA**

A Copa de 1966 era a chance de o Brasil conquistar o terceiro título consecutivo no mundial.

No entanto, os brasileiros já sabiam que isso não aconteceria antes mesmo da bola rolar. Apesar de todo o otimismo em torno da campanha pelo tricam-



peonato mundial, uma série incrível de trapalhadas fez com que a equipe brasileira viajasse à Inglaterra completamente desorganizada. O maior erro foi a indefinição do elenco. Na fase de preparação, o técnico Vicente Feola convocou 45 jogadores – número que subiu para 47 após o início dos treinos –, que se revezavam em quatro times.

A equipe principal só foi escolhida às vésperas do torneio. Mas o absurdo ainda foi maior: dos 22 convocados, apenas o lesionado Zito e o ainda muito jovem Edu não entraram em campo. Obviamente, o que quer que Feola estivesse planejando com isto, não deu certo. Com um futebol apático e muitas vezes perdidas em campo, a equipe brasileira sucumbiu a seleções muito menos estruturadas.

Na estreia contra a Bulgária, o Brasil ganhou e chegou a empolgar a torcida. A partida terminou em 2 a 0, com gols dos craques Garrincha e Pelé, na última vez em que atuaram lado a lado. O rei do futebol, porém, não se recuperou a tempo para o próximo jogo – já que era o preferido das equipes adversárias quando o assunto era marcação forte. Sem Pelé, o Brasil não resistiu aos húngaros, que venceram por 3 a 1 e acabaram com a invencibilidade brasileira de 13 jogos em mundiais – a última derrota havia sido justamente para a Hungria, em 54.

No terceiro jogo a coisa piorou. Depois do tropeço diante da Hungria e de dois jogos com o mesmo time, Feola resolveu mudar tudo contra Portugal: trocou todo o sistema defensivo, colocou Garrincha no banco e trouxe Pelé de volta ao time, mesmo que ele ainda não estivesse em condições de jogo. Os portugueses, em excelente momento, se aproveitaram da desorganização brasileira. A seleção canarinho levou, novamente, 3 a 1 nas costas. Fora o baile. Na bagagem, uma eliminação precoce e o 11º lugar na classificação – melhor apenas do que a 14ª posição obtida na Itália, em 1934.

❖ QUARTAS-DE-FINAL

Foi nas quartas-de-final que a violência começou a rolar solta nos gramados e que as atuações dos juízes passaram a ser questionadas e objetos de muitas reclamações.

Um exemplo das duas coisas ocorreu no jogo em que a Alemanha Ocidental venceu o Uruguai por 4 a 0. O árbitro inglês Jim Finney expulsou dois uruguaios: Horacio Troche e Hector Silva por jogo violento e só a partir daí os alemães se impuseram no jogo e golearam. Na verdade, o time alemão foi muito violento, dando pontapés com o beneplácito do juiz, que nada marcava. Os uruguaios revidaram e foram para a rua. O time ainda reclamou de um pênalti não marcado, cometido pelo zagueiro alemão Schnellinger, que cortou a bola com a mão na linha do gol, quando o jogo estava 0 a 0.

O jogo em que a Inglaterra venceu a Argentina por 1 a 0 também se destacou





pela arbitragem polêmica. Diante da violência dos ingleses, principalmente do volante inglês Nobby Styles, que dava de joelhadas à “tesouras voadoras” nos adversários, o jogador argentino Antonio Rattín foi tentar conversar com o juiz, o alemão Rudolf Kreitlein. Como ele não entendia espanhol – nem Rattín falava alemão – resolveu tomar uma atitude radical e expulsou o argentino por indisciplina e pelo “olhar em seu rosto”, como diria mais tarde.

Como na época não havia cartões amarelos e vermelhos, Rattín não entendeu –ou fingiu não entender – que tinha sido expulso, teve que ser retirado de campo sob escolta policial. Mais tarde ele explicaria o que houve: “Não entendíamos o que o árbitro falava com os ingleses. A impressão é de que não estava advertindo os faltosos. O jogo violento corria solto. Fui expulso porque estaria contestando as marcações dele. Depois, sentei no tapete vermelho ao redor da tribuna da família real. Jogaram latas de cerveja em mim. E eu não gosto de cerveja inglesa.”

❖ SEMIFINAIS

Por influência das arbitragens ou não, o fato é que as quatro equipes que se classificaram para as semifinais eram todas europeias.

As duas partidas terminaram com o mesmo placar, 2 a 1. Numa delas, a Alemanha Ocidental venceu a União Soviética com gols de Haller, aos 43 minutos do primeiro tempo, e Franz Beckenbauer, as 22 minutos do segundo. Porkuyan descontou para os soviéticos, aos 43 minutos do segundo tempo, quando o time jogava com 10. No último minuto do primeiro tempo, Chislenko, que estava mancando na ponta esquerda por causa da violência dos alemães, deu um pontapé em Held. Assim, como havia acontecido com os uruguaios contra a mesma Alemanha, as agressões não foram punidas, mas revide sim. Na outra semifinal, entre Inglaterra e Portugal, houve um fato no mínimo estranho antes do jogo. Pela tabela da copa, a partida estava marcada para ser realizada no Estádio Goodison Park, em Liverpool, que os portugueses já conheciam, pois haviam vencido ali o Brasil e a Coreia do Norte. Em nome do suposto “melhor interesse dos torcedores”, a própria FIFA resolveu desrespeitar seu regulamento e transferir o jogo para o Estádio Wembley, em Londres, a casa dos ingleses, onde eles tinham disputados todos os jogos do torneio até então.

Em campo, eles venceram com dois gols de Bob Charlton, aos 30 minutos do primeiro tempo e aos 34 do segundo. Três minutos depois, Eusébio, de pênalti, diminui. Portugal, com a melhor campanha de sua história estava, fora da final. Na disputa pelo terceiro lugar, o time venceu a União Soviética também por 2 a 1. O placar foi aberto aos 13 minutos do primeiro tempo, com gol feito por Eusébio de pênalti, seu nono e último gol na Copa de 1966, e o quarto dessa forma. Com isso, ele se tornou o jogador que mais fez gol de pênalti numa copa, feito só igualada



em 1978, por Rensenbrink, da Holanda. A URSS empatou aos 43 minutos, com Banishevsky, numa falha do goleiro português, José Pereira. O gol da vitória de Portugal, foi marcado aos 44 minutos do segundo tempo, pelo centroavante Torres.

❖ A FINAL

A final foi disputada por Inglaterra e Alemanha Ocidental, duas equipes de mais força e pragmatismo do que técnica e arte, em Wembley, no dia 30 de julho, um sábado – a primeira e única vez que a decisão de uma copa foi disputa nesse dia da semana, por motivos religiosos – com um público de cerca de 95 mil pessoas.

Mas o que marcaria este jogo para sempre foi o terceiro gol do time da casa, o primeiro da prorrogação. Antes disso, nos 90 minutos regulamentares, a disputa terminou empatada em 2 a 2. Aos 12 minutos de jogo, Helmut Haller abriu o placar para a Alemanha Ocidental. Seis minutos depois, Geoff Hurst empatou. Martin Peters virou o jogo para os ingleses aos 33 do segundo tempo. Faltando 30 segundos para acabar o jogo, com a torcida inglesa já comemorando o título, houve uma confusão na área da Inglaterra, e Wolfgang Weber empatou, quase de carrinho.

Com o empate, o jogo foi para a prorrogação. Aos 11 minutos, aconteceu o que seria o lance decisivo do jogo e da própria Copa e um dos mais polêmicos de uma final até hoje. Num ataque da Inglaterra, Alan Ball cruzou da direita. Geoff Hurst, dominou na entrada da área e chutou com a perna direita. A bola bateu no travesão, quicou no chão e voltou para pequena área, de onde o alemão Hötter tirou de cabeça para escanteio por cima do gol. Alguns jogadores da Inglaterra ergueram os braços pedindo a marcação do gol. O juiz suíço Gottfried Dienst correu até bandeirinha soviético Tofik Bakhranov, que confirmou o gol. Todas as fotografias do lance e até animações digitalizadas feitas posteriormente mostram que a bola não entrou.

Sem esse gol, a história do jogo – e da própria Copa – poderia ter sido outra. A partida estava bem disputada e a Alemanha Ocidental também poderia ter vencido. Como que para não deixar dúvida de sua simpatia pelos ingleses, o juiz ainda validou um quarto gol da Inglaterra, irregular de acordo a regra número 5, da International Football Association Board (IFAB), que regulamenta a prática do futebol.

Diz essa regra, que trata das funções e obrigações do árbitro, que “interromperá, suspenderá ou finalizará a partida por qualquer tipo de interferência externa”. O que inclui invasão do campo pela torcida, como ocorreu no último minuto da prorrogação. Com alguns torcedores em campo, pois achavam que o jogo já havia acabado, Hurst recebeu livre na intermediária e correu até a área para marcar 4 a 2. Tanto o juiz como o outro bandeirinha, tcheco Galba fingiram que não viram a invasão. E, assim, finalmente os inventores do futebol eram campeões do mundo.



▶ **BRASIL** TRICAMPEÃO



1970

O BRASIL ENCANTA **O MUNDO**

FÉLIX, CARLOS
ALBERTO, BRITO,
PIAZZA E EVERALDO;
CLODOALDO,
GÉRSO E RIVELINO,
JAIRZINHO, PELÉ
E TOSTÃO.

Não são muitos os brasileiros que gostam de futebol que não sabem de cor a escalação desse time do Brasil, campeão da Copa de Mundo de 1970 e tido por muitos como a melhor seleção de todos os tempos. Foi uma copa inesquecível, também considerada por muitos como a melhor da história.

E não só pelo time do Brasil. Pelos campos do México desfilaram seu talento e categoria craques como Beckenbauer, Overath, Gerd Müller, Mazzola, Luigi Riva, Bobby Moore, Bobby Charlton e Cubillas. Sem falar nos goleiros Maier, Banks e Mazurkiewicz. Foi a copa de jogos memoráveis e até de gols perdidos inesquecíveis, obras de arte de Pelé que entraram para a galeria dos grandes lances da história do futebol mundial. E pela primeira vez, tudo isso pôde ser visto ao vivo, pela televisão, no Brasil.

A escolha do México como sede do torneio foi definida em 1964, no 34º Congresso da FIFA, realizado em Tóquio no dia 8 de outubro daquele ano. A outra única concorrente era a Argentina, que vinha tentando organizar um mundial desde 1938 e que era tida como favorita. Os países europeus, por exemplo, não queriam jogar no México por causa do calor e da altitude dos locais das partidas. Mas ainda não seria dessa vez que os *hermanos* iriam levar. Na hora da votação, 56 países filiados à FIFA optaram pela terra dos astecas, enquanto 32 escolheram a pátria do tango. Houve ainda sete abstenções.





❖ **ELIMINATÓRIAS**

Assim como na copa anterior, havia 14 vagas em disputa, pois duas já tinham dono, o México, por ser o país sede, e a Inglaterra, campeã do torneio anterior.

Pela primeira vez, a África e a Ásia/Oceania tinham direito a uma vaga cada, sem precisar disputar repescagem entre si. No total, 75 países se inscreveram para as eliminatórias. Seleções respeitadas e com bom histórico em copas, como Portugal, França, Hungria, Argentina e Espanha não se classificaram. Em contrapartida, países sem muita tradição no futebol, como El Salvador, Israel e Marrocos, estrearam na competição.

Num prenúncio do que seria seu desempenho na Copa, o Brasil foi arrasador nas eliminatórias. Sob o comando do jornalista gaúcho, radicado no Rio de Janeiro, João Saldanha, as “feras de Saldanha”, como o time ficou conhecido, não tomaram conhecimento dos adversários. O grupo da América do Sul do qual o Brasil participava tinha ainda Colômbia, Paraguai e Venezuela. O time venceu todos os seus seis jogos, fazendo 23 gols e sofrendo apenas dois. Esse sucesso todo não impediu, no entanto, a demissão de Saldanha. Mário Lobo Zagallo assumiu em seu lugar. Houve versões diferentes para a troca de treinador. Uma delas era que os militares, que governavam o país por meio de uma ditadura, não gostavam de Saldanha por causa de suas posições de esquerda na política. Outra dizia que foi porque ele se recusou a acatar a sugestão do ditador de plantão, Emílio Garrastazu Médici, para convocar o centroavante Dario, que jogava no Atlético Mineiro.

Na verdade, depois das eliminatórias o time decaiu. Perdeu um amistoso contra o mesmo Atlético, no Mineirão, por 2 a 1, com um gol de Dario para os mineiros (pode ter surgido daí a versão de que Médici o queria na seleção). Além disso, por causa de seu temperamento, Saldanha se desentendeu com alguns jornalistas, querendo partir para o confronto físico. Como se não bastasse, disse que Pelé estava ficando míope.

❖ **OITAVA-DE-FINAL**

Passaram pelas eliminatórias e se classificaram para as oitavas de final Alemanha Ocidental, Bélgica, Brasil, Bulgária, El Salvador, Inglaterra, Israel, Itália, Marrocos, México, Peru, Romênia, Suécia, Tchecoslováquia, URSS, Uruguai.

O regulamento dessa fase era igual ao da copa anterior, na Inglaterra. As 16 seleções foram divididas em quatro grupos de quatro. Todos jogariam contra todos dentro de cada chave e os dois melhores passariam para as quartas de final.



O Brasil ficou no grupo 3, com Inglaterra, Romênia e Tchecoslováquia. O primeiro jogo foi contra os tchecos. Apesar de a seleção ter ido para cima logo nos minutos iniciais do jogo, foi a Tchecoslováquia que abriu o placar aos 12 minutos, com Petrás, aproveitando uma falha do zagueiro Brito. Rivelino empatou o jogo, aos 24 minutos, de falta. Por causa disso e de outros chutes seus, ele recebeu dos mexicanos o apelido de “Patada Atômica.”

Foi neste jogo que ocorreu o primeiro dos cinco quase gols de Pelé, que entraram na memória do mundo da bola, como lances geniais. Aos 42 minutos do primeiro tempo, o Rei do Futebol recebeu uma bola no círculo central, ainda no campo do Brasil, e percebeu que goleiro tcheco Ivo Viktor estava adiantado. Sem que ninguém esperasse, ele chutou dali mesmo, a mais de 50 metros do gol. O goleiro, que estava tranquilo, na marca do pênalti foi surpreendido pelo chute e saiu andando de costas para o gol, desesperado tentando alcançar a bola. Ele não conseguiu, mas, para seu alívio, ela passou, pelo alto, a cerca 50 centímetros de sua trave esquerda. No segundo tempo, o Brasil fez mais três gols, com Pelé, aos 15, e Jairzinho, aos 19 e 38, vencendo o jogo por 4 a 1.

No equilibrado e difícil jogo entre os campeões das duas copas anteriores, o Brasil (1962), sem Gérson, machucado, venceu a Inglaterra (1966), por 1 a 0, gol de Jairzinho, aos 14 minutos do segundo tempo. Mas o que ficou na história foi outro quase gol de Pelé. Aos 11 minutos do primeiro tempo, Jairzinho cruzou para a área e Pelé, na altura da marca do pênalti, um pouco a esquerda, subiu e cabeceou para o chão, no canto direito. De forma inacreditável, o goleiro Gordon Banks se atirou e conseguiu colocar sua mão por baixo da bola e mandá-la por cima do travessão.

Até hoje, é considerada a maior defesa de todas as copas. Muitos anos mais tarde, Banks diria, em entrevista: “Pessoas ao redor do mundo ainda se impressionam com aquela defesa. Se eu soubesse o quão importante seria esse gol hoje eu não teria defendido. Fico intrigado. Eu não sei por que aquilo aconteceu. Me desculpe Pelé. Me desculpe.”

No jogo seguinte, contra a Romênia, ainda sem Gérson e agora também sem Rivelino, o Brasil teve mais dificuldades do que o esperado e venceu por 3 a 2, com gols de Pelé, aos 20 minutos do primeiro tempo e aos 21 do segundo, e Jairzinho aos 22 da etapa inicial. Para os romenos marcaram Dumitrache aos 33 do primeiro tempo, e Dembrovski, aos 38 do segundo. Apesar desse resultado, a verdade é que a seleção chegou embalada às quartas de final e, já com a volta de Gérson e Rivelino, não teve dificuldades para eliminar o Peru, por 4 a 2, com gols de Rivelino, Tostão (dois) e Jairzinho. Para os peruanos marcaram Gallardo e Cubillas. Os resultados dos outros jogos desta fase foram Uruguai 1 x URSS 0, Itália 4 x 1, Alemanha Ocidental 3 x Inglaterra 2.



SEMIFINAIS

Com esses resultados, ficaram definidas as duas semifinais, Brasil e Uruguai e Alemanha Ocidental e Itália.

Seriam dois duelos de titãs e uma demonstração do alto nível da Copa de 1970, pois todos já haviam sido campeões do mundo, até mais de uma vez como Brasil, Uruguai e Itália, que tinham vencido duas copas cada. Só a Alemanha havia vencido um torneio só. Mas foi justamente ela e a Itália que fariam o que é considerada por muitos como a melhor partida da história das copas, conhecido nos dois países como o jogo do século. A partida também ficou marcada pela imagem de Beckenbauer, jogando com o ombro enfaixado, porque havia quebrado a clavícula durante o jogo.

Sob o calor escaldante do México, o time que marcou primeiro foi a Itália, aos oito minutos do primeiro tempo, por intermédio do atacante Boninsegna. A partir daí o jogo foi muito disputado, com os alemães tentando o empate a todo custo. E conseguiram, mas só aos 45 minutos do segundo tempo, com gol de Schnellinger. O jogo foi então para a prorrogação, quando de fato pegou fogo. Logo aos quatro minutos, a Alemanha virou o jogo com Schnellinger. Aos oito Tarcisio Burgnich empatou. Ainda no primeiro tempo da prorrogação, aos 13, Riva colocou a Itália de novo na frente. No segundo tempo da prorrogação, Gerd Mueller, aos 4, empatou de novo a partida. Mas, dois minutos depois, Rivera fechou o placar em 4 a 3 para a Itália. A Alemanha Ocidental conseguiria o terceiro lugar ao vencer o Uruguai por 1 a 0.

A outra semifinal foi uma repetição da final da Copa de 1950, que o Brasil havia perdido para o Uruguai em pleno Maracanã. Era um jogo apreensivo para os brasileiros, mas também uma oportunidade de vingança. E ela veio. Não sem antes um susto. Aos 18 minutos, Cubilla abriu o placar para os uruguaiois, numa falha do goleiro Felix. Não era o que o Brasil esperava, mas o time não se assustou. Foi para cima e aos 45 empatou, com Clodoaldo, no único gol que ele fez na copa e em seus 39 jogos pela seleção. No segundo tempo, o Brasil continuou no ataque e conseguiu a vitória. Aos 31 minutos, a seleção virou o jogo, com Jairzinho e aos 44, Rivelino deu os números finais do marcador: 3 a 1.

Esse jogo também ficou marcado por mais dois lances geniais de Pelé, um dos quais ficou conhecido como “o gol mais bonito que Pelé não marcou”. Quase no final do jogo, a bola foi lançada em profundidade para ele, que correu para bola, ao mesmo tempo em que o goleiro Mazurkiewicz. Só que Pelé passou pela bola, sem tocá-la, deu a volta por trás do goleiro – o drible da vaca – e, desequilibrado, chutou. A bola passou rasteira, quase raspando a trave direita. Antes disso, aos 21 minutos, Mazurkiewicz bateu um tiro de meta bem na direção onde Pelé estava na interm-diária. Ele rebateu de primeira, mas o goleiro uruguaio se recuperou e defendeu.



❖ A FINAL

A decisão da Copa do México valia mais do que o título. Como os dois finalistas já tinham vencido duas vezes o torneio, aquele que ganhasse o jogo ficaria com a Taça Jules Rimet para sempre. E a Itália começou melhor, dando susto.

A um minuto e meio, Giva acertou uma bomba, que Félix espalmou para escanteio com suas mãos enluvadas – era a primeira vez que um goleiro da seleção usava luvas. E elas seriam úteis poucos minutos depois, aos 12, quando Félix segurou outro chute de Riva. Mas, ao contrário do que havia acontecido nas duas finais anteriores que o Brasil havia participado – em 1958 e 1962 – e vencido, dessa vez o time saiu na frente no placar. Aos 18 minutos do primeiro tempo, Pelé aproveitou um cruzamento de Rivelino e fez 1 a 0, de cabeça.

O Brasil passou a dominar o jogo, mas a Itália não estava morta e, aos 37 minutos, empatou por meio de Roberto Boninsegna, depois de uma falha de Clodoaldo, que tentou dar um passe de calcanhar para Everaldo e errou. No segundo tempo, Gérson empatou aos 21 minutos, com um chute de fora da área com a sua famosa canhota. Três minutos depois, o mesmo Gérson deu um passe de 30 metros perfeito na cabeça de Pelé, que escorou para Jairzinho, pelo meio, marcar. Assim, Jairzinho conseguia a façanha de ter feito gol em todas as partidas da Copa. Mas a seleção ainda fez mais um. Aos 42 minutos, Pelé recebeu na entrada da área e rolou para a direita, para Carlos Alberto que vinha na corrida e emendou para o gol. Placar final: 4 a 1 e o Brasil tricampeão e dono em definitivo da Taça Jules Rimet. Troféu que viria a ser roubado em 1983. Mas essa é outra história, já contada na abertura deste livro.

Além de ter conquistado o tricampeonato, a seleção brasileira que jogou no México é detentora de outros feitos. Pelé, por exemplo, é até hoje o único jogador do mundo que venceu três copas.

E Zagallo foi o primeiro a ser campeão como jogador e depois como treinador – feito mais tarde repetido por Beckenbauer, da Alemanha. Além disso, como lembra Max Gehringer, em seu *Almanaque dos mundiais – Os mais curiosos casos e histórias de 1930 a 2006*, a geração de Pelé disputou quatro copas do mundo e venceu três. Antes disso, a seleção havia disputado cinco e não vencido nenhuma. E depois participou de outras cinco e também não ganhou. Só viria a ser campeã de novo, 24 anos depois, em 1994.



▶ ALEMANHA BICAMPEÃO

Q2
1974



Fußball-Weltmeisterschaft 1974
FIFA World Cup 1974
Coupe du Monde de la FIFA 1974
Copa Mundial de la FIFA 1974

1974

A DERROTA DO "CARROSEL HOLANDÊS"

EM 1974 A COPA DO MUNDO, REALIZADA NA ALEMANHA OCIDENTAL, CHEGOU À SUA DÉCIMA EDIÇÃO. O DESEJO DO PAÍS DE SEDIAR A COPA ERA ANTIGO.

Ele foi um dos primeiros a se filiar à FIFA já em 1904, quando a entidade foi criada. Por isso, provavelmente, os alemães teriam sido escolhidos para organizar a de 1942. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, no entanto, o torneio daquele ano foi cancelado e permaneceu por 12 anos sem ser disputado. Com o retorno da competição, em 1950, no Brasil, a FIFA ficou devendo a realização da competição em terras germânicas. Mas foi somente em julho de 1966, no 35º Congresso da entidade, realizado em Londres, durante a copa da Inglaterra, que a Alemanha foi confirmada como sede do mundial de 1974.

Para a torneio, algumas providências precisaram ser tomadas. Como quatro anos antes, em 1970, o Brasil havia conquistado o tricampeonato mundial e levado para casa em definitivo a Taça Jules Rimet, que vinha sendo disputada desde 1930, era necessário criar um novo troféu. Para isso, a FIFA instituiu um concurso, em 1971, cujo vencedor foi o italiano Silvio Gazzaniga. Batizada de “Copa do Mundo Fifa”, o novo troféu tem 36 centímetros de altura e pesa cinco quilos. Ele mostra dois atletas, de costas um para o outro, levantando o globo terrestre. Diferentemente da Taça Jules Rimet, esse novo troféu ficará apenas transitoriamente com cada campeão mundial até a copa seguinte.

Entre as novidades do evento de 1974 está o fato de ter sido o primeiro a ser transmitido em cores pela televisão para 70 países, um marco histórico para a competição e, sobretudo, para o marketing esportivo. Além disso, o campeonato da Alemanha foi o primeiro em que os jogadores usaram número nos calções e marcou também o primeiro caso de doping detectado. Foi o do zagueiro do Haiti, Jean-Joseph, na partida em que sua seleção foi goleada pela Polônia por 7 a 0.

ELIMINATÓRIAS

Nada menos do que 99 países se inscreveram para as eliminatórias da Copa de 1974, disputando 14 vagas na fase final.

A Alemanha Ocidental, como país sede, e o Brasil, campeão anterior, estavam automaticamente classificados. A FIFA distribui as vagas por zonas continentais, ficando oito para a Europa (mais a da Alemanha); duas para América do Sul (mais o Brasil); uma para América do Norte, América Central e Caribe; uma para a África e uma para Ásia/Oceania. Uma última vaga seria disputada entre o nono colocado da Europa e o terceiro da América do Sul.

Os resultados indicaram que União Soviética e Chile lutariam por esta vaga, em dois jogos, um em Moscou e outro em Santiago. No jogo na capital soviética deu empate em 0 a 0. O outro jogo não ocorreu, porque os soviéticos se recusaram a viajar para o Chile, em protesto contra a ditadura de Augusto Pinochet, que



presidia o país. Mas, os chilenos tiveram de entrar em campo, dar a saída de jogo e marcar um gol sem adversário, para garantir sua ida à copa. Algumas supresas marcaram as eliminatórias, como a não classificação de Inglaterra, Portugal e Espanha. Em contrapartida a Alemanha Oriental se classificou pela primeira vez, assim como Austrália, Haiti e Zaire (atual República Democrática do Congo).

❖ **OITAVAS DE FINAL**

No final das eliminatórias, estavam classificados nove seleções europeias (Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Bulgária, Escócia, Holanda, Itália, Iugoslávia, Polônia e Suécia), cinco americanas (Argentina, Brasil, Chile, Haiti e Uruguai), uma africana (Zaire) e uma da Oceania (Austrália).

Elas foram divididas em quatro grupos com quatro equipes. Todas jogariam contra todas e as duas melhores de cada chave se classificariam para a segunda fase. De início, a dona da casa, que contava com Franz Beckenbauer e Gerd Müller no elenco, parecia ser a grande favorita – superando, inclusive, a seleção brasileira, então campeã do mundo e que já havia conquistado três vezes a competição nas últimas quatro edições. No entanto, outro selecionado surgiu como revelação para ameaçar esse favoritismo. A Holanda, que, sob o comando de Rinus Michels, voltou à copa após 36 anos.

Integrante do Grupo A, junto com Alemanha Oriental, Austrália e Chile, a Alemanha Ocidental surpreendentemente não ficou em primeiro. Essa posição ficou com os alemães orientais, que venceram o confronto com os ocidentais, por 1 a 0, na única vez em que as duas seleções se enfrentaram em uma copa. Há quem suspeite de que a Alemanha Ocidental, que ficou com a segunda vaga do grupo, tenha entregado o jogo, para evitar cair no grupo de Brasil e Holanda na fase seguinte.

No grupo C, não houve maiores supresas. A primeira colocado foi a Holanda, conhecida coma “Laranja Mecânica” e “Carrossel Holandês”, devido ao esquema tático de Michels, de alternar os jogadores em suas posições. Ou seja, os atletas jogavam sem posição fixa. O destaque dessa equipe era Johan Crujff, que atuava bem tanto na defesa, quanto no meio-campo e no ataque. De longe, era a seleção tida como maior favorita ao título. Nessa primeira fase, os holandeses sofreram apenas um gol. A Laranja Mecânica ganhou do Uruguai por 2 a 0, empatou com a Suécia em 0 a 0 e goleou a Bulgária por 4 a 1. A outra vaga do grupo ficou com os suecos, que além de empatar com a Holanda, também empataram com a Bulgária em 0 a 0 e ganharam do Uruguai, por 3 a 0.

Um dos grupos mais fortes da competição era o D, formado por Polônia, Itália e Argentina, que brigavam ferozmente pelas duas vagas, e o Haiti, que acabou



servindo apenas como saco de pancadas. Esta seleção perdeu da Itália por 3 a 1, da Argentina por 4 a 1 e da Polônia por 7 a 0. Quem goleou por mais acabou passando: Argentina e Polônia. Apesar disso, a equipe do Haiti deixou a copa com um feito digno de nota: ao marcar seu único gol na derrota diante da Itália, quebrou a invencibilidade da defesa italiana, que não tomava um gol desde 1972.

❖ O BRASIL NA COPA

Assim como toda a configuração da competição, a Copa de 74 foi recheada de inovações para o Brasil.

Porém, nem tão boas assim. Ainda que estivesse com o mesmo técnico, Mario Jorge Lobo Zagallo, este foi o primeiro Mundial sem Pelé desde 58, que se aposentou da seleção depois do tri. Também sem Gérson, Carlos Alberto Torres, Tostão e Clodoaldo, a equipe brasileira não chegava aos pés da campeã de 1970. No grupo B da primeira fase, o time suou para se classificar. Não havia sinais da então campeã mundial que havia feito uma copa espetacular no México e a equipe, simplesmente, não assustava ninguém.

Para começar, o time que estreou na Copa contra a Iugoslávia, no dia 14 de junho, nunca tinha jogado junto antes. Jairzinho e Rivellino, remanescentes da competição anterior, ficaram encarregados de comandar o ataque. A postura adotada por Zagallo, porém, foi totalmente defensiva. No fim das contas, mais de 59 mil pessoas presentes no estádio Wald Stadion Frankfurt assistiram ao decepcionante placar de 0 a 0, que obviamente não agradou. Apesar disso, o técnico fez apenas uma alteração para o jogo contra a Escócia, tirou Valdomiro e colocou Mirandinha.

O resultado dessa mudança foi praticamente nenhum. Outro 0 a 0 com a mesma atuação morna. Na última rodada, no dia 22 de junho, contra o fraquíssimo Zaire, o Brasil finalmente conseguiu vencer – o que não significava lá grande coisa, afinal, a equipe africana já havia perdido para a Iugoslávia por 9 a 0 na segunda rodada e não tinha mais nenhuma pretensão no torneio. O resultado brasileiro foi bem menos humilhante para os africanos, inclusive: 3 a 0.

Desesperado pela vitória, o Brasil abriu o marcador logo aos 13 minutos, com Jairzinho. Mas, diferentemente do que todos esperavam, o Zaire dificultou a vida dos brasileiros com uma marcação forte – e muitas vezes violenta – e a partida foi para o intervalo com o Brasil vencendo por apenas 1 a 0. Ainda assim, a seleção canarinho não desistiu. A pressão continuou no segundo tempo e aos 12 minutos Rivellino ampliou em cobrança de falta. Aos 34, Valdomiro marcou o gol da classificação – em segundo lugar na chave. Em primeiro, ficou a Iugoslávia. Já a Escócia se tornou a primeira seleção a ser eliminada na primeira fase sem perder um só jogo e, curiosamente, ser a única equipe invicta do torneio.



❖ **QUARTAS DE FINAL**

Diferentemente de copas anteriores, as quartas de final não foram no sistema mata-mata e não houve semifinais.

As oito seleções classificadas foram divididas em dois grupos de quatro, o 1, com Alemanha Oriental, Argentina, Brasil e Holanda e o 2, composto por Alemanha Ocidental, Iugoslávia, Polônia e Suécia. Todos jogariam contra todos dentro da mesma chave, os primeiros colocados de cada uma disputariam a final e os dois segundos, o terceiro lugar da Copa. Não seria tarefa fácil para o Brasil passar pela Holanda, com o futebol que os dois times estavam jogando – como de fato não passou.

Antes de se preocupar com os holandeses, no entanto, os brasileiros tinham dois desafios: Alemanha Oriental e Argentina. A equipe venceu o primeiro por 1 a 0. Depois de um primeiro tempo sem gols, Rivellino, em cobrança de falta precisa, fez o tento que deu o triunfo ao Brasil. Embalado por essa vitória, a seleção encontrou em seguida o sempre tenso clássico sul-americano. Brasil e Argentina se enfrentaram no estádio Vital Lourax no dia 30 de junho, com vitória brasileira por 2 a 1, gols de Jairzinho e Rivelino. O jogo foi muito equilibrado. O placar foi aberto aos 34 minutos do primeiro tempo pelos brasileiros, com Rivelino, mas dois minutos mais tarde Brindisi já empatava para a Argentina. Foi na segunda etapa, aos 3 minutos, que Jairzinho deu a vitória ao Brasil.

Frente ao esquadrão de Johann Cruyff, porém, o Brasil se perdeu. Diante de cerca de 50 mil pessoas, a Laranja Mecânica, que jogava pelo empate, destruiu o sonho do tetra. Mas não com a facilidade que todos imaginavam que teria. No primeiro tempo, o Brasil até teve mais chances de gol do que a Holanda: 3 a 1. O jogo estava tenso e violento de ambas as partes, mas o juiz alemão Kurt Tschenscher usou critérios diferentes para punir os dois times e só deu cartão amarelo para o Brasil: Luís Pereira, Zé Maria e Marinho Peres. No segundo tempo, o melhor futebol da Holanda e um pouco de sorte, como no seu primeiro gol, levou a Laranja Mecânica a eliminar o Brasil, por 2 a 0. Neeskens, marcou aos 5 minutos, e Crujff, aos 20. O jogo também foi violento no segundo tempo e Luís Pereira acabou expulso.

Restou ao Brasil a disputa do terceiro lugar contra a Polônia, país com pouca tradição em copas. A equipe brasileira que fez o último jogo, no dia 6 de julho, teve cinco alterações em relação à da estreia. Mesmo com as mudanças, o time estava desestimulado e perdeu por 1 a 0, com gol de Lato, artilheiro da Copa. A seleção brasileira acabou o torneio amargando a quarta posição, com oito pontos. Em sete jogos foram três vitórias, dois empates e duas derrotas – na época as vitórias valiam apenas dois pontos.

No outro grupo, a dona da casa não teve dificuldade para ficar em primeiro e garantir seu lugar na final. Os alemães venceram a Suécia por 4 a 2, a Polônia por 1 a 0 e a Iugoslávia por 2 a 0. A Polônia venceu a Suécia por 1 a 0 e a Iugoslávia por 2 a 1. Pelo melhor saldo de gols, a Alemanha tinha a vantagem do empate no



jogo contra a Polônia. Mas nem precisou, ela venceu por 1 a 0. Assim, Alemanha Ocidental e Holanda fariam a grande final da Copa do Mundo de 1974, no Estádio Olímpico de Munique.

❖ A FINAL

O jogo colocou frente a frente os donos da casa, a Alemanha Ocidental, e os donos da bola na ocasião, a Holanda.

Com um esquema tático pautado no dinamismo e na participação de todos os atletas em todos os setores do campo, a Laranja Mecânica impressionava. No entanto, se de um lado estavam atletas rápidos, ágeis e um esquema tático que usava e abusava da movimentação, do outro estavam os proprietários daquele território, dotados de uma força física muito superior e, sobretudo, de uma obediência tática que seguia limites bem rígidos – e que dava certo.

A partida final foi realizada no dia 7 de julho, para um público estimado em 75 mil pessoas. Sob o apito do árbitro inglês Jack Taylor, o que se viu, um espetáculo em campo e um dos jogos mais lembrados na história dos mundiais, não pode ser chamado de surpresa. Aliás, era exatamente que se esperava de duas equipes tão grandiosas. A Alemanha possuía a seleção campeã da Europa, com o mito e capitão Beckenbauer. Já a Holanda era a grande sensação da Copa, invicta, colecionando apenas vitórias e deixando os adversários atordoados.

Com apenas um minuto de jogo, sem a Alemanha ter tocado na bola, o juiz marcou pênalti para os holandeses. Neeskens cobrou e abriu o placar. Silêncio. Mas os alemães não se abateram. Aos 25 minutos, outro pênalti, dessa vez para os donos da casa. Agito. Tensão. Paul Breitner bateu e empatou. Aos 43, dois minutos antes da ida aos vestiários, foi a vez do artilheiro Gerd Müller entrar em cena. Ele recebeu a bola dentro da área holandesa, virou com perfeição e colocou os alemães em vantagem. Glória. Consagração. O gol fez dele o maior artilheiro da história das copas até então, com 14 gols. No segundo tempo, ambas as equipes tiveram chances, a Holanda bem que pressionou, mas nada do gol sair. Uma muralha havia sido formada pelo goleiro Sepp Maier e os defensores. Assim, os holandeses esbarraram na eficiência e precisão dos alemães, que ensinaram que havia uma maneira de derrotar a mágica Holanda de 1974: cadenciar o jogo. A Alemanha quebrou um jejum de 20 anos e voltou a ser campeã mundial.

A Holanda, após se dar conta de que não era imbatível, perdeu seu brilho. Nem mesmo o prêmio de 100 mil dólares que cada jogador holandês ganhou pelo vice-campeonato – maior, inclusive, que o recebido pelos campeões, que foi de 50 mil dólares e um Fusca 0 km – serviu de inspiração. Cruyff e Michels deixaram a seleção e a Laranja não foi mais mecânica na Copa de 1978, mesmo tendo chegado novamente à final. Mas isso é história para o próximo capítulo.



▶ ARGENTINA CAMPEÃ



1978

A COPA DA DITADURA ARGENTINA

DEMOROU. FORAM 40
ANOS DE ESPERA ATÉ
QUE OS ARGENTINOS
CONSEGUISSEM
REALIZAR SEU SONHO
DE SEDIAR UMA COPA
DO MUNDO.

Eles se candidataram para organizar a terceira, a de 1938, mas foram preteridos pela FIFA, que escolheu a França. Chateados, os *hermanos* resolveram, como boicote, não participar daquele mundial. A escolha para a sede de 1978 foi feita no 35º Congresso da FIFA realizado em Londres, em 1966, durante a Copa da Inglaterra. Por coincidência, os dois mundiais – o de 1996 e o de 1978 - ficariam marcado para sempre pelas suspeitas de que foram arranjados para que as equipes donas da casa fossem campeãs, o que de fato ocorreu. Inglaterra e Argentina levaram os respectivos troféus.

No caso do país sul-americano, além de arbitragens arranjadas, houve suspeitas de pressões do governo local sobre adversários, de suborno e até fraudes em exames antidoping. Na verdade, as queixas contra a copa na Argentina começaram bem antes de sua realização. O motivo era justo: a brutal ditadura militar instalada no país dois anos antes, em 24 de março de 1976, quando um golpe de Estado derrubou a presidente María Estela Martínez de Perón, mais conhecida como Isabelita Perón. A FIFA ignorou os protestos, no entanto, e confirmou a realização do torneio, sob a justificativa de que esporte e política não se misturam. Para o regime militar, foi uma mão na roda. Ele usou o futebol como um instrumento político para se legitimar e popularizar, dando uma espécie de compensação à população. Para isso, a conquista do título era imprescindível.





Durante a copa os problemas continuaram. O craque holandês Johan Crujff, um dos melhores e mais conhecidos jogadores do mundo na época, se recusou a jogar a Copa. O motivo principal de sua decisão teria sido um protesto contra o regime militar argentino. Se muitos hoje criticam a organização da Copa de 2014, no Brasil, deveriam ver como foi a da Argentina. Alguns estádios ficaram prontos em cima hora, e, por isso, os gramados recém-plantados se soltavam durante os jogos, prejudicando o desempenho dos jogadores e a qualidade do futebol. Além disso, algumas seleções tiveram de viajar para os quatro cantos do país para disputar suas partidas. O Brasil, por exemplo, percorreu quase cinco mil quilômetros durante o torneio. Em contrapartida, a equipe Argentina praticamente não saiu de Buenos Aires.

❖ **AS ELIMINATÓRIAS**

Na época, a FIFA já tinha um número de países filiados maior que a Organização das Nações Unidas (ONU), por isso não surpreende que a quantidade de seleções que participaram das eliminatórias, tenha sido grande, nada menos que 97.

O torneio apresentou algumas surpresas. Na América do Sul, por exemplo, o Uruguai não conseguiu se classificar, o que não ocorria desde 1958, quando a Celeste também havia ficado de fora do torneio.

Na Europa, quem não se classificou foi a Inglaterra, que perdeu a vaga na disputa com a Itália, e assim emendava duas copas sem participar. Da África, a única vaga foi preenchida pela Tunísia. Na repescagem, na disputa pela vaga entre Ásia e Oceania, o Irã se classificou. Ambos eram estreantes em copas. No final das disputas, estavam classificados Áustria, Brasil, Escócia, Espanha, França, Holanda, Hungria, Irã, Itália, México, Peru, Polônia, Suécia e Tunísia, mais Alemanha Ocidental (campeã da copa anterior) e Argentina (país sede).

❖ **OITAVAS DE FINAL**

O regulamento das oitavas de final – primeira fase da Copa – repetiu o da copa de 1974, na Alemanha Ocidental, e era bem simples.

As 16 equipes foram divididas em quatro grupos de quatro, com todos jogando contra todos dentro de cada grupo. As duas seleções melhores colocadas conquistavam uma vaga para as quartas de final, que ao mesmo tempo eram também semifinais. Foi nessa fase das oitavas que se intensificaram as



reclamações contra as arbitragens, sempre favoráveis aos donos da casa. Um exemplo foi o jogo da Argentina e França, pelo Grupo 1, vencido pelos donos da casa por 2 a 1, com um gol de pênalti cobrado por Passarella. O problema é que a falta que originou o pênalti foi fora da área. Os franceses reclamaram em vão.

Apesar dessa vitória e de ter vencido também a Hungria, pelo mesmo placar de 2 a 1, a Argentina ficou em segundo lugar no grupo, atrás da Itália, que venceu seus três jogos. No grupo 2, um jogo ficou na história. A Tunísia venceu o México por 3 a 1, no que foi a primeira vitória de uma seleção africana numa copa. Além disso, os africanos conseguiram um empate com ninguém menos os então campeões do mundo, os alemães ocidentais. Mas não adiantou, a Tunísia perdeu por 1 a 0 para a Polônia e ficou de fora da segunda fase.

No grupo 4, a Holanda, sem o revolucionário treinador, Rinus Michels, inventor do “carrossel holandês”, e sem Crujff, não era a mesma da copa anterior na Alemanha, quando tinha sido vice-campeã. Mas ainda era um bom time, embora tenha tido dificuldades em se classificar. Venceu o Irã por 3 a 0, empatou com o Peru em 0 a 0 e perdeu para a Escócia por 3 a 2. A grande surpresa e sensação do grupo foi o Peru, que, liderado pelo craque Teófilo Cubillas, praticava um futebol clássico e técnico, e, pelo menos nessa fase, eficiente. Além de empatar com a Holanda, venceu a Escócia por 3 a 1 e goleou o Irã por 4 a 1.

❖ O BRASIL NA COPA

Parecia estar se tornando um hábito. Seguindo a mesma linha dos campeonatos mundiais anteriores, a preparação que antecedeu a Copa de 1978 foi conturbada para a seleção brasileira.

Mais uma vez o time trocou de técnico no meio do caminho. Osvaldo Brandão deu lugar a Cláudio Coutinho ainda durante as eliminatórias. Já na Copa, mesmo com muitos craques na equipe, como Zico, Rivelino e Reinaldo, o desempenho ficou abaixo do esperado.

Integrante do grupo 3, o Brasil estreou com um empate em 1 a 1 com Suécia. Nesse jogo também foi sentida a presença de uma arbitragem polêmica, que acabou prejudicando os brasileiros. Com um time lento e confuso, por causa das piruetas táticas do técnico Cláudio Coutinho, o Brasil saiu perdendo. Aos 37 minutos do primeiro tempo, os suecos abriram o placar com Sjöberg. Oito minutos depois, aos 45, Reinaldo empatou para o Brasil.

O lance que ficou na história, no entanto, aconteceu ao 45 do segundo tempo. Nelinho cobrou escanteio e Zico subiu e marcou de cabeça. Mas o gol não valeu, pois o juiz galês Clive Thomas alegou ter apitado o fim da partida com a bola ainda no ar. Ele foi afastado da Copa por causa disso, mas o prejuízo já



havia ficado com o Brasil. Nos outros dois jogos de seu grupo, a seleção brasileira empatou com a Espanha em 0 a 0 e venceu a Áustria, por 1 x 0, com gol de Roberto Dinamite, se classificando em segundo lugar. Os austríacos foram os primeiros do grupo, pois haviam vencido seus dois jogos anteriores.

❖ **SEGUNDA FASE**

Os resultados da primeira fase determinaram os grupos da segunda, que era quartas de final, mas também semifinais.

Diferentemente de copas do passado, a disputa não seria no sistema mata-mata. As oito equipes restantes foram divididas em dois grupos de 4. No A, ficaram Alemanha Ocidental, Áustria, Holanda e Itália. No B, estavam Argentina, Brasil, Polônia e Peru. O regulamento previa que todos jogariam contra todos dentro de cada grupo. Os dois primeiros colocados – um de cada chave - disputariam o título e os dois segundos jogariam pelo terceiro lugar da Copa.

No Grupo A, a Holanda recuperou seu melhor futebol e deslanchou. Goleou a Áustria por 5 x 1; empatou com a Alemanha Ocidental em 2 x 2 e ganhou da favorita Itália 2 x 1. Com esses resultados, ficou em primeiro no grupo e garantiu vaga na final da Copa. O segundo colocado foi a Itália, que, além de perder para os holandeses, empatou com a Alemanha Ocidental em 0 a 0 e ganhou da Áustria por 1 a 0, resultados magros, mas suficientes para deixá-la com direito a disputar o terceiro lugar no torneio.

O Grupo B teve uma disputa mais acirrada. Em seus dois primeiros jogos, o Brasil, com as entradas de Rodrigues Neto, Jorge Mendonça e Roberto Dinamite nos lugares de Edinho, Zico e Reinaldo, jogou melhor do que na primeira fase e venceu o Peru por 3 a 0 e empatou com a Argentina em 0 a 0. Os argentinos ainda venceram a Polônia por 2 a 0. Assim, argentinos e brasileiros estavam empatados no grupo em número de pontos, mas com vantagem para o Brasil no saldo de gols. A decisão de quem iria para a final ficou para o último jogo de cada time.

Aí começaram a acontecer coisas estranhas. A primeira delas é que os dois jogos – Brasil e Polônia e Argentina e Peru – foram marcados para o mesmo dia, mas o da seleção canarinho seria realizado antes. Ou seja, a Argentina jogaria já sabendo qual o resultado que precisaria para ir à final. Na sua partida, o Brasil venceu a Polônia por 3 a 1. A vantagem poderia ser maior, mas Coutinho resolveu recuar o time e garantir o resultado, o que seria fatal para as pretensões brasileiras na Copa, como se veria mais tarde. Com esse resultado, os argentinos precisariam derrotar os peruanos por uma diferença de quatro gols. Ninguém achava que seria fácil, por causa da campanha do Peru na primeira fase.



Mas o que se viu em campo, naquele dia 21 de junho de 1978, foi classificado por muitos como “uma vergonha”, “um dos maiores escândalo da história das copas”. O Peru simplesmente desistiu jogar. Apático em campo, com um goleiro hesitante, foi presa fácil para os *hermanos*, que meteram 6 a 0. Depois se soube, que o ditador Jorge Videla visitou o vestiário dos peruanos antes do jogo. Também foi lembrado que o goleiro do Peru, Quiroga, era argentino de nascimento, naturalizado peruano. Seja como for, a torcida peruana ficou indignada e tentou agredir os seus jogadores na chegada deles ao aeroporto de Lima.

Na decisão pelo terceiro lugar, num jogo com um primeiro tempo apático, a Itália saiu na frente contra o Brasil. Aos 38 minutos, Causio, aproveitando um cruzamento de Paolo Rossi – que iria brilhar quatro anos depois, na Copa da Espanha – fez 1 a 0 de cabeça. Aos 45, o mesmo Causio poderia ter ampliado, mas acertou a trave de Leão. Para o segundo tempo, Coutinho colocou Reinaldo no lugar de Gil e, mais tarde, Rivelino no de Toninho Cerezzo.

O time melhorou e aos 19 minutos, num chute de Nelinho da ponta direita que quem viu não esquece, empatou o jogo. A bola parecia que iria sair pelo outro lado campo, mas fez uma curva incrível, vencendo o goleiro Zoff. Aos 27, Dirceu virou o jogo e o Brasil conquistou o terceiro lugar. Ou, como diria Coutinho mais tarde, foi o “Campeão Moral” da Copa. Era uma alusão à suspeita goleada da Argentina sobre o Peru, além do fato de o Brasil ter sido o único invicto da competição e terminado o torneio com o mesmo número de pontos do campeão.

❖ A FINAL

Quarenta e oito anos depois de perder a final para o Uruguai, na Copa de 1930, a Argentina tinha uma nova chance de ser tornar campeã do mundo pela primeira vez.

E não desperdiçou a oportunidade. No dia 25 de junho, com o Estádio Monumental de Nuñez, em Buenos Aires, lotado com 71.483 pagantes, o time derrotou a Holanda por 3 a 1 – 1 a 1 no tempo normal e 2 a 0 na prorrogação. Os donos da casa saíram na frente, por intermédio de Mário Kempes, aos 38 minutos do primeiro tempo. Aos 37 do segundo, Nanninga, que havia entrado no lugar de Rep, empatou a partida. Aos 45, o mesmo Nanninga acertou a trave do goleiro Fillol, dando um susto na torcida argentina.

Na prorrogação, Kempes marcou o seu segundo gol do jogo, aos 14 minutos do primeiro tempo. Aos 11 do segundo, Bertoni ampliou, fechando o placar em 3 a 1. A Argentina era campeão do mundo pela primeira vez, para a alegria de seu povo e, principalmente, dos militares que governavam o país por meio de uma ditadura sanguinária e tiveram alguns dias de trégua dos seus opositores.



ITÁLIA TRICAMPEÃO



1982

O BRASIL ENCANTA, MAS NÃO LEVA

A REALIZAÇÃO DA
COPA DO MUNDO DE
1982 NA ESPANHA
FOI O RESULTADO DE
UM ACORDO COM A
ALEMANHA OCIDENTAL.

Os espanhóis haviam manifestado, em 1964, no 34º Congresso da FIFA, a intenção de organizar o torneio de 1974, mesma pretensão dos alemães. Os dois países acertaram que a Alemanha sediaria o evento de 1974 e a Espanha o de 1982. Esta copa teve uma mudança importante, que foi o aumento do número de participantes de 16 para 24, que foi decidida no 41º Congresso da FIFA, realizado em Buenos Aires, em maio de 1978. Com isso, foi a primeira em que todos os continentes foram representados.

❖ ELIMINATÓRIAS

Para disputar as 22 vagas em jogo – a Espanha, como país sede, e a Argentina, como campeã anterior, já estavam garantidas – um total recorde de 109 seleções se inscreveram para as Eliminatórias.

A FIFA determinou 14 vagas para a Europa (incluída a da Espanha); quatro para a América do Sul (contando com a da Argentina); duas para América do Norte, América Central e Caribe; duas para a África e duas para Ásia e Oceania.

Como se não bastasse ser um time recheado de craques como Zico, Falcão, Sócrates, Júnior e Éder, a seleção comandada por Telê ainda teve muita sorte no sorteio dos grupos das eliminatórias. Ficou na mesma chave das fracas Venezuela e Bolívia e classificou com facilidade. Foi a primeira copa que o Brasil disputou, depois da criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), fundada em 24 de setembro de 1979, para cuidar exclusivamente do futebol. A antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que era responsável por



todos os esportes, foi extinta.

Apesar do número maior de vagas para a copa, algumas seleções importantes não conseguiram se classificar. Da Europa, por exemplo, ficaram de fora a Suécia e a Holanda, esta depois de ter sido vice nas duas copas anteriores. Em seus lugares entraram a inexpressiva Bélgica e a França, que começava a se destacar com a geração liderada por Michel Platini. Na América do Sul, a surpresa foi a não classificação do Uruguai. No fim das eliminatórias, estavam classificados para a Copa da Espanha: Alemanha Ocidental, Argélia, Áustria, Brasil, Bélgica, Camarões, Chile, Escócia, El Salvador, França, Honduras, Hungria, Inglaterra, Irlanda do Norte, Itália, Iugoslávia, Kuwait, Nova Zelândia, Peru, Polônia, Tchecoslováquia, União Soviética, além de Espanha e Argentina.

❖ **PRIMEIRA FASE**

Na primeira fase, os 24 participantes do torneio foram divididos em seis grupos de quatro.

Todos jogariam contra todos nos grupos e os dois primeiros colocados de cada um avançavam para a segunda etapa. No Grupo A, a Itália fez três péssimos jogos. A *Azzurra* empatou com a Polônia (0 a 0), com o Peru (1 a 1) e com Camarões (1 a 1), se classificando apenas graças ao saldo de gols – um a mais que os africanos. A Polônia ficou com o primeiro lugar do grupo, depois de empatar com a Itália e Camarões (0 a 0) e goleiar o Peru por 5 a 1.

No Grupo B, a Argélia, estreante em copas do mundo, surpreendeu e ganhou da Alemanha Ocidental por 2 a 1. Mas os alemães golearam o Chile por 4 a 1, e derrotaram a Áustria, por 1 a 0, no chamado “jogo da vergonha”. Isso aconteceu porque este resultado classificava os dois times à próxima fase e, por isso, ambos ficaram apenas trocando passes em campo, ao som de vaias do público. Os argelinos, mesmo ganhando dois de três jogos, foram eliminados.

Então campeã mundial, a Argentina foi uma das decepções do início do campeonato. No Grupo C, ela perdeu para a Bélgica no jogo de abertura da Copa, por 1 a 0. Só conseguiu a segunda colocação no grupo após ganhar das fracas equipes da Hungria e de El Salvador. O time belga ficou com a primeira vaga, confirmando a boa fase que o tinha levado a conquistar o vice-campeonato na Eurocopa de 1980. Nesse grupo da copa da Espanha, a Bélgica venceu, além da Argentina, El Salvador por 1 a 0 e empatou com a Hungria em 1 a 1. Apesar de terem sido eliminados, os húngaros foram os autores da maior goleada da história das copas, 10 a 1 sobre El Salvador. No Grupo D os ingleses, que ficaram com o primeiro lugar, saíram na frente, vencendo a França por 3 a 1, na estreia. Eles venceram também seus dois outros jogos, contra a Tchecoslováquia, por 2 a 0, e o Kuwait, por 1 a 0. A França, mesmo com a campanha mediana, conseguiu a segunda vaga, depois de empatar



com a Tchecoslováquia em 1 a 1 e ganhar do Kuwait por 4 a 1.

Os anfitriões, que estavam no Grupo E, não fizeram valer o fator casa na partida de estreia e decepcionaram com o empate em 1 a 1 contra Honduras, que disputava uma copa pela primeira vez. A Espanha só conseguiu o segundo lugar da chave, ao vencer a Iugoslávia por 2 a 1 e perder para a Irlanda do Norte por 1 a 0. E foram justamente os irlandeses que ficaram com primeira vaga, depois que venceram os donos da casa por 1 a 0, e empataram com a Iugoslávia sem gols e com Honduras em 1 a 1.

❖ BRASIL NA COPA

A seleção comandada por Telê Santana estava no Grupo F e era apontada por imprensa e amantes de futebol como a grande candidata ao título.

Depois de vencer a União Soviética por 2 a 1 no primeiro jogo, a equipe passou por cima da Escócia com um estrondoso 4 a 1. Contra a Nova Zelândia, a goleada foi ainda maior: 4 a 0. A segunda vaga ficou com os soviéticos, que venceram a Nova Zelândia por 3 a 0 e empataram em 2 a 2 com a Escócia.

O Brasil, com muitos craques, na verdade, nadava contra a corrente. A Copa de 82 significou para muitos o fim da era do chamado “futebol-arte”. A partir daí, o que prevaleceria nas equipes era o preparo físico e esquemas táticos mais defensivos – tudo com menos brilho, diga-se de passagem. A seleção brasileira, que havia conquistado três mundiais e se firmado como uma potência no esporte era a favorita na competição e contava com muito de “futebol-arte”. Para muitos, estava aí também a sua fraqueza.

Na estreia, o Brasil quase dá razão a esses defensores da força. O time venceu, é verdade, a União Soviética de virada, mas por um magro placar de 2 a 1 e muita dificuldade. Mas a partir do segundo jogo, a seleção engrenou. Foram 4 a 1 em cima da Escócia e 4 a 0 na Nova Zelândia. Isso com o futebol-arte de Zico, Sócrates, Falcão, Júnior, Éder e seus companheiros. Na segunda fase, os 12 times classificados formaram quatro grupos de três seleções cada. Somente os campeões de cada chave avançavam às semifinais. Quis o destino, ou melhor, a tabela da copa, elaborada muito antes do torneio, que na segunda fase a seleção caísse no Grupo 3, junto com os tradicionais e fortes rivais Argentina e Itália, uma verdadeira “chave da morte”.

Contra a arquirrival Argentina, no primeiro jogo da segunda fase, outra vitória convincente: 3 a 1. O resultado deu ânimo à equipe e aos torcedores. Ainda mais porque a Itália tinha vencido os argentinos por um placar menor, 2 a 1. Ou seja, o Brasil precisava de um mero empate com a *Azzurra*, o que parecia muito provável. A Itália havia vencido apenas um jogo na Copa até ali, e o Brasil todos os



que havia disputado. Mas os italianos souberam aproveitar as falhas da defesa brasileira e venceram por 3 a 2. Foi o que se viu no Estádio Sarriá, em Barcelona, naquela segunda-feira, 5 de julho, de triste lembrança para os brasileiros.

E o carrasco da seleção de Telê foi um jogador, que até um mês antes da Copa cumpria uma suspensão de três anos por sua participação no escândalo conhecido como Totonero ("loteria negra"), de manipulação de resultados no campeonato italiano: Paolo Rossi. Por isso, ele estava também havia três anos sem jogar e sem marcar pela seleção antes da copa. E resolveu tirar o atraso justamente contra o Brasil, marcando logo três vezes. Está certo, que para isso contou com ajuda de alguns erros individuais da seleção brasileiras.

O primeiro deles foi logo aos cinco minutos. Numa titubeada do zagueiro Luisinho e do goleiro Valdir Peres, Rossi aproveitou um cruzamento da esquerda de Cabrini e marcou de cabeça. Sete minutos depois o Brasil empatou, no entanto, com Sócrates, num chute rasteiro. Aos 25, Rossi fez mais um, em nova falha brasileira, dessa vez de Toninho Cerezo, que errou um passe entregando nos pés do italiano. E assim terminou o primeiro tempo.

No segundo, a seleção voltou a empatar, aos 23, com um belo gol de Falcão, num chute de esquerda de fora da área. Era só segurar o resultado por mais 22 minutos e o time estaria nas semifinais. Mas aí houve outra falha. Numa cobrança de escanteio, Sócrates tirou a bola fraca da área e a defesa do Brasil se adiantou para que os atacantes italianos ficassem em impedimento. Menos Júnior, que ficou junto à trave esquerda, dando condições de jogo ao ataque da Itália. A bola sobrou para Rossi e, adivinhe: 3 a 1. Era o último ato do que ficou conhecido como "tragédia do Sarriá", estádio que foi demolido em 1997 e hoje, para os brasileiros, só existe na memória de quem assistiu aquele jogo. Nos outros grupos da segunda fase não se pode dizer que houve surpresas. No 1, a Polônia se classificou derrotando a Bélgica por 3 a 0 e empatando com a União Soviética em 0 a 0. No 2, a classificada foi a Alemanha Ocidental, que empatou com a Inglaterra em 0 a 0 e derrotou a Espanha por 2 a 1. No Grupo 4, a França garantiu a vaga ao derrotar a Áustria por 1 a 0 e goleiar a Irlanda do Norte por 4 a 1.

❖ SEMIFINAIS

Pela tabela da Copa, foram definidas as duas semifinais:
Alemanha x França e Itália x Polônia.

A primeira foi considerado o melhor jogo do torneio e um dos melhores de todas as copas. Do lado alemão, havia craques como Briegel, Paul Breitner, Littbarski e Rummenigge, além do goleiro Schumacher. A França não ficava atrás, com Amoros, Trésor, Girese, Tiganá, Six, Rocheteau e, o melhor de todos, Michel Platini.



A partida, como não poderia deixar de ser, foi uma das mais equilibradas da competição e só foi decidida nos pênaltis, a primeira na história das copas a ser definida dessa forma. No tempo normal a partida ficou em um empate morno de 1 a 1. Na prorrogação, para desespero dos alemães, a França chegou a fazer 3 a 1. No entanto, a equipe liderada por Rummenigge não deixaria barato. Os germânicos empataram o jogo em 7 minutos, numa das mais espetaculares reações de todos os tempos: 2 a 2 (ou 3 a 3 no jogo. Na decisão por pênaltis, deu Alemanha: 5 a 4.

Na outra semifinal, a Itália superou a Polônia com facilidade, por 2 a 0. Os gols saíram dos pés de Paolo Rossi, que além de carrasco do Brasil, se tornou também dos poloneses. Na briga pelo terceiro lugar, no entanto, a Polônia levou a melhor sobre a França. Assim como em 1974, os Águias Brancas, como eram conhecidos os poloneses, ficaram com a posição. O resultado foi magro: Polônia 3 x 2 França.

FINAL

A grande final foi entre Alemanha e Itália, ambos já com dois títulos e que, poderiam alcançar o Brasil nesse quesito.

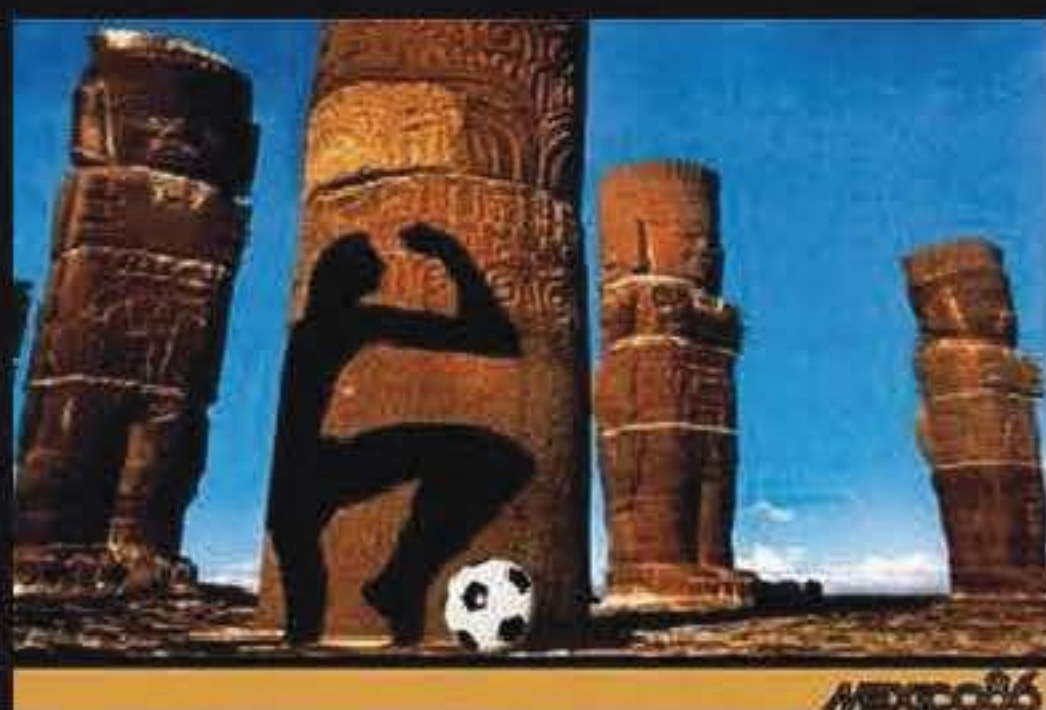
Mas os italianos não deram chance para os alemães e conquistaram o tricampeonato, igualando a marca brasileira. Três fatores influenciaram a vitória italiana em 1982: defesa segura, experiência e Paolo Rossi, artilheiro do torneio, com seis gols. Depois de 44 anos, a *Azzurra* voltava ao topo do mundo quando o assunto é futebol. Antes do Mundial ninguém acreditava no time. Os resultados nos jogos preparatórios não haviam impressionado. O mesmo aconteceu na primeira fase da Copa. Foram três empates em três jogos. A classificação à segunda fase veio apenas no número de gols marcados. Depois melhorou.

A grande decisão contra a Alemanha, no Estádio Santiago Bernabéu, em Madri, foi um passeio italiano. O Brasil já havia ficado para trás, mas teve um representante em campo na final da competição: o árbitro Arnaldo Cezar Coelho. O primeiro tempo pode até ter sido carente de emoções, mas a cautela da *Azzurra* foi determinante. Aos 24 minutos os italianos chegaram a perder um pênalti. Cabrini bateu para a fora. Mas, no segundo tempo, o que se viu foi ofensividade total. Tudo por causa do determinado Paolo Rossi.

Aos 11, ele protagonizou o primeiro grande lance da partida. O atacante marcou de cabeça o primeiro gol, aquele que abriu caminho para mais dois. Depois de chegar aos 3 a 0, com Tardelli, aos 24, e Altobelli, aos 36, a seleção italiana viu a Alemanha descontar, por intermédio de Breitner, aos 38. Mas já era tarde demais para uma reação. Pela terceira vez a Itália levava o título para casa – desta vez depois de passar pela então campeã Argentina, pelo favorito Brasil e pela grande rival Alemanha. Havia mesmo motivos para se comemorar.



▶ ARGENTINA BICAMPEÃ



1986

SE ESTA COPA TEM NOME, É MARADONA

A ESCOLHA DO PAÍS
SEDE DA COPA DO
MUNDO DE 1986
FOI CONFUSA,
INCLUINDO ALGUMAS
DESISTÊNCIAS.

Inicialmente, o campeonato daquele ano seria disputado na Colômbia, escolhida para isso no 39º Congresso da FIFA, realizado em Frankfurt, na Alemanha Ocidental, em 1974. Mas, devido aos graves problemas econômicos que o país sofria na época, os colombianos desistiram. Ainda em 1982, foram cogitados para receber o evento Brasil, Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Inglaterra e Espanha. Por motivos diversos, nenhum desses países conseguiu ser a sede.

Já em 1983, lembrou-se do México, que tinha organizado com sucesso a Copa de 1970 e já tinha estádios e infraestrutura prontos. Também pesava a seu favor ter realizado outros grandes eventos internacionais com bons resultados, como os Jogos Olímpicos de 1968 e os Jogos Pan-Americanos de 1975. Mas dessa vez quase que não deu certo, pois em 1985 o país foi atingido por fortes terremotos, que deixaram cerca de 20 mil mortos e colocaram em risco a realização da competição. Os estádios saíram intactos, no entanto, e o país renasceu para sediar um torneio memorável.

❖ ELIMINATÓRIAS

Depois de decidida a sede, era preciso definir nações participantes. A 13ª edição do torneio contou com 121 países nas eliminatórias.

Assim como na copa anterior, a FIFA distribuiu as vagas por zonas continentais: 12 para a Europa (mais a Itália, campeã anterior); quatro para a América do Sul; uma para América do Norte, América Central e Caribe (além da do México, país sede); duas para a África e duas para a Ásia. Uma última vaga seria disputada entre o 13º colocado da Europa e o primeiro da Oceania.

O Brasil se classificou vencendo sua chave, que tinha ainda Bolívia e Paraguai. Na Europa, houve a eliminação da Holanda, que mais vez uma ficaria de fora de uma copa. Em contrapartida, houve o retorno de Portugal, que desde 1966 não participava da competição. A surpresa ficou por conta da Dinamarca, que pela primeira vez se classificou para o torneio. A Escócia conseguiu sua vaga na repescagem com a Austrália. Ao final das disputas, os 24 classificados eram: Alemanha Ocidental, Argélia, Argentina, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Coreia do Sul, Dinamarca, Escócia, Espanha, França, Hungria, Inglaterra, Iraque, Irlanda do Norte, Itália, Marrocos, México, Paraguai, Polônia, Portugal, União Soviética e Uruguai.





❖ **PRIMEIRA FASE**

Houve mudanças no regulamento em relação à Copa anterior, na Espanha.

As 24 seleções também foram divididas em seis grupos de quatro e os dois primeiros de cada grupo iriam para a segunda fase, as oitavas de final. Mas agora, a elas se juntariam os quatro melhores terceiros colocados de cada grupo, para completar as 16 seleções classificadas.

No Grupo A, estavam Argentina, Bulgária, Coreia do Sul e Itália. Em sua estreia, os argentinos venceram por 3 a 1 a Coreia do Sul, depois empataram com a Itália em 1 a 1 e venceram a Bulgária por 2 a 0, classificando-se em primeiro lugar. Os italianos ficaram com a segunda vaga e os búlgaros com a terceira, por critério técnico. O México, dono da casa pela segunda vez, não desperdiçou a chance de se classificar no grupo B, no qual também estavam Bélgica, Iraque e Paraguai.

Com um bom futebol e sem adversário fortes, os mexicanos venceram a Bélgica por 2 a 1, empataram com o Paraguai por 1 a 1 e derrotaram o Iraque por 1 a 0, ficando em primeiro. O Paraguai ficou com a segunda vaga e a Bélgica com a terceira. No Grupo C, a seleção soviética com futebol ofensivo e altamente tático, venceu o Canadá por 2 a 0 e empatou com a França por 1 a 1, conquistando a primeira vaga. A França ficou com a segunda, em um grupo em que o terceiro lugar não se classificou.

❖ **BRASIL NA COPA**

O grupo D era o da seleção brasileira, junto com Argélia, Espanha e Irlanda do Norte.

O time não estava na sua melhor forma, por causa de uma preparação polêmica, tumultuada e frouxa. Antes mesmo de a bola rolar no México os fatos que envolviam a seleção canarinho já decepcionavam os brasileiros. Primeiro, o fim do mandato de Giulite Coutinho na presidência da CBF deixou os dirigentes mais preocupados com a disputa eleitoral do que com a preparação da seleção.

Depois, o técnico Evaristo de Macedo foi substituído por Telê Santana, o mesmo do fracasso no Mundial de 1982, na Espanha. Para piorar ainda mais a situação, pouco antes do embarque, o atacante Renato Gaúcho foi cortado do grupo por indisciplina. Não bastasse o afastamento dele, em solidariedade ao colega, o lateral Leandro não apareceu no aeroporto e ficou de fora da copa.

Mesmo depois da chegada ao México, nada de boas novas. Ao contrário, na terra do mundial a equipe sequer tinha um campo para treinar e teve de se preparar em campos emprestados. O grupo, que mesclava a nova geração à velha guarda, ainda contava – ou melhor, não contava – com vários jogadores



machucados na delegação. Um deles era Zico, que costumava entrar apenas em momentos decisivos dos jogos, já que uma lesão no joelho, mesmo com tratamento intensivo, não permitia o mesmo desempenho de antes. Sócrates também não estava em sua melhor condição física e Oscar e Falcão, veteranos, não tinham o pique de tempos atrás.

Mesmo assim, nesta fase, o time teve 100% de aproveitamento. Mas, como era de se esperar, a estreia contra a Espanha não foi nada fácil. Mesmo com um futebol anêmico, no entanto, graças ao árbitro Christopher Bambridge, que invalidou um gol legítimo do espanhol Michel, quando o jogo estava empatado, a seleção brasileira venceu por 1 a 0. O mesmo resultado se repetiu contra a Argélia. Já diante da Irlanda do Norte, na terceira fase, Telê Santana escalou o lateral Josimar, convocado às pressas para o lugar de Leandro.

Ele não só deu conta do recado, como marcou um dos gols na vitória por 3 a 0. Careca fez os outros dois. Com esses resultados o Brasil se classificou em primeiro lugar no grupo. A segunda vaga ficou com a Espanha. A Fúria venceu por 2 a 1 a Irlanda do Norte e por 3 a 0 a Argélia. Assim como no grupo C, não houve classificado por índice técnico. A Dinamarca foi a grande sensação no Grupo E. A equipe venceu os três jogos, com direito a inacreditáveis 6 a 1 no Uruguai e 2 a 0 na Alemanha Ocidental. A atuação lhes rendeu o apelido de Dinamáquina. Os alemães ficaram com a segunda vaga após empatarem com o Uruguai em 1 a 1 e vencerem a Escócia por 2 a 1. Os uruguaio, por sua vez, empataram com a Escócia em 0 a 0 e ficaram com a terceira vaga sem nenhuma vitória.

No Grupo F, outra surpresa. Contra equipes difíceis, a seleção de Marrocos, que disputava apenas seu segundo mundial da história, conquistou o primeiro lugar na chave de forma invicta e, de quebra, tornando-se o primeiro país africano a superar a primeira fase. Foram dois empates em 0 a 0 contra Polônia e Inglaterra e uma vitória por 3 a 1 contra a seleção portuguesa. A Inglaterra, depois de estreiar com derrota por 1 a 0 contra Portugal e empatar com o Marrocos, se recuperou e venceu por 3 a 0 a Polônia, conquistando a segunda vaga. A Polônia ficou com a terceira, depois de vencer Portugal por 1 a 0.

❖ OITAVAS DE FINAL

Com esses resultados, classificaram para as oitavas de final: Alemanha Ocidental, Argentina, Bélgica, Brasil, Bulgária, Dinamarca, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Marrocos, México, Paraguai, Polônia, União Soviética e Uruguai.

Agora, os jogos seriam no sistema mata-mata. Quem perdesse, estava fora. A Argentina venceu o superclássico contra o Uruguai por 1 a 0, enquanto a França despachou a campeã mundial Itália por 2 a 0.



A Dinamarca chegou a abrir o placar contra a Espanha, mas tomou uma virada por 5 a 1, na qual Emílio Butrageño entrou para a história ao marcar quatro gols. Em um jogo espetacular, belgas e soviéticos protagonizaram uma partida movimentada, cheia de alternativas, que terminou empatada em 2 a 2 no tempo normal. Na prorrogação, a única desta fase, a Bélgica venceu por 2 a 1, o que deu o placar final, portanto, de 4 a 3. Para alegria da torcida local, o México venceu a Bulgária por 2 a 0. A Inglaterra passeou em campo contra o Paraguai e o artilheiro Gary Lineker aproveitou para ampliar a artilharia, fazendo 3 a 0. Mesmo com a boa atuação na primeira fase, o Marrocos acabou perdendo para a Alemanha Ocidental por 1 a 0. No caso do Brasil, com uma tranquilidade que há tempos não se via, o time goleou a Polônia por 4 a 0. Josimar teve outra boa atuação e marcou um dos gols. Careca, Sócrates e Edinho completaram.

❖ **QUARTAS-DE-FINAL**

Para a fase seguinte, as quartas-de-final, estavam classificados Alemanha Ocidental, Argentina, Brasil, Dinamarca, Espanha, França, Inglaterra e México.

Nessa fase do mundial, três das quatro partidas foram decididas nos pênaltis. Uma delas foi Brasil e França. Os franceses foram a pedra no sapato – ou melhor, na chuteira – dos brasileiros. Careca marcou primeiro, aos 18 minutos de jogo, mas Platini empatou ainda no primeiro tempo, aos 41. Na segunda etapa, o Brasil teve a chance de aumentar depois que Branco foi derrubado na área. Zico bateu o pênalti e o goleiro francês defendeu. De grande estrela do time, o atleta se tornou o vilão da derrota.

A prorrogação também terminou empatada, em 0 a 0. A decisão foi, então, para os pênaltis. França acabou fazendo 4 a 3 e nem mesmo as cobranças desperdiçadas por Sócrates e Júlio César fizeram a torcida esquecer o erro de Zico, que carregou o fardo da eliminação. Foi sua despedida das copas. Assim como de Sócrates, Falcão e Júnior. Ao menos, a seleção canarinho conquistou pela segunda vez consecutiva o Troféu Fair Play, oferecido pela FIFA à equipe mais disciplinada da competição.

México e Alemanha também empataram no tempo normal (0 a 0) e na prorrogação (0 a 0). Na disputa por pênaltis, a equipe germânica acabou levando a melhor, vencendo por 4 a 1. A última vaga ficou com a Bélgica que venceu a Espanha por 5 a 4 nos pênaltis, depois de mais um empate em 1 a 1, no tempo normal, e 0 a 0, na prorrogação. Argentina e Inglaterra, por sua vez foram protagonistas de um duelo memorável. A estrela de Maradona, que já vinha fazendo uma boa copa, brilhou como nunca.

A partida se transformou em um espetáculo protagonizado pelo camisa 10 argentino. Foi neste jogo que o argentino marcou com “a mão de Deus”, como ele



mesmo se referiu ao gol de mão que abriu o placar para a Argentina, aos 6 minutos do segundo tempo. Para azar da Inglaterra, o árbitro não viu a infração e o gol foi validado. Maradona ainda marcou outro gol antológico, quatro minutos depois. O craque dominou a bola antes do meio de campo, driblou seis jogadores ingleses, incluindo o goleiro, e tocou para as redes. Gary Lineker, artilheiro do Mundial com seis gols, diminuiu no final, mas a Inglaterra não teve forças para reagir.

❖ SEMIFINAIS

Pela tabela da copa, os resultados dos jogos das quartas de final definiram as duas semifinais: Alemanha Ocidental e França e Argentina e Bélgica.

Na primeira, numa partida em que a França não jogou tão bem como tinha feito contra o Brasil, a Alemanha venceu por 2 a 0 e chegava a sua quarta final de copa do mundo. Os gols dos alemães foram marcados por Brehme, aos 9 minutos do primeiro tempo, e Voeller, aos 44 do segundo. Na outra semifinal, voltou a brilhar a estrela de Maradona. De novo *El Pibe de Oro* decidiu o jogo, com dois gols, um deles também antológico. Este foi aos 7 minutos do segundo tempo. Depois de driblar quatro belgas, ele marcou, chutando na saída do goleiro Pfaff, considerado um dos melhores da copa. Aos 18, o craque marcou mais um, colocando a Argentina na final. Com a derrota, a Bélgica disputou o terceiro lugar com a França, que mesmo sem seus principais jogadores, venceu por 4 a 2.

❖ FINAL

A final entre Argentina e Alemanha não poderia ser diferente: emocionante.

Para muita gente os argentinos eram os favoritos, porque tinham Maradona. Além disso, o time parecia mais embalado, mesmo que os resultados anteriores fossem iguais. Na última partida da competição, durante todo o primeiro tempo o domínio foi argentino. Brown abriu o placar para os sul-americanos logo aos 22 minutos. Na segunda etapa, aos 11 minutos, Valdano ampliou para 2 a 0.

Era o duelo do futebol arte contra o futebol tático. A Alemanha, repetindo 54 e 74, não se entregou. Aos 28 minutos, Rummenigge diminuiu e deu novo ânimo ao time. Nove minutos mais tarde, Voeller empatou. Ambos os gols foram após cobranças de escanteio. Mas Maradona não permitiu que sua seleção levasse a virada. Mesmo muito marcado e com poucas chances no ataque, bastou um descuido da marcação alemã para o craque decidir a Copa. Aos 38 minutos o "Pibe" fez um belo lançamento milimétrico, que encontrou Burruchaga livre para marcar o gol do 3 a 2, do merecido título mundial, o segundo da Argentina. Desta vez, ao contrário de 1978, sem contestações.



▶ ALEMANHA TRICAMPEÃO



1990

A COPA DA ERA "DUNGA"

APESAR DE TER TIDO A PARTICIPAÇÃO DE CRAQUES COMO MARADONA, GULLIT, VAN BASTEN, CANIGGIA, MATTHAEUS, ROGER MILLA, CARECA, KLINSMANN E VOELLER, A COPA DO MUNDO DE 1990 É CONSIDERADA POR MUITOS COMO A PIOR DE TODOS OS TEMPOS.

Não sem razões. Foi um torneio marcado pelas retrancas, pelo futebol medíocre e pela falta de gols. Foi a copa com a menor média por jogo: 2,21. Não é de surpreender que tenha tido time que chegou às quartas final sem ganhar nenhum jogo e sem marcar nenhum gol, só com empates. O Brasil também fez história, mas no mau sentido. Foi a pior campanha desde a Copa de 1966 e que ficou conhecida como a “Era Dunga”, pelo futebol tosco e sem graça.

A escolha da Itália como país sede foi definida no dia 19 de maio de 1984, numa reunião do Comitê Executivo da FIFA, realizada em Zurique, na Suíça. Havia outros países candidatos: Alemanha Ocidental, França, Grécia, Inglaterra, Iugoslávia e União Soviética. Desses, entre os mais fortes estavam os soviéticos, mas as circunstâncias da política internacional os colocaram fora do páreo. Em 1979, o país havia invadido o Afeganistão.

Em represália, 64 países capitalistas, liderados pelos Estados Unidos, decidiram boicotar as Olimpíadas de Moscou, em 1980. Numa contra-represália, a União Soviética liderou um boicote dos países socialistas aos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles. Como o anúncio dessa decisão foi feito duas semanas antes da escolha da FIFA, ela deve ter pesado na escolha do país sede da copa de 1990. Os países europeus, com exceção da Iugoslávia, abriram mão de suas candidaturas em favor dos italianos. Resultado: Itália 11 votos, União Soviética, 5.





ELIMINATÓRIAS

As eliminatórias para a Copa de 1990 foram disputadas por 106 seleções. Dentre todos os jogos pelo menos um deles se destacou e ficou na história.

Foi o do Brasil e Chile, no Maracanã, no dia 3 de setembro de 1989. As duas equipes estavam no Grupo 3, da América do Sul, junto com a Venezuela, que, como o esperado, não foi páreo para brasileiros e chilenos. A decisão pela vaga foi mesmo entre Brasil e Chile, em dois jogos tumultuados, e acabou no Comitê Disciplinar da FIFA. Os problemas começaram já no primeiro jogo, em Santiago, no dia 13 de agosto de 1989, que terminou num empate em 1 a 1. Romário foi expulso, mas a maior confusão partiu da torcida chilena. Tanto que o Estádio Nacional foi interditado e o Chile teve que enfrentar a Venezuela, no jogo posterior, em Mendoza, na Argentina.

Mas a grande lambança aconteceu mesmo na partida de volta, no Maracanã, no dia 3 de setembro de 1989. Uma grande tensão envolvia a partida. O Brasil, que jogava pelo empate, saiu na frente logo no início do segundo tempo com um gol de Careca. Até os 24 minutos do segundo tempo, a partida corria tranquila. Foi quando uma torcedora, que por causa disso ficou famosa, lançou um sinalizador marítimo no campo, que caiu próximo ao goleiro chileno Roberto Rojas. Ele então, que já havia entrado em campo com más intenções, armou um teatro, simulando que havia sido ferido pelo artefato.

Os chilenos abandonaram o campo. Três semanas depois, a FIFA analisou as cenas do jogo e o relatório do juiz e declarou Brasil vencedor do jogo por 2 a 0. Com isso a seleção brasileira se classificou para a Copa do Mundo da Itália. Mais tarde Rojas confessaria que havia entrado em campo com um pedaço de lâmina de barbear na luva, com o qual fez um pequeno corte na testa. Por isso, ele foi banido do futebol. O Chile, após investigação, foi suspenso de competições por quatro anos, o que abrangeu, além da Copa de 1990, as eliminatórias para a seguinte, a 1994, o que deixou país fora desta também.

Do lado positivo, as eliminatórias classificaram pela primeira vez na história para disputar uma copa todas as seleções campeãs mundiais até então: Alemanha, Argentina, Brasil, Inglaterra, Itália e Uruguai. Outra particularidade é que foi a última copa de que participaram três países que foram extintos como entidades políticas, para formar outros: Alemanha Ocidental, Tchecoslováquia e União Soviética. Além da campeã anterior, Argentina, e do país sede, Itália, as outras 22 equipes classificadas foram Alemanha Ocidental, Áustria, Bélgica, Brasil, Camarões, Colômbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Egito, Emirados Árabes Unidos, Escócia, Espanha, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Iugoslávia, Romênia, Suécia, Tchecoslováquia, União Soviética, Uruguai.



❖ FASE DE GRUPOS E OITAVAS DE FINAL

Pela primeira vez, o sorteio para a formação dos grupos foi feito numa cerimônia pública, com a participação de artistas, como Luciano Pavarotti e Sophia Loren, e transmitida pela televisão.

O evento ocorreu no dia 9 de dezembro de 1989 e nele ficou definido que os cabeças de chaves seriam Brasil, Itália, Argentina, Alemanha Ocidental, Inglaterra e Bélgica, esta por ter sido a quarta colocada na Copa de 1986 – a França, a terceira colocada não se classificou para a de 1990. Cada grupo era formado de quatro equipes e o regulamento que previa que as duas primeiras colocadas se classificariam para as quartas de final. Para completar as 16 seleções da segunda fase (oitavas de final) também se classificariam os quatro melhores terceiros lugares, como no torneio anterior.

Já na abertura da Copa, no dia 8 de junho, o time que seria a surpresa do torneio, Camarões, mostrou a que veio: derrotou a então campeã do mundo, Argentina, por 1 a 0. Além da derrota na estreia, os argentinos tiveram outro revés nessa fase. No jogo contra a União Soviética, o goleiro Pumpido quebrou a perna e teve que ser substituído por Goycoechea, que viria a se consagrar no torneio por defender vários pênaltis. Nesse Grupo, três equipes se classificaram: Camarões, Romênia e Argentina. Outros grupos que tiveram três classificados foram o D (Alemanha Ocidental, Iugoslávia e Colômbia), o E (Espanha, Bélgica e Uruguai) e o F (Inglaterra, Irlanda e Holanda).

Aliás, este grupo F, foi o que se pode chamar de uma síntese da copa: com jogos chatos, poucos gols e muitos empates. Nos seis jogos da chave, houve nada menos do que cinco empates. Apenas a Inglaterra conseguiu uma vitória, e por magro 1 a 0, contra o fraco Egito. No final, o segundo lugar teve que ser decido por sorteio, com vitória da Irlanda sobre a Holanda. Com isso, a Irlanda conseguiu a façanha de passar às quartas de final sem ter vencido nenhum jogo e feito apenas dois gols. No grupo C, apesar do fraco e feio futebol, Brasil se classificou em primeiro, com vitórias sobre a Suécia (2 a 1), Costa Rica (1 a 0) e Escócia (1 a 0). Também se classificaram para as oitavas Costa Rica, Itália e Tchecoslováquia.

Na segunda fase (oitavas-de-final) voltou a brilhar a seleção de Camarões, liderada por Roger Milla, já então com 38 anos. O time eliminou a Colômbia na prorrogação, depois de um empate em 0 x 0 no tempo normal, por 2 a 1, com dois gols dele. O Brasil, por sua vez, deu vexame. A equipe do técnico Sebastião Lazaroni foi eliminada pela Argentina, que venceu o jogo por 1 a 0, com gol de Caniggia. Com isso a seleção acabou a copa em nono lugar, a pior classificação desde 1966. Com os



resultados das oitavas, se classificaram para as quartas de final: Alemanha Ocidental, Argentina, Camarões, Inglaterra, Irlanda, Itália, Iugoslávia e Tchecoslováquia.

Mais uma vez Camarões fez um grande jogo, dessa vez enfrentando a Inglaterra. Depois de sair perdendo, os “Leões” como eram conhecidos, viraram o jogo para 2 a 1, mas parece que o clima de “já ganhou” atrapalhou a equipe. A Inglaterra empatou e na prorrogação venceu por 1 a 0, gol de Lineker, de pênalti. O time sensação da Copa estava eliminado e voltava para casa mais cedo. Nessa fase, um outro destaque do torneio apareceu: o goleiro argentino Goycochea. Depois de um empate em 0 a 0 com a Iugoslávia no tempo normal e na prorrogação, a decisão foi para os pênaltis. Ele defendeu dois e a Argentina venceu por 3 a 2 (os iugoslavos bateram um na trave).

❖ **BRASIL NA COPA**

Depois de toda a polêmica das eliminatórias, Sebastião Lazaroni convocou 22 jogadores para irem à Itália em 1990.

Entre os convocados estava o atacante Romário, que foi apenas opção para o banco de reservas e entrou como titular somente em uma partida. A escalação de Dunga na função de líbero também foi alvo de críticas. Tantas, que o jogador ficou marcado como símbolo da péssima atuação da seleção – a época ficou conhecida, inclusive, como “Era Dunga”.

Além disso, Lazaroni deixou de fora do elenco jogadores que eram destaques na época. A culpa da trajetória trágica da equipe canarinho é atribuída por muitos pelo estilo retranqueiro demais: o time jogava com três zagueiros e dois volantes, valorizando muito mais a marcação do que criação. Como se sabe, a tática não deu certo.

Mesmo não enchendo os olhos de ninguém, o Brasil chegou as oitavas de final invicto. O que viria pela frente, porém, era mais controverso do que se pode imaginar. Contra a Argentina, no dia 24 de junho, a seleção teve sua melhor atuação. Marcou, criou, se esforçou e dominou os argentinos durante quase toda a partida. Mas bastou uma jogada de Maradona para tudo ir por água abaixo. O craque argentino passou por três atletas brasileiros e, aos 36 do segundo tempo, colocou Caniggia frente a frente com Taffarel. Pronto, 1 a 0. O Brasil estava fora. Ironia do destino. O confronto no qual a seleção melhor atuou marcou sua eliminação da competição.

Uma das polêmicas da competição diz respeito a água do jogo entre Bra-



sil e Argentina. Sim, a água. O lateral Branco reclamou, ao fim da partida, que havia pedido água ao massagista da equipe adversária e, depois de beber, havia ficado zonzinho. A zonzice continuou no ônibus na volta para a concentração e até mesmo no dia seguinte. O atleta estranhou que a água dada a ele não fosse do mesmo frasco entregue a Maradona e chegou a comunicar o bandeirinha.

No Mundial, porém, a acusação não deu em nada. Somente em 1993 a verdadeira história veio à tona: a zonzice do brasileiro tinha um motivo. O massagista Miguel Di Lorenzo confessou ao jornal argentino *El Clarín* que havia mesmo dois tipos do líquido: um para os argentinos e outro, batizado, para os brasileiros. Posteriormente, Maradona também contou a história em programas de televisão do país vizinho, inclusive o seu – o *La Noche del Diez*.

❖ SEMIFINAIS E FINAL

Com as vitórias da Itália sobre a Irlanda por 1 a 0, e da Alemanha Ocidental contra a Tchecoslováquia, pelo mesmo placar, ficaram definidas as duas semifinais: Argentina e Itália e Alemanha Ocidental e Inglaterra.

Os dois jogos terminaram com o mesmo resultado no tempo normal (1 a 1) e na prorrogação (0 a 0) e as decisões dos dois finalistas foram para os pênaltis. Mais uma vez Goycochea brilhou, defendendo de novo duas cobranças. Seu time venceu por 4 a 3. No outro jogo, os alemães derrotaram os ingleses por 4 a 3.

Repetia-se assim a final da Copa anterior, de 1986, no México: Alemanha e Argentina. E dessa vez os alemães dariam o troco. Na disputa pelo terceiro lugar, a Itália derrotou a Inglaterra por 2 a 1. De qualquer forma, os ingleses comemoraram. Era a primeira vez desde 1966, quando foram campeões em casa, que o time ficava entre os quatro melhores do mundo.

No jogo valendo a taça, era a primeira vez que uma final se repetia. E era a terceira seguida da Alemanha, tendo perdido as duas anteriores – a de 1982 para a Itália. Dessa vez, o time jogou melhor todo o tempo, marcando com eficiência Maradona e se aproveitando da ausência de Caniggia. O único gol da partida foi marcado por Brehme, aos 40 minutos do segundo tempo, de pênalti, vencendo Goycochea. Assim, a Alemanha sagrou-se campeã pela terceira vez, entrando no restrito clube dos tri-campeões mundiais, que tinha até então como membro apenas Brasil e Itália.



▶ BRASIL TETRACAMPEÃO



1994

FUTEBOL DE RESULTADOS DEVOLVE **BRASIL** **AO TOPO**

DEPOIS DE 24 ANOS, O
BRASIL VOLTAVA AO TOPO
DO FUTEBOL MUNDIAL,
COM A CONQUISTA DO
TETRACAMPEONATO, NA
COPA DO MUNDO DOS
ESTADOS UNIDOS.

Não foi com o brilho das conquistas anteriores, é verdade, mas com um futebol eficiente, de resultados, para o qual muitos brasileiros torciam o nariz. Talvez o técnico Carlos Alberto Parreira tenha optado por esse tipo de jogo por convicção ou por falta de opções. O Brasil não tinha mais gênios como Pelé e Garrincha, nem craques como Didi, Nilton Santos e Tostão, que deram o toque de classe nas copas anteriores, vencidas pelo Brasil. Em 1994, o que havia era um time seguro, com um excelente goleiro, Taffarel, um meio campo forte e aguerrido, liderado por Dunga, e apenas um craque fora de série, Romário. Com isso em mãos, Parreira montou um time para ser campeão, não para encantar plateias. E conseguiu.

Pode ser emblemático que o Brasil tenha voltado a ser campeão numa copa organizada por um país, onde ninguém liga para o futebol, os Estados Unidos. Além dos americanos, também eram candidatos a sediar o evento o Brasil e o Marrocos. No dia 4 de julho (dia da independência dos Estados Unidos), de 1988, o Comitê Executivo da FIFA se reuniu em Zurique, para eleger o país sede da Copa de 1994. Deu o que era mais ou menos esperado. Os Estados Unidos receberam 10 votos, o Marrocos, sete, e o Brasil, apenas dois.

❖ ELIMINATÓRIAS

Um total de 147 países se inscreveram para as eliminatórias.

Eles disputariam 22 duas vagas, pois a Alemanha, campeã anterior, e Estados Unidos país sede, já estavam garantidos. Pela distribuição da FIFA, por zonas continentais, coube 12 vagas à Europa (mais a da Alemanha); três à América do Sul; três à África; duas à Ásia; e uma América do Norte, América Central e Caribe (mais a dos Estados Unidos). Das outras duas vagas restantes, uma seria definida em uma repescagem entre um representante da América do Norte, América Central e Caribe e um da América do Sul ou da Oceania. A última seria disputada por um time da América do Sul e outro da Oceania.

Dos países sul-americanos, o que teve maior dificuldade para se classificar foi a Argentina, que só garantiu sua ida ao mundial depois de eliminar a Austrália na repescagem. O Chile não pôde participar, porque ainda cumpria suspensão, imposta pela FIFA, por causa dos tumultos causados num jogo contra o Brasil, no Maracanã, em 1989, nas eliminatórias da Copa de 1990. Na Europa, a surpresa foi a não classificação da França e da Inglaterra.

Para o Brasil, não foi fácil se classificar para a copa. Chamado de retranqueiro, Parreira e seu trabalho começaram a ser contestados já nas eliminatórias. A torcida tinha lá suas razões, pois o time não jogava bem e os resultados não



eram bons. Em Quito, a seleção só conseguiu um empate em 0 a 0 com o Equador, país cujo esporte principal nem é o futebol. Mas o pior ainda estava por vir. Em La Paz, o time de Parreira conseguiu perder para a Bolívia por 2 a 0, a primeira derrota do Brasil em uma eliminatória. O time ainda empatou em 1 a 1 com o Uruguai e só conseguiu vencer a fraca Venezuela, por 5 a 1. E agora, para se classificar, a equipe teria que vencer todos os jogos em casa.

Para piorar a situação, Parreira se recusava a chamar Romário, que vivia em grande fase no PSV, da Holanda, dando shows e encantando a Europa. Mas nos jogos de volta das eliminatórias, no Brasil, a seleção até que se saiu bem. Venceu o Equador, no Morumbi, por 2 a 0, a Bolívia, em Recife, por 6 a 0 e a Venezuela, no Mineirão, por 4 a 0. No jogo contra os bolivianos, a equipe brasileira entrou pela primeira vez de mãos dadas em campo, gesto que seria repetido dali por diante nas eliminatórias e copa. Uma forma de mostrar união contra os críticos.

No último jogo, contra o Uruguai, a seleção só precisava de um empate para garantir a vaga na copa. Mas, ou por ceder às pressões da torcida e da imprensa ou por querer garantir o resultado ou ainda se proteger de críticas futuras em caso de eliminação, o certo é que Parreira convocou Romário. O "Baixinho" veio, deu show fez os dois gols, um com o conhecido "drible da vaca" no goleiro, ajudou o Brasil a se classificar e garantiu seu próprio lugar na Copa.

❖ **PRIMEIRA FASE**

De acordo com o regulamento da Copa, as 24 seleções participantes foram divididas em seis grupos com quatro países cada.

Os dois primeiros de cada chave se classificavam para a próxima fase, assim como os quatro melhores terceiros lugares. O Brasil foi cabeça de chave do Grupo B, composto ainda por Suécia, Rússia e Camarões. A seleção passou para a fase seguinte bem de acordo com a estratégia de Parreira, vencendo os jogos com eficiência e sem dar espetáculo.

Na estreia contra os russos, o time venceu por 2 a 0, com gols de Romário e Raí, de pênalti (sofrido pelo Baixinho). No jogo seguinte, uma goleada de 3 a 0 sobre Camarões, com gols de Romário, Márcio Santos e Bebeto. No terceiro jogo, contra a Suécia, no estádio totalmente coberto Silverdome, em Detroit, um desempenho ruim e um susto. Os suecos saíram na frente, com Andersson, aos 24 minutos do primeiro tempo. O empate, sob vaias, só veio aos 2 minutos do segundo tempo, mais uma vez com Romário marcando. Nesse jogo, Raí, que não vinha jogando bem, perdeu o lugar para Mazinho. A outra vaga do grupo ficou com a Suécia.

No Grupo A, ficaram Colômbia, Estados Unidos, Romênia e Suíça. A primeira colocada foi a Romênia, que venceu a Colômbia (3 a 1) e os Estados Unidos (1 a 0) e perdeu para a Suíça (4 a 1), segunda colocada. Os Estados Unidos, terceiro



colocado, também passaram para a segunda fase, por índice técnico. No Grupo C, a Alemanha derrotou a Bolívia (1 a 0) e a Coreia do Sul (3 a 2) e empatou com a Espanha (1 a 1), o que lhe garantiu a primeira vaga. A outra foi dos espanhóis.

O Grupo D foi outro que teve três classificados. Em primeiro lugar ficou a Nigéria, com vitórias sobre a Bulgária (3 a 0) e Grécia (2 a 0) e derrota para Argentina (2 a 1). Os búlgaros ficaram com a segunda vaga e os argentinos, com a terceira. Também com três classificados, o Grupo E teve como primeiro colocado o México, que superou a Irlanda, segunda colocada, e a Itália, terceira, que quase não consegue passar para as oitavas de final.

As quatro seleções do grupo ficaram empatadas com o mesmo número de pontos e as colocações foram definidas pelo saldo de gols. Os mexicanos ficaram com a primeira vaga com apenas uma vitória, sobre a Irlanda (2 a 1). Eles perderam para a Noruega (1 a 0), que foi eliminada, e empataram com a Itália (1 a 1). No Grupo F, os três classificados também ficaram com o mesmo número de pontos, seis, e um time, o Marrocos, com zero. A primeira vaga desse grupo ficou, surpreendentemente, com a Arábia Saudita, que venceu o Marrocos (2 a 1) e a Bélgica (1 a 0), terceira colocada, e perdeu para a Holanda (2 a 1), a segunda.

❖ OITAVAS DE FINAL

Resumindo, com os resultados da fase de grupos, classificaram-se para as oitavas de final Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Bélgica, Brasil, Bulgária, Espanha, Estados Unidos, Holanda, Irlanda, Itália, México, Nigéria, Romênia, Suécia e Suíça.

De acordo com a tabela, elaborada antes da competição, a Alemanha enfrentou a Bélgica, que apesar de uma grande atuação, perdeu por 3 a 2. A Espanha, por sua vez, eliminou a Suíça com uma goleada de 3 a 0. A Arábia Saudita, que tinha surpreendido na fase anterior, não resistiu à Suécia, perdendo por 3 a 1.

Num resultado que surpreendeu, por causa da tradição dos dois times em copas, a Romênia mandou para casa a Argentina, com uma vitória por 3 a 2. Por falar em surpresa, a Bulgária, que contava com o craque Stoitchkov, um dos maiores de sua história, eliminou o México, nos pênaltis, depois de um empate em 1 a 1 no tempo normal e 0 a 0, na prorrogação. O goleiro Mihaylovic defendeu dois pênaltis, e os búlgaros venceram por 3 a 1.

Também de forma surpreendente, por causa das dificuldades encontradas no jogo, a Itália eliminou a Nigéria, depois de ter um jogador expulso (Zola) e estar perdendo até os 44 minutos do segundo tempo, quando empatou com gol de Roberto Baggio. Na prorrogação, Baggio fez mais um de pênalti, garantindo a vaga nas quartas de final. A Holanda, não teve dificuldades para eliminar a Irlanda, por 2 a 0.

O jogo contra os Estados Unidos, em pleno dia da independência do país, 4



de julho, foi um dos mais duros e difíceis do Brasil na copa. Sem Raí, que perdera a vaga para Mazinho, a seleção tinha agora um novo capitão, Dunga. Do lado americano, insuflados pela imprensa local, os jogadores acreditavam numa zebra, que podiam eliminar os brasileiros da competição. Não deu, mas lutaram.

No primeiro tempo, o lance mais marcante foi uma cotovelada do pacato e disciplinado Leonardo em Tab Ramos, fraturando o maxilar do adversário. O lateral brasileiro foi expulso e ainda levou 5 jogos de suspensão, ficando fora do restante do torneio. Ele foi substituído nos jogos seguintes por Branco. Por estranho que pareça, no segundo tempo com um homem a menos, o Brasil até jogou melhor. O gol da apertada vitória de 1 a 0 saiu aos 28 minutos, marcado por Bebeto, aproveitando um passe preciso de Romário. Na comemoração, Bebeto gritou para Romário: "Eu te amo."

❖ **QUARTAS DE FINAL**

Para esta fase classificaram-se Alemanha, Brasil, Bulgária, Espanha, Holanda, Itália, Romênia e Suécia.

O funil ia se estreitando. A Itália eliminou a Espanha por 2 a 1, e a Bulgária, surpreendendo de novo, despachou a Alemanha, também por 2 a 1. Num dos jogos mais equilibrados e disputados da Copa, a Suécia mandou para casa a Romênia nos pênaltis (5 a 4), depois de um empate de 1 a 1 no tempo normal e 1 a 1 na prorrogação. Brasil e Holanda fizeram uma das melhores e mais vibrantes partidas do torneio. Branco, que substituiu Leonardo, suspenso, era uma incógnita, pois não estava em boa forma. Muita gente temia pelo seu desempenho na marcação do rápido ponta Overmars. Mas ele calou os cétricos, não dando muitas chance ao holandês. E fez mais: cavou uma falta, enganando o juiz, que ele mesmo bateu e definiu o placar aos 36 minutos do segundo. Até então o jogo tinha sido muito equilibrado e estava empatado em 2 a 2. O placar foi aberto por Romário logo aos 7 minutos do primeiro tempo. Bebeto fez 2 a 0, aos 36. O jogo parecia tranquilo e ganho. Mas o adversário era a Holanda, que não desistiu e conseguiu o empate. Bergkamp fez o primeiro gol holandês, aos 19, e Winter fez o segundo aos 31. Mas a Holanda ficou por aí e o Brasil estava na semifinais.

❖ **SEMIFINAIS**

Numa das partidas que definiriam um dos finalistas, a Itália enfrentou a surpreendente Bulgária.

Roberto Baggio marcou duas vezes em cinco minutos, aos 20 e 25 minutos do primeiro tempo. Stoitkov descontou, marcando de pênalti aos 44 minutos ainda na primeira etapa. O resultado ficou nisso até o fim do jogo. A Itália estava na final e a Bulgária disputaria o terceiro lugar. Mesmo que perdesse, como de



fato aconteceu, já teria sido a melhor campanha de sua história, ficando primeira vez entre os quatro primeiros colocados em uma copa do mundo.

A outra semifinal colocou frente a frente dois invictos até então na competição, Brasil e Suécia, que haviam se enfrentando na primeira fase e empatado em 1 a 1. Na verdade, os dois times já haviam se encontrado seis vezes em copas do mundo (1938, 1950, 1958, 1978, 1990 e 1994) sendo o confronto mais repetido no torneio. Até essa semifinal, foram quatro vitórias do Brasil e dois empates. Na sétima e decisiva partida de agora, a Suécia veio ainda mais fechada do que no jogo da primeira fase, o que tornou as coisas mais difíceis para o Brasil. O gol salvador só saiu aos 35 minutos do segundo tempo, marcado pelo Baixinho, de cabeça. O Brasil estava na final e a Suécia enfrentaria a Bulgária pelo terceiro lugar, jogo em que golearia o adversário por 4 a 0.

❖ A FINAL

A final da Copa de 1994 ainda está fresca na memória dos brasileiros amantes do futebol, nascidos de 2000 para cá.

Era a segunda vez que uma final de copa do mundo se repetia – a primeira foi Alemanha e Argentina, que fizeram as finais de 1986 e 1990. Brasil e Itália, ambos tricampeões, já haviam se enfrentado na decisão de 1970, quando a seleção brasileira sagrou-se tricampeã do mundo. Desta vez, era a chance de a Itália se vingar ou o de o Brasil conseguir outro título derrotando os italianos, e de quebra vingar-se da eliminação precoce da Copa de 1982, na Espanha, imposta pela equipe de Baggio. E foi a segunda alternativa que se concretizou, com Brasil tornando-se o primeiro tetracampeão do mundo.

Mas não foi fácil. Apesar de o Brasil ter atacado mais e chutado mais a gol, o jogo terminou em 0 a 0, o mesmo acontecendo na prorrogação. Contra a vontade da maioria da torcida e para o nervosismo dos jogadores, a decisão do mais importante campeonato de futebol do mundo seria nos pênaltis, uma espécie de loteria mal disfarçada. A Itália saiu batendo com o zagueiro Baresi, que chutou por cima do gol. Em seguida, Márcio Santos devolveu o presente, batendo fraco, permitindo a defesa do goleiro Pagliuca. Na sequência, Romário e Branco converteram suas cobranças, o mesmo fazendo Albertoni e Evani para a Itália.

Com 2 a 2 no placar, brilhou a estrela e a competência de Taffarel: ele defendeu a cobrança de Massaro. Era vez de Dunga bater e ele acertou, fazendo 3 a 2 para o Brasil. Agora, o craque da Itália, Roberto Baggio, tinha a chance de empatar e prolongar a cobrança de pênaltis. Ele correu para a bola, bateu num lado e Taffarel foi para o outro. Só que a bola passou cerca de meio metro acima do travessão. O Brasil era campeão do mundo pela quarta vez, 24 anos depois da última conquista, cuja final também havia sido contra a Itália, em 1970, no México. O futebol de resultados de Parreira dera, enfim, resultado.



▶ **FRANÇA CAMPEÃ**



1998

TÍTULO INÉDITO PARA A **FRANÇA**

EM 1998, A FIFA
DECIDIU ENGROSSAR A
COPA DO MUNDO, QUE
CHEGAVA A SUA
16ª EDIÇÃO.

Pela primeira vez, 32 seleções participaram da mais importante competição de futebol do mundo. Havia três países candidatos a sediar o evento: França, Suíça e Marrocos. Mas a Suíça desistiu, pouco antes da votação, realizada entre os membros do Comitê Executivo da FIFA, no dia 2 de julho de 1992, em Zurique. A França recebeu 12 votos e o Marrocos, sete. Cinquenta anos depois de sediarem a terceira Copa do Mundo, os franceses voltavam a organizar o evento, que ocorreu de 10 de junho a 12 de julho.

Há 12 anos sem participar da competição, os franceses montaram uma equipe de elevado nível técnico. Liderados pelo gênio Zinedine Zidane, os anfitriões conquistaram o título inédito frente a um público de 80 mil espectadores nas arquibancadas do Stade de France depois de baterem a conturbada seleção brasileira por 3 a 0. E, ao menos para os brasileiros, o que realmente faz a Copa de 98 ser lembrada até hoje foi justamente esta partida histórica e polêmica. Sobretudo, os fatos intrigantes que antecederam o apito inicial do árbitro marroquino Said Belqola.

ELIMINATÓRIAS

O número de inscritos nas eliminatórias continuava batendo recorde a cada copa.

Dessa vez, 174 países disputariam 30 vagas - a França, como país sede, e o Brasil, como campeão anterior já tinham as suas garantidas. Como nos mundiais anteriores, a FIFA distribuiu as vagas por zonas continentais. E também



como sempre, coube a Europa o maior número, 15, incluída a da França. Para a América do Sul foram destinadas quatro vagas (mais a do Brasil), para a África, cinco; e para a Ásia, três. A vaga restante seria disputada entre perdedor dos play-offs da Ásia e o primeiro lugar da Oceania.

Ao final das disputas, classificaram-se África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Áustria, Brasil, Bélgica, Bulgária, Camarões, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Croácia, Dinamarca, Escócia, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra, Irã, Itália, Iugoslávia, Jamaica, Japão, Marrocos, México, Noruega, Nigéria, e Paraguai, Romênia e Tunísia. Durante a competição, essas seleções fizeram 64 partidas, disputadas em dez cidades-sede. Tudo sob o olhar atento do galo azul e vermelho Footix, o amigável mascote do campeonato.

❖ **FASE DE GRUPOS**

Diferentemente da edição anterior, quando as 24 equipes foram divididas em seis grupos, em 1998 as 32 seleções participantes foram separadas em oito grupos de quatro para disputarem o Mundial.

Pela nova fórmula, apenas o campeão e o vice de cada grupo se classificavam para a segunda fase, isto é, as oitavas de final. Ou seja, a partir daí não houve alterações e os 16 classificados continuaram se reunindo em oitavas de final e jogaram o famoso mata-mata.

Grande favorito ao título, pois vivia um bom momento, o Brasil compunha o grupo A, ao lado de Escócia, Marrocos e Noruega. O time mesclava a experiência de Dunga e Taffarel com alguns jovens talentos, como Roberto Carlos, Rivaldo e Ronaldo, e acabou se classificando em primeiro lugar no grupo. Na estreia contra a Escócia, a seleção canarinho saiu na frente logo no início e garantiu a vitória por 2 a 1, ainda que com um gol contra.

No segundo jogo, sobre a seleção marroquina, Ronaldo, Rivaldo e Bebeto marcaram os gols que garantiram a classificação para a fase seguinte. Uma surpresa veio na terceira partida. A derrota por 2 a 1 para a Noruega mostrou que a união da equipe, tão exaltada por jogadores e comissão técnica, não era tanta assim já que, depois do resultado, os jogadores trocaram críticas publicamente.

No Grupo B, a Itália, vice-campeã da última edição do torneio, manteve o favoritismo e se classificou em primeiro, empatando com o Chile (2 a 2) e vencendo Camarões (3 a 0) e Áustria (2 a 1). A combinação de resultados garantiu aos chilenos a segunda colocação. Áustria e Camarões voltaram para casa mais cedo. No grupo C estava a dona da casa, França, que avançou em pri-



meiro, depois de três vitórias contra África do Sul (3 a 0), Arábia Saudita (4 a 0) e Dinamarca (2 a 1). A segunda vaga ficou justamente com os dinamarqueses, liderados pelos irmãos Michael e Brian Laudrup. África do Sul, estreante em Copas, e Arábia Saudita, decepcionaram.

No Grupo D, a equipe da Espanha, formada principalmente por jogadores do Real Madrid, amargou a desclassificação já na primeira fase. Bulgária também decepcionou e ficou na última colocação. O destaque positivo ficou para Nigéria, primeira colocada, com vitórias sobre a Espanha (3 a 2) e Bulgária (1 a 0) e derrota para o Paraguai (3 a 1), que foi o segundo colocado. Já a Holanda, que venceu apenas um de seus jogos, contra a Coreia do Sul (5 a 0), e empatou com Bélgica (0 a 0) e México (2 a 2) foi a primeira colocada no disputado Grupo E, com os mexicanos em segundo.

O Grupo F era formado por Irã e Estados Unidos, desclassificados, e Alemanha e Iugoslávia, que empataram entre si (2 a 2) e venceram os dois adversários. A primeira derrotou os americanos e os iranianos pelo mesmo placar, 2 a 0.

No Grupo G, se classificaram Romênia, em primeiro, e Inglaterra, em segundo. Os romenos derrotaram a Colômbia (1 a 0) e a Inglaterra (2 a 1) e empataram com a Tunísia (1 a 1). Já no Grupo H, a Argentina venceu suas três partidas, contra Japão (1 a 0), Jamaica (5 a 0) e Croácia (1 a 0) e avançou com facilidade às oitavas-de-final. A Croácia, liderada por Davor Šuker, ficou com a segunda vaga.

❖ OITAVAS DE FINAL

Nas oitavas de final, o Brasil foi em frente com uma goleada tranquila sobre o Chile, por 4 a 1, com 3 a 0 no primeiro tempo.

César Sampaio abriu o placar aos 11 minutos e ampliou aos 27. Aos 45, Ronaldo sofreu pênalti, que ele mesmo bateu, marcando o terceiro gol do Brasil. No segundo tempo, o Chile descontou, com Salas, aos 23, e Ronaldo fez mais um, aos 25. O duelo entre Argentina e Inglaterra terminou empatado no tempo normal (2 a 2) e na prorrogação (0 a 0). Nos pênaltis, os sul-americanos levaram a melhor: 4 a 3.

Em outra partida do mata-mata das oitavas, a Croácia bateu a Romênia (1 a 0) e os franceses só passaram pelo Paraguai no segundo tempo da prorrogação, com um gol de ouro (morte súbita) do zagueiro Laurent Blanc. A Dinamarca, por sua vez, mandou a Nigéria para casa com uma goleada de 4 a 1. Nas outras partidas Itália eliminou a Noruega (1 a 0); a Holanda tirou a Iugoslávia (2 a 1); e a Alemanha, o México (2 a 1).





❖ **QUARTAS DE FINAL**

Nas quartas, o Brasil reafirmou seu favoritismo, derrotando a Dinamarca, mas não sem dificuldades.

Logo aos dois minutos, os dinamarqueses abriram o placar numa jogada ensaiada, que resultou em gol de Jorgensen. O empate veio aos 11, num chute colocado de Bebeto da meia-lua da grande área. Aos 27, Rivaldo virou o jogo. No segundo tempo, a Dinamarca chegou a empatar o jogo, aos 5 minutos, com Brian Laudrup. Mas aos 15, Rivaldo marcou mais um, fechando o placar.

A Itália, por sua vez, amargou sua terceira eliminação consecutiva em pênaltis em uma Copa do Mundo, desta vez o drama foi vivido contra a França. No tempo normal e na prorrogação, o jogo terminou em 0 a 0. Nos pênaltis, deu 4 a 3 para os franceses. A Argentina também foi derrotada num duelo de favoritos pela Holanda, por 2 a 1, enquanto a Croácia passou pela Alemanha na maior goleada das quartas-de-final, 3 a 0, tornando-se a grande sensação da edição.

❖ **SEMIFINAIS**

Numa das semifinais, o Brasil derrotou a Holanda nos pênaltis. Nesse confronto, Ronaldo, o Fenômeno, fez seu melhor jogo no torneio.

Mas o papel de herói, todavia, ficou para o goleiro Taffarel, que defendeu duas cobranças holandesas na decisão por pênaltis e colocou o Brasil na final. O resultado de 1 a 1 no tempo normal e 0 a 0 na prorrogação não retrata o que foi este jogo, um dos mais ofensivos da copa, com os dois times procurando o gol. O Brasil saiu na frente, com Ronaldo, aos 23 minutos do segundo tempo. A Holanda só conseguiu o empate aos 43, com Kluivert. No pênaltis, deu Brasil por 4 a 2.

A França chegou à decisão da Copa, após vencer a Croácia, em Saint-Denis, por 2 a 1. Os croatas saíram na frente, com Šuker, a um minuto do segundo tempo. Os franceses empataram um minuto depois com Thuram, que também marcou o gol da virada, aos 25. Na disputa do terceiro lugar, a Croácia entrou para a história do futebol ao vencer a desmotivada equipe holandesa, por 2 a 1, com gols de Šuker e Prosinečki. Zenden marcou para a Holanda.

❖ **FINAL**

Foi preciso esperar 20 anos para que, depois da conquista inédita da Argentina em 1978, a Copa do Mundo voltasse a ser vencida por uma seleção que jamais havia sido campeã. E que seleção! Há 12 anos sem participar da competição, os franceses montaram uma equipe que beirava a perfeição. Em suas



três melhores participações até então, os franceses haviam sido eliminados nas semifinais. Mas em 1998, com Zinedine Zidane, foi diferente. Eleito o melhor jogador da competição, o craque era o retrato fiel do time campeão: sóbrio, de elevado nível técnico e, resumidamente, genial. O mundo se curvou à habilidade e à apurada visão de jogo de Zidane.

É claro que o fator casa teve lá sua importância. Empurrados pela torcida, os franceses, comandados pelo técnico Aimé Jacquet, chegaram ao título com a melhor defesa e o melhor ataque da competição, feito inédito na história. Na partida derradeira, no *gran finale*, nem mesmo a tradição brasileira assustou os franceses. Foi um placar de 3 a 0 incontestável sobre o Brasil. Dois gols saíram de cabeceadas Zidane, aos 27 e 46 minutos do primeiro tempo. No segundo tempo, aos 47 minutos, Petit ainda faria mais um. O placar teve que ser engolido por Mario Jorge Lobo Zagallo, o único homem a conquistar quatro títulos mundiais.

Do lado do Brasil, restou, além da frustração, um mistério. O que aconteceu antes do jogo naquele dia até hoje é uma incógnita no meio futebolístico. Horas antes da partida decisiva, foi divulgada a notícia de que Ronaldo não iria jogar. Ele teria sofrido uma convulsão no hotel da seleção e fora examinado em uma clínica francesa, onde nada de anormal teria sido constatado em sua saúde. Mesmo liberado para atuar, o episódio abalou a seleção brasileira, que ficou assustada e dividida sobre a escalação do jogador. No entanto, para o público, outras versões foram expostas. A primeira não falava sobre convulsão e dava conta de que o jogador estaria com problemas no tornozelo. Mais tarde, o transformaram Ronaldo em um covarde e disseram que o acontecido se tratava de uma crise nervosa. A verdade jamais foi esclarecida. Na escalação oficial, Edmundo estava no time titular. No entanto, o que o mundo pôde ver é que, no último instante – dizem que na subida do vestiário para o gramado –, Ronaldo foi escalado. Ele participou de um jogo no qual a seleção brasileira estava irreconhecível. O atacante fez número em campo durante os 90 minutos.

No Brasil, o grande boato era de que CBF e a Nike, patrocinadora da seleção, haviam vendido o resultado. Na mesma onda surgiram todos os tipos de teorias conspiratórias. Uma delas era de que a Nike havia obrigado Ronaldo a jogar, mesmo após o mal estar. Outra dizia que o Brasil havia entregado o título para, em troca, sediar uma das próximas Copas. Elas circulam há mais de uma década, mas, deixando de lado as fofocas, o que se sabe, oficialmente, é que a convulsão teria sido provocada por uma injeção de xilocaína no joelho de Ronaldo e que a decisão de escalá-lo foi exclusiva do técnico Zagallo. O Brasil voltou para casa humilhado por Zinedine Zidane e companhia. Foram 3 a 0, fora o baile em campo. Antes disso, a seleção canarinho jamais havia perdido um jogo de Copa do Mundo por tamanha diferença de gols. Para piorar, pela primeira vez, desde 1974, o Brasil perdeu dois jogos no mesmo mundial. No fim das contas, a equipe terminou a competição como a mais vazada entre as 32 seleções participantes e voltou para o país tropical de mãos abanando e com uma história muito mal contada na bagagem.





▶ BRASIL PENTACAMPEÃO



2002

O BRASIL SE SUPERA E É PENTA

A COPA DO MUNDO
DE 2002 FOI AQUELA
EM QUE ALGUMAS
SELEÇÕES CONSAGRADAS
E FAVORITAS
DECEPCIONARAM E
OUTRAS SEM TRADIÇÃO
SURPREENDERAM.

Foi também a primeira e até hoje a única com dois países-sedes e a ser realizada fora da Europa ou das Américas e a última em que o campeão anterior teve vaga garantida – desde então, ele também tem que disputar as eliminatórias. Para o Brasil, em particular, foi a copa da superação de um time desacreditado e de um jogador, Ronaldo, tido por muitos como acabado. Ambos deram a volta por cima, e saíram da competição campeões consagrados e reconhecidos com o aplauso de todos.

O primeiro país a manifestar oficialmente o desejo de sediar a Copa de 2002 foi o Japão, em 1989. A intenção foi bem acolhida pelo presidente da FIFA, o brasileiro, João Havelange, interessado, como sempre, expandir o mercado do futebol para a Ásia e, claro, os lucros da entidade que dirigia. Mais tarde, em 1993, a Coreia do Sul, também apresentou sua candidatura. Surgiu pouco depois a ideia de dividir a organização do mundial entre os dois países. A princípio o Japão rechaçou a ideia, mas mais tarde acabou aceitando-a. Assim, em junho de 1996, o Comitê Executivo da FIFA definiu os dois países como sedes da Copa de 2002.

❖ ELIMINATÓRIAS

Um total de 199 seleções – um recorde até então – se inscreveram para disputar as 29 vagas para o torneio.

Pela primeira e única vez na história da competição, três equipes já tinham suas vagas garantidas, os dois países-sedes, Japão e Coreia do Sul, e a campeã anterior, a França. Seguindo o modelo de copas anteriores, a FIFA distribuiu as vagas por zonas continentais. Para a Europa foram destinadas 13 (mais a da França), para a África, cinco; para a América do Sul e Ásia, quatro cada uma; e para América do Norte, Central e Caribe, três. Mais uma vaga seria disputado entre o quinto lugar da América do Sul e o primeiro lugar da Oceania; e outra entre o melhor segundo colocado dos grupos da Europa e o vencedor dos play-offs da Ásia.

Começaram nessas eliminatórias as dificuldades da seleção brasileira e as desconfiança da torcida e da imprensa em relação ao potencial do time. Não sem razão, diga-se. O Brasil, que até então só havia perdido uma partida em eliminatórias, em 1993, para a Bolívia, nesta foi derrotado nada menos do que seis vezes – Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Paraguai e Uruguai. A vaga só foi garantida na última partida, contra a Venezuela, no dia 14 de novembro de 2001, em São Luís, no Maranhão. O time se classificou em terceiro lugar, apenas três pontos à frente da Colômbia sexta colocado, que ficou de fora até da repescagem.

Ao final das disputas das eliminatórias, estavam classificadas as seleções de África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Bélgica, Brasil, Camarões, China, Coreia do Sul, Costa Rica, Croácia, Dinamarca, Equador, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Irlanda, Japão, México, Nigéria,



Paraguai, Polônia, Portugal, Rússia, Senegal, Suécia, Tunísia, Turquia e Uruguai. Entre os fatos notáveis dessas eliminatórias estão a não classificação de Holanda e Iugoslávia e o retorno ao torneio de Portugal, depois de 16 anos, e da Turquia depois de 48 – a última copa disputada pelo país havia sido em 1954. Além disso, estrearam na competição China, Equador, Eslovênia e Senegal.

❖ **PRIMEIRA FASE**

A exemplo da copa anterior, na primeira fase as 32 seleções foram divididas em oito grupos de quatro times, dos quais os dois primeiros de cada chave passavam para as oitavas de final.

Foi aqui, nesta fase de grupo, que começaram as surpresas e decepções. Duas delas aconteceram no Grupo A, composto por Dinamarca, França, Senegal e Uruguai. Do lado das surpresas ficou o Senegal, que, com um futebol alegre e ofensivo venceu os franceses (1 a 0) e empatou com os dinamarqueses (1 a 1) e uruguaios (3 a 3), ficando com a segunda vaga do grupo. A primeira foi da Dinamarca, que ainda derrotou o Uruguai (2 a 1) e a França (2 a 0). Do lado das decepções ficaram os uruguaios, mas principalmente os franceses, campeões anteriores e favoritos ao título, eliminados já nesta primeira fase.

No Grupo B, os classificados foram os esperados, Espanha, primeira colocada, e Paraguai. Os espanhóis tiveram 100% de aproveitamento, vencendo a Eslovênia (3 a 1), o Paraguai (3 a 1) e a África do Sul (3 a 2). No Grupo C, tudo normal também. O Brasil, apesar de ainda ser visto com desconfiança, derrotou seus três adversários. Na estreia, contra a Turquia, contou, é verdade com uma ajudazinha do juiz, além de levar um susto, para vencer por 2 a 1. O placar foi aberto pelos turcos, que viriam a ser uma das surpresas da Copa, por intermédio de Sas, aos 47 minutos do primeiro tempo. No segundo tempo, um gol de Ronaldo, logo aos 5 minutos, tirou o Brasil do sufoco, mas nem tanto. O empate perdurou até os 41 minutos, quando o árbitro, o sul-coreano Kim Young Joo resolveu dar uma ajudazinha à equipe de Felipão. Luizão, que havia entrado no lugar de Ronaldo, dominou uma bola chutada errado pelo goleiro Rüstü, e correu em direção ao gol para bater de mais perto. A cinco metros da área, foi agarrado pela camisa pelo zagueiro Alpay, mas continuou correndo. Só caiu na entrada da área, quando o adversário o largou. O juiz marcou pênalti, que Rivaldo converteu: 2 a 1, placar final. Nos jogos seguinte, o Brasil goleou a China (4 a 0) e a Costa Rica (5 a 2).

No Grupo D, mais surpresa e decepção. A Coreia do Sul – que contou com a ajuda dos juízes durante toda a copa – se classificou em primeiro, vencendo a Polônia (2 a 0) e Portugal (1 a 0) e empatando com os Estados Unidos (1 a 1), que ficou com a segunda vaga. As decepções foram Portugal e Polônia, eliminados. No Grupo E, nada de anormal, com a Alemanha em primeiro, depois de golear a Arábia Saudita (8 a 0), empatar com a Irlanda (1 a 1) e ganhar de Camarões (2 a 0). Os irlandeses se classificaram em segundo.



Outra decepção ocorreu no Grupo F, com a eliminação precoce da Argentina, que havia tido um desempenho excelente nas eliminatórias, classificando-se em primeiro lugar, e era uma das favoritas ao título. Quem se classificou em primeiro foi Suécia, que empatou a Inglaterra (1 a 1) e a própria Argentina (1 a 1) e ganhou da Nigéria (2 a 1). A segunda vaga foi da Inglaterra. No Grupo G, o México classificou em primeiro, depois de vencer a Croácia (1 a 0) e o Equador (2 a 1) e empatar com a Itália (1 a 1), que ficou em segundo. No Grupo H, o Japão ficou em primeiro, depois de empatar com a Bélgica (2 a 2), a segunda colocada, e vencer a Rússia (1 a 0) e a Tunísia (2 a 0).

❖ OITAVAS DE FINAL

Nessa fase começou o mata-mata, quem perdia voltava para casa mais cedo.

Com os resultados da fase de grupos, se classificaram para as oitavas Alemanha, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, Itália, Japão, México, Paraguai, Senegal, Suécia e Turquia. Nos jogos decididos no tempo normal, a Alemanha eliminou o Paraguai (1 a 0); os Estados Unidos, o México (2 a 0); a Inglaterra, a Dinamarca (3 a 0); e a Turquia, o Japão.

Outros dois jogos foram decididos na prorrogação. Num deles, Coreia do Sul e Itália empataram em 1 a 1 no tempo normal. No tempo extra, a Coreia fez mais um. Mas também contou com a ajuda do juiz. Os italianos reclamaram de um pênalti não marcado em Totti, no tempo extra, que ainda foi expulso por simulação de falta. No outro, Senegal e Suécia também empataram em 1 a 1 no tempo normal. Na prorrogação, os africanos marcaram um gol, passando à fase seguinte. Um terceiro jogo, entre Espanha e Irlanda só foi decidido nos pênaltis (3 a 2, para a os espanhóis), depois de empate em 1 a 1 no tempo normal e 0 a 0 na prorrogação.

No jogo do Brasil contra a Bélgica, em Kobe, no Japão, goleiro brasileiro Marcos teve mais trabalho do que se esperava. Para surpresa de muitos, os belgas jogaram ofensivamente e obrigaram Marcos a fazer pelo menos quatro grandes defesas. Como se não bastasse, com o jogo ainda em 0 a 0, os belgas marcaram um gol aos 35 minutos do primeiro tempo. Mas o juiz jamaicano Peter Prendergast anulou, marcando uma falta que só ele viu do autor do gol, Wilmots, em Roque Júnior. O choque fez o Brasil reagir. Mas os gols só vieram no segundo tempo, aos 22, com Rivaldo, e aos 42, de Ronaldo. O Brasil seguia adiante.

❖ QUARTA DE FINAL

Nesta fase, os oito classificados – Alemanha, Brasil, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Senegal e Turquia – se enfrentariam para definir quem iria para as semifinais.

Num dos jogos, a Alemanha despachou os Estados Unidos, por 1 a 0. Um confronto foi definido na prorrogação: Turquia e Senegal terminou em 0 a 0 no tempo





normal e no tempo extra os turcos fizeram um gol. Surpreendentemente, a Turquia estava nas semifinais. Mas os africanos também tinham o que comemorar: em sua primeira copa, ficaram em sétimo lugar na classificação geral. Outra partida, entre Coreia do Sul e Espanha, foi decidida nos pênaltis (5 a 3, para os coreanos), depois de empate em 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação. Também de forma inesperada – mas com uma ajudinha dos juízes – a Coreia estava na semifinal.

O Brasil foi outro time que passou para as semifinais, derrotando a Inglaterra por 2 a 1, num jogo muito difícil que muitos consideraram uma final antecipada. Para complicar, a seleção jogou quase todo o segundo tempo com um jogador a menos. Mas quem abriu o placar foi a Inglaterra, com Owen, aproveitando uma falha de Lúcio e encobrendo Marcos. Os ingleses se animaram e foram para cima, mas o Brasil conseguiu aguentar a pressão e empatar o jogo aos 47 minutos.

No segundo tempo, os brasileiros voltaram dispostos a virar o jogo. E logo conseguiram. Aos 4 minutos, Ronaldinho Gaúcho fez um golaço de falta, da ponta direita. Quando todos pensavam que ele iria cruzar, ele chutou direto a gol, encobrendo o goleiro Seaman. Oito minutos depois, ele foi expulso deixando o Brasil com 10. Todo mundo pensou que a Inglaterra iria dominar o jogo, mas não foi o que aconteceu. O confronto terminou em 2 a 1 e o Brasil estava numa das semifinais.

❖ SEMIFINAIS

Os resultados das quartas de final definiram as duas semifinais: Alemanha x Coreia do Sul e Brasil x Turquia, repetindo o jogo da primeira fase, só que agora no Japão – o primeiro havia sido na Coreia do Sul.

O jogo entre coreanos e alemães foi realizado no dia 25 de junho, no Estádio Sang-am de Seul. A Alemanha venceu por 1 a 0, com gol de Ballack, aos 30 minutos do segundo tempo. Dessa forma, o time germânico chegava a sua sétima final de copa do mundo, tendo vencido três delas. Para a Coreia do Sul estava de bom tamanho, pois o time fez história. Foi o primeiro país asiático a ficar entre os quatro primeiros colocados de uma copa. De quebra, superou o rival e coorganizador da copa, o Japão, que havia caído nas oitavas de final.

Na outra semifinal, Brasil e Turquia se enfrentaria pela segunda vez no torneio. Aliás, esta foi a quarta vez que a seleção brasileira enfrentava um mesmo adversário duas vezes numa mesma copa. Em 1938 e 1962 jogou duas vezes com a Tchecoslováquia e 1994, com a Suécia. Nesse segundo encontro, a Turquia por certo queria se vingar da derrota na primeira fase, conseguida pelos brasileiro graças a um pênalti inexistente.

Para piorar a situação para o Brasil, Ronaldinho Gaúcho estava suspenso e Ronaldo, sentindo a perna esquerda, era dúvida até a véspera do jogo. Na partida, de fato a Turquia jogou melhor no primeiro tempo e teve mais chances de gol. Mas Ronaldo estava em campo e aos 4 minutos do segundo tempo mostrou a que veio. De bico de chuteira, aproveitou um passe de Gilberto Silva e marcou o único gol



da partida. Assim como a Alemanha, o Brasil também chegava a sua sétima final, a terceira consecutiva, mas com um título a mais.

❖ A FINAL

Parece inacreditável, mas o Brasil, que havia participado de todas as 17 copas até então – incluindo a de 2002 – e a Alemanha, de 15 delas, se enfrentariam pela primeira vez numa copa do mundo. E logo numa final. Isso mesmo.

As duas seleções, que haviam participado, uma ou outra, de todas as finais entre os copas de 1950 e 1998, com exceção da de 1978, nunca tinham se enfrentado na competição. Além disso, de acordo com as expectativas antes do torneio do Japão e da Coreia do Sul, as equipes eram azarões, zebras. As maiores favoritas eram França e Argentina, que voltaram para casa ainda na primeira fase.

Com a bola em campo, a Alemanha, apesar de estar desfalcada de seu melhor jogador, Ballack, teve mais a sua posse no primeiro tempo, mas o Brasil foi mais ao ataque, principalmente nos 15 minutos finais, e teve mais chances de gol. No segundo tempo, a situação se inverteu e os alemães começaram melhor e tiveram várias chances de gols, algumas delas salvas por Marcos, que teve grande atuação.

Seu colega de posição do outro lado, Oliver Kahn, eleito pela FIFA na véspera da partida o melhor jogador da copa, não teve a mesma eficiência. Aos 22 minutos, ele “bateu roupa”, soltando um chute rasteiro de Rivaldo. Ronaldo, que estava atento, chegou na corrida e abriu o placar. Aos 33, Kleberson cruzou da direita, Rivaldo, na entrada da área, abriu as pernas e deixou a bola passar. Ronaldo, que vinha atrás, ajeitou-a e mandou no canto esquerdo, fechando o placar. Brasil pentacampeão.

Foi a melhor campanha da seleção brasileira em todas as copas, com sete vitórias em sete jogos. Superou inclusive a do fabuloso time tricampeão em 1970, que também teve 100% de aproveitamento, mas disputou uma partida a menos. Além de uma recompensa coletiva para um time que saiu desacreditado, o título também representou uma vitória pessoal para alguns deles. O maior exemplo foi Ronaldo, que havia tido uma convulsão no dia da final da copa anterior, tendo um desempenho pífio naquela partida, e tendo graves lesões nos quatro anos seguintes, que o levaram a três cirurgias.

Quase ninguém acreditava na sua recuperação para a copa de 2002 e muitos o davam como “bichado”, ou seja, acabado para o futebol. Também foi uma vitória pessoal do técnico, Luiz Felipe Scolari, o Felipão, que resistiu à intensa pressão da imprensa e da torcida para convocar Romário e apostou em Ronaldo e em Rivaldo, que também estava se recuperando lesão. É preciso registrar ainda, que Cafu, que virou capitão depois do corte de Emerson, por lesão, às vésperas da estreia do Brasil na copa, é o único jogador da história até hoje a disputar três finais consecutivas. Mais do que justo, portanto, que tenha sido ele a repetir o gesto inaugurado por Bellini, de erguer a taça, na conquista da primeira copa pela seleção canarinho.



2006

CHEIO DE CRAQUES, BRASIL PERDE MAIS UMA

JÁ EM 2006 A COPA DO
MUNDO PODERIA TER
VOLTADO AO BRASIL.
OU TER IDO PARAR NA
ÁFRICA DO SUL, PARA
ONDE FOI EM 2010.

Inglaterra e Marrocos também eram países candidatos. No entanto, na última hora, a Nova Zelândia mudou seu voto e optou pela Alemanha. Houve, inclusive, suspeita de compra de votos na disputa. Mas, os europeus, de fato, levaram a melhor. Como preparação para a grande competição, a FIFA organizou a Copa das Confederações 2005 na Alemanha. Com a nação preparada, pela segunda vez – a primeira foi em 1974 –, os 32 países vivenciaram quatro semanas de puro futebol em doze cidades-sede. Foram 64 jogos, 147 gols e 3.359.439 espectadores nos estádios, mais uma audiência estimada em mais de 30 bilhões de torcedores por meio de diversos veículos de comunicação no mundo todo.

A Copa de 2006 foi marcada pela despedida memorável – e melancólica – do craque Zinedine Zidane. Pelo seu ótimo desempenho, ele levou para casa a Bola de Ouro. No entanto, ele sempre será lembrado pela expulsão na prorrogação da partida final entre Itália e França, quando agrediu o zagueiro Marco Materazzi com uma cabeçada no peito. De herói francês, o meia virou vilão em sua despedida do futebol aos 34 anos. Deixou o gramado debaixo de uma vaia estrondosa.

❖ ELIMINATÓRIAS

O número de países inscritos nas eliminatórias chegou a 197.

Uma das novidades deste mundial foi a necessidade do campeão do torneio anterior, no caso, o Brasil, disputar as eliminatórias. Por isso, havia 31 vagas em disputa – apenas o país sede, Alemanha, estava com a sua garantida. A FIFA repetiu a distribuição das vagas por zonas continentais. Assim, a Europa tinha 14 vagas (incluindo a Alemanha); a África, cinco; América do Sul, quatro; a Ásia, quatro; e a América do Norte, Central e Caribe, três. O quinto lugar da América do Sul e o primeiro lugar da Oceania disputariam uma vaga, e o quarto lugar da América do Norte e o quinto lugar da Ásia lutariam por outra.

Entre as curiosidades dos resultados das eliminatórias, estava o fato de que, pela primeira vez, três países de Língua Portuguesa se classificaram (Portugal, Angola e Brasil). Também foi a primeira vez que a região da América do Norte, Central e Caribe teriam quatro representantes na copa, o mesmo número de América do Sul e Ásia. Além da Alemanha, os países classificados foram Angola, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Coreia do Sul, Costa do Marfim, Costa Rica, Croácia, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Gana, Holanda, Inglaterra, Irã, Itália, Japão, México, Paraguai, Polônia, Portugal, República Tcheca, Sérvia e Montene-





gro, Suécia, Suíça, Togo, Trinidad e Tobago, Tunísia e Ucrânia. Entre todos esses, o grande favorito, mais uma vez, era o Brasil. Com um novo técnico, Carlos Alberto Parreira, e alguns astros que haviam brilhado na seleção vitoriosa na copa anterior, como Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Roberto Carlos, mais Kaká, que havia sido reserva em 2002, e Adriano, chamado de "Imperador" na Inter de Milão, o time era considerado quase imbatível. A conquista da Copa das Confederações um ano antes parecia confirmar essa crença. Em campo, a história foi outra.

Quem também estava no páreo eram as seleções argentina, inglesa e italiana. Pouco se falava na anfitriã, a Alemanha. Segundo uma pesquisa publicada em março do ano da competição, somente 3% da população alemã acreditava na vitória. O ceticismo do povo era reflexo dos próprios jogadores do país. O capitão e principal jogador da seleção, Michael Ballack, deu uma entrevista ao Sport-Bild em maio daquele ano afirmando que a equipe era "jovem e inexperiente". Ainda disse que não seria uma surpresa se fosse eliminada logo na primeira fase.

❖ **FASE DE GRUPOS**

Na abertura da Copa, no dia 9 de junho, a Alemanha derrotou a Costa Rica por 5 a 2 e começou a conquistar a confiança da torcida.

Depois de vencer os outros dois jogos da primeira fase, contra Polônia (1 a 0) e Equador (3 a 0) garantiu a liderança do Grupo A. Equador, com duas vitórias, ficou com a segunda vaga. No Grupo B, a Inglaterra foi a líder com duas vitórias, contra o Paraguai (1 a 0) e Trinidad e Tobago (2 a 0), e um empate com a Suécia (2 a 2) e um futebol bem fraquinho. Os suecos garantiram a segunda colocação.

Considerado o mais complicado do torneio, o Grupo C era formado por Holanda, Argentina, Sérvia e Montenegro e Costa do Marfim. Foram os sul-americanos e a Laranja Mecânica que avançaram. Aliás, este grupo ofereceu ao público um dos melhores jogos da competição: a goleada por 6 a 0 da Argentina, primeira colocada, em cima da Sérvia e Montenegro. Os argentinos ainda ganharam da Costa do Marfim (2 a 1) e empataram com a Holanda (0 a 0).

Sob o comando do brasileiro Luís Felipe Scolari, o Felipão, Portugal foi o primeiro colocado do Grupo D ao vencer seus três jogos, contra Angola (1 a 0), Irã (2 a 0) e México (2 a 1). Com um triunfo e um empate, o México ficou com a segunda posição. No Grupo E, uma surpresa. Gana deixou para trás a República Tcheca e avançou em segundo lugar. Itália ficou com a primeira colocação, com duas vitórias, sobre Gana e República Tcheca pelo mesmo placar, 2 a 0, e um empate com os Estados Unidos em 1 a 1.

No Grupo F, a seleção brasileira até que conseguiu confirmar o favoritismo e teve 100% de aproveitamento. Kaká fez o gol de uma vitória difícil por 1 a 0 so-



bre a Croácia. Em cima da Austrália foram 2 a 0, gols de Adriano e Fred. Contra o Japão, um placar ainda mais amplo: 4 a 1, com dois gols de Ronaldo, um de Juninho Pernambucano e um de Gilberto. Os australianos ficaram em segundo lugar, enquanto o Japão, na época com o técnico brasileiro Zico, foi eliminado.

No Grupo G, a primeira colocação ficou com a Suíça, com um empate e duas vitórias. No primeiro jogo, o time empatou com a França (0 a 0) e depois venceu Togo e Coreia do Sul, ambas as partidas por 2 a 0. Com mais dificuldade, a França teve que suar para avançar. Já no Grupo H deu a lógica. Com 100% de aproveitamento, a Espanha garantiu a primeira posição, vencendo Ucrânia (4 a 0), Tunísia (3 a 1) e Arábias Saudita (1 a 0). A Ucrânia conseguiu a segunda vaga do grupo.

❖ OITAVAS DE FINAL

Nessa fase começou o mata-mata e quem perdia estava fora.

Numa das partidas, a Alemanha eliminou a Suécia por 2 a 0, com dois gols de Podolski e garantiu a ida à próxima fase. Para a Inglaterra, que eliminou o Equador, por 1 a 0, o herói foi Beckham, que marcou de falta. A favorita Argentina sofreu para passar pelo México. O gol da classificação veio dos pés de Maxi Rodríguez, mas só na prorrogação.

Em outros confronto, Portugal venceu a Holanda, por 1 a 0, com gol de Maniche, e passou para as quartas. Com muita dificuldade, a Itália derrotou a Austrália, por 1 a 0. O gol surgiu em pênalti duvidoso, já nos acréscimos do segundo tempo, batido por Totti. Depois de empate em 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, a Ucrânia eliminou a Suíça nos pênaltis, os únicos gols que os suíços sofreram em toda a competição. Na sua vez, a França eliminou os espanhóis, por 3 a 1, com gols de Ribéry, Vieira e Zidane. Para a Espanha marcou Villa.

Uma atuação mediana e sem brilho foi suficiente para o Brasil eliminar Gana com uma vitória por 3 a 0, com gols de Ronaldo, Adriano e Zé Roberto. Além de ter vencido, a seleção estabeleceu marcas históricas. Nesta partida, chegou aos 201 gols em mundiais. Ronaldo conseguiu a marca de maior artilheiro da história das copas, com 15 gols, e Cafu atuou pela décima nona vez em jogos do Mundial, um recorde brasileiro.

❖ QUARTA DE FINAL

Pelas quartas-de-final Alemanha e Argentina ficaram apenas no empate em 1 a 1 e a partida foi resolvida nos pênaltis.

O goleiro Lehmann defendeu duas cobranças e levou os anfitriões para as



semifinais. Autor de dois gols, Luca Toni foi o destaque da vitória por 3 a 0 da Itália em cima da Ucrânia. Inglaterra e Portugal não saíram do 0 a 0 no tempo normal. Mas tudo bem. Ricardo brilhou nos pênaltis, defendendo as cobranças de Lampard, Gerrard e Carragher, e classificou o time de Felipão.

Foi nessa fase que o barco do Brasil afundou. Mais do que a derrota para os franceses, foi a baixa produtividade do time durante toda a Copa do Mundo que frustrou a torcida. Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Ronaldo e Adriano, famoso quadrado mágico não conseguiu nenhum truque salvador. Só decepção. Com os holofotes voltados aos atacantes, quem brilhou mesmo foram os zagueiros. Mas o desempenho defensivo não foi capaz de evitar uma campanha para ser esquecida. A seleção do técnico Carlos Alberto Parreira foi eliminada depois de perder para a França por 1 a 0. Com isso surgiu um bombardeio de críticas.

A torcida contestava a maneira de treinamento dos jogadores. Invasão de torcedores ao campo, relatos de abusos na noite e exageros por parte de alguns atletas também foram grandes alvos de críticas. Além disso, a demora do treinador em mudar a equipe durante os jogos, principalmente na vitória francesa, também colocou lenha na fogueira. O então campeão mundial voltou cedo para casa, carregando um fardo que nenhum quadrado mágico era capaz de anular.

❖ SEMIFINAIS

Numa das semifinais, com gol de Zidane, de pênalti, na vitória por 1 a 0 sobre Portugal, a França garantiu sua passagem para a final.

Embora frustrados, para os portugueses até estava de bom tamanho. Sob o comando do brasileiro Luís Felipe Scolari, campeão com seu país no torneio anterior, Portugal chegou perto de igualar seu melhor desempenho em copas do mundo, que foi o terceiro lugar em 1966.

O outro jogo das semifinais, entre Alemanha e Itália, foi um dos melhores da competição. Nos dois tempos normais o duelo não teve gols. Foi somente na segunda etapa da prorrogação que a *Azzurra* marcou duas vezes, com Grosso e Dal Piero, e se classificou, calando os donos da casa. Na briga pelo terceiro lugar, a melhor ficou com a Alemanha, que colocou 3 a 1 em cima dos portugueses.

❖ FINAL

Doze anos depois de perder o tetra para o Brasil nos



pênaltis, a quarta taça mundial chegou à Itália em 2006, após um jogo disputadíssimo contra a França.

A *Azzurra* venceu por 5 a 3 nos pênaltis e se isolou como segunda maior vencedora da história com quatro conquistas, atrás apenas dos cinco títulos brasileiros. A final de 2006 foi a primeira a ir para a prorrogação desde 1994. Foi também a primeira vitória da Itália em uma decisão por pênaltis em Copa do Mundo. O time havia perdido para a Argentina na semifinal de 1990, para o Brasil na final de 1994 e para a mesma França nas quartas de final de 1998.

O triunfo veio na sequência de um escândalo. O caso, revelado semanas antes do mundial, envolvia um esquema de manipulação e corrupção de árbitros no futebol italiano. A Juventus, equipe de Buffon e centro do alvoroço, acabou rebaixada para a segunda divisão e teve dois títulos do futebol italiano cassados pelo Tribunal Disciplinar da Federação Italiana de Futebol. Se fora das quatro linhas a situação era tensa, dentro de campo também houve alguns sustos. Na primeira fase, a Itália empatou com os Estados Unidos e venceu Gana e República Tcheca sem convencer. Nas oitavas de final, sofreu para eliminar a Austrália.

Mas a partir daí, a seleção italiana deslanchou. Mais ofensivas e envolventes do que se poderia esperar, Itália e França protagonizaram uma partida eletrizante, com uma bola dourada especial, diferente das utilizadas nos 63 jogos anteriores. Os franceses abriram o placar logo no começo do jogo. Aos 6 minutos, Materazzi atingiu Malouda dentro da área. O francês caiu e o árbitro Horacio Elizondo interpretou que o zagueiro da *Azzurra* tinha feito o pênalti. Zidane cobrou e a bola subiu o bastante para bater no travessão e cair perto da linha, mas dentro do gol.

Por alguns minutos o que se viu foi uma Itália nervosa. No entanto, ainda na primeira etapa, aos 19 minutos, Pirlo cobrou escanteio da direita e Materazzi pulou alto para cabecear e fazer o gol. No segundo tempo, um jogo apressado e aberto. A Itália ainda teve um gol anulado corretamente. Mesmo com a pressão francesa nos minutos finais, a partida foi para o tempo extra. Também sem vitorioso. A Itália atuava na retranca, enquanto a França buscava armar jogadas com muitos toques pacientes. Foi aos 2 minutos do segundo tempo extra que Zidane deu um fim deselegante a sua carreira: longe da ação do jogo, em um ímpeto de fúria, o atacante deu uma cabeçada no peito de Materazzi e acabou expulso.

Mais do que o craque da Copa de 2006, foi ele o protagonista do mundial, a figura mais emblemática. Depois de levar a França à final da Copa do Mundo, Zidane foi um dos maiores responsáveis pela derrota do país. Sem ele, a França não teve forças para atacar na prorrogação e não resistiu às penalidades: 5 a 3. Trezeguet foi o único francês a perder o pênalti, dando o título para a equipe italiana, dona da melhor defesa da história das Copas: foram apenas dois gols sofridos, um contra e um de pênalti.





2010

A VEZ DA "FÚRIA" ESPAÑHOLA

A COPA DAS VUVUZELAS,
DO POLVO PAUL, DO BEIJO
AO VIVO DO GOLEIRO
CASSILLAS NA NAMORADA
REPÓRTER SARA
CARBONERO, DE LARISSA
RIQUELME E DE FÓRLAN.

Mas, acima de tudo, a Copa da África do Sul. De 11 de junho a 11 de julho de 2010, pela primeira vez, em 19 edições, o evento foi sediado em um país do continente africano. Sem praticamente nenhuma tradição no esporte, para que o mundial chegasse até à região, uma grande preparação foi necessária. Cinco novos estádios especialmente dedicados ao futebol foram construídos, fato inédito no país. Sob o antigo governo do *apartheid*, os estádios eram construídos exclusivamente para o rúgbi e o críquete.

No entanto, problemas apareceram no caminho. A FIFA chegou a pensar que não daria tempo. Em 2008, em virtude dos atrasos nos preparativos, se cogitou, inclusive, sobre a troca da sede da Copa. Para piorar, em 2009, os operários sul-africanos entraram em greve e obras em estádios, rodovias, ferrovias, aeroportos e hospitais foram interrompidas. Até o início do campeonato tudo ficou pronto, no entanto, para que os sul-africanos recebessem as 32 seleções participantes.

A Jabulani, bola oficial da Copa de 2010, foi extremamente bem usada em apenas um jogo, já que a edição teve somente uma grande goleada: quando Portugal fez 7 a 0 em cima da Coreia do Norte. Depois de 31 dias de futebol, o troféu foi para as mãos dos comandados do técnico Vicente del Bosque, da seleção espanhola. No entanto, o sucesso da África do Sul na organização do torneio também foi motivo de festa. O fato da seleção dona da casa ter sido a primeira anfitriã a ser eliminada na fase de grupos não afetou em nada o entusiasmo dos torcedores nem diminuiu o volume do ininterrupto som das vuvuzelas.





❖ **ELIMINATÓRIAS**

A novidade das eliminatórias da Copa do Mundo FIFA de 2010 foi a diminuição de uma vaga destinada à Europa, que passou a 13, e o aumento correspondente para a África, que teria agora seis.

A América do Sul ficou com quatro e América do Norte, Central e Caribe, com 3. Ao final das eliminatórias, mais duas vagas foram disputadas por repescagens intercontinentais entre América do Sul e América do Norte, Central e Caribe e entre África e Oceania. No fim do processo, estavam classificadas África do Sul, Alemanha, Argélia, Argentina, Austrália, Brasil, Camarões, Chile, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Costa do Marfim, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, França, Gana, Grécia, Holanda, Honduras, Inglaterra, Itália, Japão, México, Nigéria, Nova Zelândia, Paraguai, Portugal, Sérvia, Suíça e Uruguai.

Foi a primeira vez que Coreia do Sul e a Coreia do Norte competiram simultaneamente. Assim como também foi inédita a participação de duas seleções da Oceania em uma mesma edição do mundial e a participação recorde de seleções africanas – foram seis, no total. Diferente da edição da Alemanha, a Copa da África contou com a presença ilustre de todos os campeões mundiais: o pentacampeão Brasil, a tetracampeã Itália, a tricampeã Alemanha, os bicampeões Argentina e Uruguai, e ainda os campeões França e Inglaterra.

❖ **PRIMEIRA FASE**

Como em todas as edições desde 1998, a fase de grupos contou com 32 seleções divididas em oito grupos com quatro seleções cada.

Na primeira fase do campeonato, as equipes se enfrentaram no sistema de todos contra todos, em turno único. As oitavas-de-final, as quartas-de-final, as semifinais e a final foram disputadas em sistema eliminatório. O país anfitrião, a África do Sul, que fazia parte do Grupo A juntamente com México, Uruguai e França, foi eliminado já nesta fase de grupos.

Desse grupo, quem passou para a próxima fase Uruguai e México, que obteve apenas uma vitória, 2 a 0 contra a França, e mesmo assim se classificou. No jogo de estreia, a África do Sul empatou com o México por 1 a 1. No segundo jogo, perdeu de 3 a 0 para o Uruguai. No último chegou a vencer a seleção francesa por 2 a 1 e alcançar os quatro pontos, juntamente com o México. No entanto, não bastou. A equipe Bafana Bafana, treinada pelo brasileiro Carlos Alberto Parreira, não se classificou devido ao saldo de gols. Para ficar com o



primeiro lugar, o Uruguai empatou com a França (0 a 0) e ganhou do México (1 a 0). No Grupo B avançaram Argentina – depois de vencer por 1 a 0 a Nigéria, por 4 a 1 a Coreia do Sul e por 2 a 0 a Grécia – e Coreia de Sul. No Grupo C deu a lógica, sem surpresas. Estados Unidos e Inglaterra brilharam e avançaram em primeiro e segundo lugar, respectivamente. Americanos e ingleses empataram em 1 a 1. Os Estados Unidos ainda empatou em 2 a 2 com a Eslovênia e venceu por 1 a 0 a Argélia. No Grupo D quem deixou boa impressão foi Gana, que ocupou a segunda posição com 4 pontos, atrás apenas da Alemanha, que goleou a Austrália (4 a 0) perdeu para a Sérvia (1 a 0) e venceu Gana (1 a 0).

A Holanda disparou no Grupo E, com 100% de aproveitamento. A Laranja Mecânica passou por cima da Dinamarca por 2 a 0, depois deixou para trás o Japão com 1 a 0 e ainda venceu a seleção de Camarões por 2 a 1. O Japão ficou em segundo. No Grupo F, quem decepcionou foi a Itália que, sem nenhuma vitória, deixou a competição logo na primeira fase. A Nova Zelândia também não ganhou de ninguém. O primeiro lugar ficou com o Paraguai, que empatou com a Itália (1 a 1) e a Nova Zelândia (0 a 0) e venceu a Eslováquia (2 a 0), que ficou com a segunda vaga.

❖ O BRASIL

Pela 19ª vez ela estava lá. A seleção pentacampeã, desta vez comandada por Dunga, continuava sendo a única a participar de todas as fases finais da história da Copa do Mundo.

Em 11 de maio, foi divulgada a lista com os 23 jogadores que disputariam o mundial de 2010. Dunga descartou os clamores pelas convocações de Neymar, Paulo Henrique Ganso e Ronaldinho Gaúcho. Também optou por deixar de fora medalhões como Ronaldo, Adriano e Roberto Carlos. Nem por isso a equipe não era considerada uma das favoritas.

Com nomes como Robinho e Kaká, no auge da carreira, tinha tudo para dar certo. Já na estreia, porém, dúvidas passaram a cercar a camisa amarela. Apesar da vitória por 2 a 1, a seleção canarinho deixou o campo sabendo que poderia ter feito mais contra a Coreia do Norte. A promessa de atuações melhores com o avançar da competição parecia não bastar ao torcedor. Com mais vontade de jogar, a equipe voltou a vencer, desta vez por 3 a 1, a Costa do Marfim e ficou no empate em zero a zero contra Portugal. Os resultados bastaram para que o país ficasse com o primeiro lugar do Grupo G. Os portugueses ficaram em segundo.

No Grupo H, Espanha e Chile realizaram uma campanha muito semelhante. Ambas avançaram com 6 pontos, duas vitórias e uma derrota. A Espanha per-





deu na estreia, por 1 a 0, para a Suíça. O time se recuperou e fez 2 a 0 em cima de Honduras e 2 a 1 em cima do Chile. O Chile começou a competição com o pé direito, vencendo por 1 a 0 a seleção hondurenha. Ainda venceu a Suíça, também por 1 a 0 e só fraquejou mesmo diante dos espanhóis, que mais tarde iriam ser os grandes campeões.

❖ **OITAVAS DE FINAL**

De 26 e 29 de junho, as 16 equipes classificadas para as oitavas-de-final se enfrentaram em confronto direto.

O Uruguai bateu a Coreia do Sul por 2 a 1, mesmo resultado de Gana sobre Estados Unidos. Alemanha e Inglaterra protagonizaram um dos melhores jogos da competição, que acabou em 4 a 1 e com a Alemanha classificada à próxima fase. A Argentina também se classificou depois de vencer o México por 3 a 1. A Laranja Mecânica passou pela Eslováquia, marcando 2 a 1. Os espanhóis também passaram por cima dos portugueses, com 1 a 0. A única disputa que foi decidida nos pênaltis foi entre Paraguai e Japão. Quem levou a melhor foi a Celeste.

O Ellis Park Stadium, em Joanesburgo, foi palco da melhor partida da seleção brasileira na competição. Em frente a mais de 54 mil pessoas, o time de Dunga eliminou o Chile, que não teve oportunidade de se achar em campo, por 3 a 0. Os gols saíram dos pés de Juan, Luís Fabiano e Robinho.

❖ **QUARTAS DE FINAL**

Uruguai, Gana, Alemanha, Argentina, Holanda, Brasil, Paraguai e Espanha foram, então, os que chegaram às quartas.

Desta vez as equipes que tiveram que decidir quem avançava nas penalidades máximas foram Uruguai e Gana, que empataram em 1 a 1 no tempo normal e 0 a 0 na prorrogação. Os atletas africanos ficaram nervosos e acertaram apenas duas cobranças, colocando o Uruguai nas semifinais. Os argentinos também decepcionaram. Levaram uma goleada de 4 a 0 da Alemanha, fora o baile. Enquanto isso, a Espanha mostrava que estava disposta a ir até o fim e venceu o Paraguai por um placar magro, mas suficiente: 1 a 0.

Foi nesta fase que os brasileiros deram adeus ao sonho do hexacampeonato, diante da Holanda. No dia 2 de julho de 2010, no Nelson Mandela Bay Stadium, em Porto Elizabeth, a vilã da história foi a seleção holandesa, a famosa Laranja Mecânica. Durante os primeiros 45 minutos de partida, o domínio foi todo brasileiro. Logo aos 10 minutos, Robinho se livrou da marcação no centro



do campo e aproveitou um buraco deixado pela defesa neerlandesa para marcar. E foi difícil para a Holanda furar a defesa da equipe canarinho. Somente aos 7 minutos veio o empate, em uma falha grotesca do Brasil. Wesley Sneijder cruzou para a área, em direção ao gol. Filipe Melo saltou para cabecear, atrapalhando o goleiro Júlio César, e a bola entrou.

Foi o mesmo Sneijder, um dos jogadores mais baixos no campo, que marcou de cabeça o gol da vitória, aos 23 minutos do segundo tempo. Na cobrança de um escanteio, Dirk Kuyt apareceu em corrida e cabeceou para trás, para o centro da área onde estava Sneijder, que aproveitou para marcar. Filipe Melo, culpado por muitos pela eliminação brasileira, ainda foi expulso da partida aos 28 minutos, depois de pisar no atacante neerlandês Robben. Com um a menos e com a derrota batendo à porta, os atletas do país tropical ficaram ainda mais nervosos e não conseguiram empatar o jogo – amargando o sexto lugar e adiando por, pelo menos, mais quatro anos a sexta vitória no mundial. Ficou para 2014, em casa, o compromisso do hexa.

❖ SEMIFINAIS

Para chegar ao ápice da competição Holanda e Espanha pegaram verdadeiras pedreiras.

Contra o Uruguai, os holandeses tiveram dificuldades. A Laranja abriu o placar com uma bomba de Van Bronckhorst de fora da área aos 18 minutos. No entanto, ainda no primeiro tempo, o Uruguai empatou aos 41 minutos com Forlán, eleito o melhor jogador da competição. No segundo tempo, Sneijder e Robben marcaram, aos 25 e aos 28 minutos de partida, respectivamente. Maxi Pereira ainda diminuiu já nos acréscimos, mas era tarde demais. Depois de segurar a pressão, após 32 anos a Holanda voltou a uma final de Copa do Mundo.

Já a outra semifinal colocou a Espanha pela primeira vez na grande decisão. A Fúria barrou o bom futebol alemão e jogou demais para vencer por 1 a 0 a partida tranquilíssima, onde o árbitro Viktor Kassai não precisou mostrar nenhum cartão. Xavi foi escolhido o craque do jogo, mas o gol da classificação veio da cabeça de Puyol, aos 27 minutos do segundo tempo.

❖ FINAL

O sucesso de uma geração foi coroado com o primeiro lugar na maior competição futebolística do mundo.

A Espanha já havia ganho a Eurocopa de 2008 em cima da Alemanha, ostentado o 3º lugar na Copa das Confederações de 2009 e era a 2ª colocada dentre





todas as seleções no Ranking Mundial da FIFA. No elenco havia Iker Casillas, eleito melhor goleiro do mundo em 2009 e 2008, Xavi Hernández e Andrés Iniesta, respectivamente 3º e 5º melhores jogadores do mundo em 2009, além de Fernando Torres, David Villa e Cesc Fàbregas.

Depois de eliminar Portugal, Paraguai e Alemanha, na grande final a equipe enfrentou a seleção da Holanda, que mandou para casa Uruguai, Brasil e Eslováquia. Sob o olhar atento de mais de 84 mil espectadores, as duas equipes protagonizaram o primeiro e o segundo tempo sem gols, mas com muita violência no estádio Soccer City, em Joanesburgo. Foram 12 cartões amarelos, cinco deles em um intervalo de apenas 13 minutos, e um vermelho distribuídos pelo juiz Howard Webb – além de um lance de agressão, a “voadora” de De Jong em Xabi Alonso, o qual, posteriormente, o árbitro inglês disse ter se arrependido de não ter determinado a expulsão.

Em um jogo no qual as duas equipes vieram com força máxima, sem surpresas nas escalações, levou a melhor quem tomou o controle do jogo já nos primeiros minutos, mantendo a posse de bola e trocando passes. No entanto, partida se encaminhou sem gols para a sexta prorrogação da história das finais de Copa do Mundo. E o público teve de esperar até o segundo tempo da prorrogação para ver o primeiro – e único – gol da partida.

O herói do título foi Iniesta, que marcou aos 11 minutos de jogo, faltando apenas 4 minutos a decisão ser levada para a disputa de pênaltis. Fàbregas tocou para Iniesta na direita da área e o jogador do Barcelona, que tanto hesitou em chutar durante a partida, encheu o pé para estufar as redes de Stekelenburg. Os holandeses reclamaram muito de impedimento, mas a posição do atleta era legal. Foi a primeira vez que o time espanhol chegou ao título – além disso, foi a primeira seleção europeia a conquistar um título mundial fora do seu continente.

Depois de serem derrotados pela Suíça por 1 a 0 na estreia, os espanhóis se recuperaram e venceram as seis partidas restantes, quatro delas por apenas 1 a 0. Nenhuma seleção havia vencido a Copa do Mundo da FIFA marcando menos gols do que os oito da Espanha, mas o futebol dos ibéricos impressionou mesmo assim. O comando de Xavi e Iniesta no meio de campo, os gols do artilheiro David Villa e a segurança de Iker Casillas bastou.

Já a Holanda voltou para casa frustrada. A equipe venceu os seis jogos para chegar à final, mas perdeu a terceira decisão de Copa do Mundo da sua história – as derrotas no grande momento já haviam aparecido em 1974 e 1978. Nem mesmo a atuação no 4-2-3-1, de forma ofensiva, foi suficiente. Ao menos Wesley Sneijder, que balançou as redes cinco vezes em sete partidas, acabou sendo um dos artilheiros da competição.





ALMANAQUE COMPLETO DA **COPA** **DO MUNDO**



discoverypublicacoes.com.br



COPA DO MUNDO